Visão da Realidade

Krishnamurti

DO MESMO AUTOR:

AS ILUSÕES DA MENTE.
O PROBLEMA DA REVOLUÇÃO TOTAL.
AUTOCONHECIMENTO — BASE DA SABEDORIA.
PERCEPÇÃO CRIADORA.
CLARIDADE NA AÇÃO.
PODER E REALIZAÇÃO.
A EDUCAÇÃO E O SIGNIFICADO DA VIDA.
NOSSO ÚNICO PROBLEMA.
QUANDO O PENSAMENTO CESSA.
QUE ESTAMOS BUSCANDO?
A RENOVAÇÃO DA MENTE.
NOVO ACESSO À VIDA.
NOVOS ROTEIROS EM EDUCAÇÃO.
A ARTE DA LIBERTAÇÃO.
VIVER SEM CONFUSÃO.
DA INSATISFAÇÃO À FELICIDADE.
A CONQUISTA DA SERENIDADE.
SOLUÇÃO PARA OS NOSSOS CONFLITOS.
UMA NOVA MANEIRA DE VIVER.
O EGOÍSMO E O PROBLEMA DA PAZ.
O CAMINHO DA VIDA.
QUE O ENTENDIMENTO SEJA LEI.
PALESTRAS NO URUGUAI E ARGENTINA.
PALESTRAS NO CHILE E NO MÉXICO.
ACAMPAMENTO EM OMMEN, 1937/1938.

NOTA: Os originais em inglês das obras acima mencionadas encontram-se à venda, também, na sede da "Instituição Cultural Krishnamurti", na Avenida Presidente Vargas, 418, sala 809. (Rio de Janeiro). Tel. 23-8856.

J. KRISHNAMURTI

VISÃO DA REALIDADE

TRADUÇÃO
DE
HUGO VELOSO

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Avenida Presidente Vargas, 418, sala 809
RIO DE JANEIRO

PRIMEIRA CONFERÊNCIA DE MADRASTA

ACHO importantíssimo, principalmente nesta hora em que há uma crise sem precedentes no mundo inteiro, que se saiba escutar, não só a alguém que fala, à voz humana, mas também aos pássaros, ao sôm do mar, a tôdas as coisas que nos cercam. Tornou-se, parece-me, da máxima urgência, para cada um de nós, descobrir o que é verdadeiro e o que é falso, independente dos inumeráveis instrutores daqui e do Ocidente, e de todos os livros, sagrados ou não, que se têm publicado e estão sendo publicados. E' indiscutível que precisamos ser capazes de escutar, sem nos deixarmos converter a nenhum ponto de vista determinado, nenhuma filosofia ou ideologia, para descobrirmos por nós mesmos, com exatidão, além das palavras, além dos símiles e dos pensamentos complexos, o que de verdadeiro há sob todo êsse amontoado de palavras.

Antes de mais nada, escutamos alguma vez as coisas? Somos realmente capazes de escutar? Se observardes a vós mesmos, vereis quanto é difícil escutar, visto que tendes idéias preconcebidas, opiniões e juízos baseados nas vossas tradições, na experiência própria e nas influências culturais, e tudo isso está intervindo constantemente. Essas coisas são como que cor-

tinas estendidas entre vós e o que desejais ouvir, e, conseqüentemente, nunca há uma verdadeira escuta, mas, tão só, uma tradução do que ouvis, de acôrdo com vosso próprio condicionamento.

Observai, vigiai a vossa mente, quando escutais alguma coisa que se está dizendo, e vereis em real funcionamento êsse processo extraordinário. Na realidade não estais escutando; tendes já uma opinião a respeito do que se vai dizer, tendes conclusões, fórmulas, certas idéias bem definidas, e o saber ou a experiência que tendes acumulado vos está corrompendo a mente. Nessas condições, vossa mente nunca está tranqüila, jamais está serena, para poder descobrir o que é verdadeiro.

Não é essencial, para o homem que deseja descobrir por si mesmo o que é verdadeiro, pôr de parte tôdas as coisas que acumulou, todos os conhecimentos, e as conclusões baseadas na sua própria experiência, para que sua mente possa perceber diretamente o que é verdadeiro, livre da cortina da interpretação? Pode um outro dizer-vos o que é verdadeiro? Desde pequenos, nunca se nos ensinou a pensar, mas só o *que* pensar, nunca se nos ensinou a escutar, mas apenas o *que* escutar. Devemos, pois, agora, esforçar-nos para aprender a escutar, o que, em verdade, significa aprender a pensar de maneira nova, aprender a ver as coisas com tôda a clareza, sem os preconceitos de raça ou de cultura, sem a interpretação de nosso condicionamento especial.

Como disse, histórica e culturalmente, achamonos numa crise extraordinária. Felizmente, não existem mais líderes ou guias, porque já não se pode con-

fiar em nenhum guia. Seguimos os líderes quando desejamos obter dêles alguma coisa, espiritual ou polìticamente, mas a qualquer observador inteligente torna-se óbvio que nenhum sistema de liderança pode produzir uma revolução fundamental. A revolução feita pelo líder é meramente a continuação do velho, sob forma diversa. Converter um padrão noutro padrão não representa transformação alguma, mas, sim, uma simples continuidade modificada. Para que se produza uma revolução interior, uma revolução no "processo" total do nosso pensar e em nossa linha de conduta, requer-se, da parte de cada um de nós, o abandono de tôdas as nossas idéias preconcebidas, a nossa libertação de todo e qualquer padrão de pensamento, a fim de se descobrir o que é verdadeiro. Esta é a única coisa que vós e eu podemos ter em comum, porquanto o que estou dizendo não é oriental nem ocidental; nossos problemas são tão colossais, que não podemos dividi-los em problemas hindus e britânicos, russos e americanos. Tais divisões são meramente políticas, e absurdas. São enormes os nossos problemas e não podem ser resolvidos de nenhum ponto de vista político ou sectário, uma vez que êles concernem a todos nós, como entes humanos, em qualquer lugar que vivamos.

Estais compreendendo? Para descobrirmos, antes de tudo, qual é o nosso problema principal, não podemos pensar em têrmos referentes ao Oriente ou ao Ocidente, não podemos pensar como hinduístas, moslins ou cristãos. Se o fazemos, criamos, do problema principal, inúmeros problemas secundários e sem significação alguma. Procurai compreender êsse fato

simples, *escutai* e percebei a sua verdade. Não podemos pensar em têrmos referentes à cultura hinduísta, cristã, islamítica, ou outra qualquer, porque o problema, sendo vastíssimo, não pode ser resolvido de acôrdo com um dogma religioso ou determinado padrão de filosofia. Isso é bem evidente, não achais? Pode, porém, a vossa mente pôr de lado tudo isso, realmente, de fato, e não apenas verbalmente? Teòricamente, podem-se urdir palavras em tôrno da questão, para fins de discussão, mas na realidade cada um está prêso na teia de suas próprias tradições, seu próprio condicionamento; assim, é impossível encarar qualquer problema de maneira nova.

Que está acontecendo, no mundo, nos tempos atuais, e talvez tenha acontecido em todos os tempos? Há muitos líderes políticos, e cada um dêles deseja reformar o mundo de uma determinada maneira, empurrá-lo para a esquerda ou para a direita, ou manter neutralidade. Muitos guias religiosos estão a dizer que há um Deus, um final divino para o homem, e que um certo caminho o conduzirá até lá. E há também os "gurus econômicos", aquêles que oferecem uma Utopia terrena, no futuro, se cada um trabalhar com afinco para o partido e sujeitar-se à autoridade do Livro. Os reformadores, os historiadores, os políticos, os instrutores religiosos, todos êles, em seus vários padrões de pensamento, apontam em direções diferentes, dizendo qual a maneira correta de proceder; e quanto maior é a autoridade, tanto mais numerosos os seguidores.

Ora, tudo o que está acontecendo no mundo é uma projeção de nosso próprio estado de confusão e

angústia, não é verdade? Queremos ao mesmo tempo a segurança física e a paz interior, queremos viver sem conflitos, tristezas e dores, sem a constante batalha entre os opostos, entre o *que é* e o que *deveria ser;* queremos achar um refúgio dessa luta incessante que se trava dentro de nós mesmos. Ao verdes êsse processo em contínuo movimento, não perguntais a vós mesmos qual a significação de tudo isso que está acontecendo? Isso pode parecer uma pergunta muito infantil, mas nunca lhe achastes a resposta, não é verdade? Nem os grandes filósofos a ela podem responder por vós. O que Sankara, Buda e outros disseram pode ser falso, completamente inadequado. Para achardes a verdade, deveis em primeiro lugar compreender o problema, o que significa deveis ser capazes de considerá-lo sem condicionamento algum.

Assim sendo, não perguntais a vós mesmos que significação têm todos êsses conflitos e sofrimentos? Lutais, acrescentais um título ao vosso nome, depois de passardes num exame, vos dirigis ao escritório todos os dias, a fim de ganhardes umas poucas rúpias, e existe a luta sem fim entre os ricos e os pobres. Que significa tudo isso? Não deveis descobri-lo por vós mesmos, sem vos fiardes de pessoa alguma, de livro algum? Isso não é uma questão de capacidade, mas de interêsse e ardor. No momento em que estiverdes verdadeiramente interessados em descobri-lo, vereis que haverá o entusiasmo, a paixão de descobrir, e por conseguinte estareis dispostos a examinar tudo o que possa ajudar-vos a encontrar a verdade. O que é importante, por conseguinte, não é a solução de um dado problema, mas a maneira como o considerais, já que

— pode-se dizê-lo — todos nós perdemos o espírito de investigação criadora, exploração criadora, aplicada a descobrir o que é verdadeiro; e não pode existir êsse espírito quando há qualquer forma de aceitação.

Peço-vos escuteis assim, mas não vos limiteis a aceitar o que estou dizendo. Não vos estou dizendo nada, literalmente nada, porquanto a sabedoria não pode ser transmitida por meio de palavras. Tendes de descobri-la por vós mesmos, e para a descobrirdes vossa mente precisa ser livre. Entretanto, a vossa mente não é livre, é? Vossa mente, sem dúvida nenhuma, está limitada, por todos os lados, pelo mêdo, pela tradição, a esperança e a ansiedade. Assim sendo, pode a vossa mente libertar-se do mêdo e da tradição, do saber acumulado através de mil anos? Podeis pôr de parte todos os *gurus*, todos os instrutores religiosos, antigos e modernos, para considerardes essas coisas por vós mesmos? Êste é que é o verdadeiro problema, não é verdade?

As civilizações e as culturas não criam a religião; elas existem para a religião, sua função própria é ajudar o homem a descobrir o que é verdadeiro, o que é Deus. Mas, não se pode achar a verdade, Deus, quando não se é interiormente livre. A liberdade não é o resultado do cultivo de uma determinada prática, porque, no momento em que se começa a observar uma prática, já se está apanhado na rêde do "como". O homem que medita de acôrdo com um sistema, nunca descobrirá o que é verdadeiro; quando, porém, a mente se torna cônscia do hábito a que se deixou prender, e põe-se em ação para libertar-se da prática, da irreflexão que está perpètuamente a criar o hábito, esta

mente se acha num estado de meditação. Isso significa, com efeito, uma completa revolução interior — a que não queremos submeter-nos, os mais de nós, porque desejamos ser respeitáveis. Não me refiro à respeitabilidade de Mylapore (1) — seria absurdo isso — mas à respeitabilidade que nos atribuímos quando sentimos que estamos a progredir, a adiantar-nos espiritualmente, que somos "morais", que estamos em segurança. Isso indica apenas uma absorção em si mesmo, não é verdade? Por mais modificado e requintado, é sempre uma preocupação a respeito de si mesmo (*self-concern*).

Nosso problema, por conseguinte, não só aqui, mas no mundo inteiro, é êste: Pode a mente libertar-se do passado, de todo o seu saber acumulado — não o saber relativo à máquina, à técnica, mas o saber relativo ao que *deveríamos ser*: as teorias, os dogmas, as crenças — e com essa liberdade considerar, na sua inteireza, o problema da existência? E quando a mente estiver livre da crença, do dogma, do mêdo, existirá ainda algum problema? Afinal de contas, que é a mente que possuís? Qual a vossa reação diante desta pergunta? Tende a bondade de *experimentar* o que estou dizendo, ainda que seja só por divertimento. Que é a vossa mente? Quando se vos faz esta pergunta, observai como opera a vossa mente. A sua reação instintiva é de procurar uma resposta — o que disse Sankara, o que dizem os modernos psicólogos, o que foi dito pelos cientistas, pelo vosso *guru* ou jornal favorito. Ficais procurando uma resposta nos vossos arquivos

(1) Subúrbio de Madrasta

mentais, não é verdade? Não observais o processo do vosso próprio pensar; mas é só quando se observa êsse processo que se pode descobrir o que é a mente, e não quando se citam as palavras de outra pessoa.

Descobrir o que é a mente — isto não é meditação? Se a mente puder compreender o processo total de sua própria existência, está então, talvez, apta a ultrapassar seus próprios limites e descobrir o que é verdadeiro. A razão e a lógica, porém, não são apaixonadas, vitais, e é por êste motivo que, para transcender a si própria, a mente tem de transcender a lógica e a razão. A mente cheia de entusiasmo para descobrir o que é verdadeiro — só essa mente pode chegar a conhecer o processo integral do raciocínio, com suas ilusões e falsidades, e transcender a si mesma. A mente que é lógica, racional, tradicional, medrosa, poderá entusiasmar-se em relação a um dogma, credo ou fórmula política, poderá ter muito empenho em efetuar uma reforma política; mas nunca será uma mente livre e cheia de vitalidade, capaz de descobrir o que é verdadeiro.

Experimentai isso, por favor. Porque, afinal de contas, porque estais a ouvir-me? Se estais a ouvir com o desejo de descobrir o que é verdadeiro, nunca o encontrareis. Se escutais por desejardes que vos digam *como* se medita, nunca conhecereis a meditação. Deus não pode ser encontrado por meio de palavras, nem por meio de nenhum livro ou filosofia, nem por meio de sistemas de meditação que precisam ser praticados. O que é verdadeiro só pode ser achado momento por momento, e a mente que tem continuidade não pode achá-lo. Nossa mente é resultado do tempo,

não é exato? Ela é o produto de muitos dias passados, uma acumulação de experiência e de saber. A mente, tal como a conhecemos, tem uma continuidade, que é memória, e portanto só é capaz de funcionar no tempo; e com essa continuidade queremos compreender o atemporal, descobrir o que é verdadeiro! Por conseguinte, o que acharmos há de ser algo correspondente à nossa própria continuidade, nosso próprio hábito, nossas próprias conclusões. Não podemos estar livres da continuidade, enquanto não compreendermos o processo total da mente, do "eu". A mente não é separada do "eu". Quer alto, quer baixo, quer o chamemos personalidade, alma, ou *atman*, o "eu" é identidade, a mente pensante. *Escutai* isso, por favor. Enquanto vosso Deus, vosso *Paramatman*, estiver dentro da esfera do pensamento, êle só existirá no tempo e, por conseguinte, não será verdadeiro. Eis porque muito importa compreender não só o processo total da mente superficial, trivial, mas também da mente inconsciente. O que é verdadeiro só pode ser achado momento por momento; mas não é uma continuidade. Entretanto, a mente que deseja descobri-lo, sendo, como é, produto do tempo, só é capaz de funcionar na esfera do tempo e, por conseguinte, incapaz de descobrir o que é verdadeiro.

Para se conhecer a mente, a mente precisa conhecer-se a si mesma, já que não existe um "eu" separado da mente. Não há qualidades separadas da mente, exatamente como as qualidades do diamante não estão separadas do próprio diamante. Para compreenderdes a mente não podeis interpretá-la de acôrdo com uma idéia de outra pessoa: tendes de observar como

funciona a vossa própria mente total. Quando conhecerdes o seu processo integral — como raciocina ela, os seus desejos, "motivos", ambições, ocupações, sua inveja, sua avidez, seu temor — então a mente poderá transcender-se a si mesma e, fazendo-o, dar-se-á o descobrimento de algo que é totalmente novo. Essa qualidade de *novo* infunde um ardor extraordinário, um descomunal entusiasmo, que dá origem a profunda revolução interior; e só essa revolução interior poderá transformar o mundo, e nunca um dado sistema político ou econômico.

Se souberdes escutar corretamente o que se está dizendo, êsse próprio *escutar* é um processo de revolução. Afianço-vos: isso é um fato — o que não significa devais aceitá-lo, mas sim que, se escutardes corretamente, descobrireis por vós mesmos que sucede em vossa vida uma revolução estupenda, porque tereis descoberto a verdade, e a verdade traz o seu inerente entusiasmo criador, sua inerente ação criadora, de momento em momento. Êsse descobrimento é a mais sublime forma de religião, a razão de ser de tôdas as civilizações, de todos os esforços individuais, e sem êle iremos criar um mundo aterrador; sem êle iremos destruir-nos uns aos outros com a bomba de hidrogênio, e se não houver guerras, nos destruiremos por meio das crenças separativas, dos dogmas, de falsos deuses como o nacionalismo, das religiões que já nada significam e são só superstição.

O problema, por conseqüência, é o de libertarmos a mente para descobrir o que é verdadeiro, porque a verdade não vos pode ser dada por ninguém. Não podeis lê-la nos livros, ela não está contida em nenhuma

teoria, não nasce da especulação, nem da experiência ou tradução da experiência. Só pode despontar a verdade quando a mente está quieta, totalmente tranqüila, não embargada pelo mêdo, pela esperança, pelos dogmas, por nenhuma espécie de ritual ou crença. A mente só está tranqüila quando é livre, e só há liberdade quando compreendido o processo total da mente.

Há várias perguntas para responder. Com que finalidade fazeis uma pergunta? E' para resolver o problema ou para investigá-lo? Percebeis a diferença? Em que é que estais mais interessados quando fazeis a pergunta? Estais mais interessados na resposta? E se eu respondo à pergunta de uma certa maneira, podeis procurar um outro para obterdes uma resposta diferente e escolherdes então a resposta de acôrdo com vosso julgamento, vossa avaliação, que dependem de vosso condicionamento, vossos desejos e esperanças. Nessas condições, o que de fato desejais é que a pergunta seja respondida em conformidade com vossas teorias e preconceitos. Todavia, se se faz a pergunta com o fim de explorarmos juntos o problema, de descobrirmos o que é verdadeiro, então a nossa relação é completamente diversa. Não sou, então, um conferencista, não há separação do orador e do ouvinte, não há mestre nem discípulo e outros absurdos que tais. Somos então, vós e eu, dois entes humanos a enfrentar um problema que não nos faz mêdo e que queremos investigar para descobrirmos o que é verdadeiro; e uma tal investigação infunde um entusiasmo ex-

(1) discípulo.

traordinário, não é verdade? A investigação não é então nem vossa nem minha, nem do hinduísta, do muçulmano, do cristão, do budista. O que há então é só a mente a investigar a fim de descobrir o que é verdadeiro.

Vêde, senhores, se escutardes com pouco caso, o que se vai dizer terá muito pouca significação: se o escutardes, porém, com todo o vosso ser, como se vossa vida daí dependesse, então a coisa terá uma significação de todo diferente.

PERGUNTA: *Os ascetas religiosos renunciam às coisas mundanas, os* sanyasins *políticos dedicam-se a obras de várias naturezas, para o melhoramento da sociedade, enquanto outros estão ativos, cada qual à sua maneira, visando a modificar as condições existentes nos setores educativo, social e político. De modo idêntico, as pessoas ligadas a vós, conquanto não pertençam a organização alguma, estão aparentemente dedicadas à vossa obra. Existe alguma diferença entre tôdas estas pessoas?*

KRISHNAMURTI: Espero não haja ninguém dedicado à minha obra, e é muito importante compreender isso em primeiro lugar. Uma pessoa não pode estar dedicada à obra de outra. E que é a minha obra? A publicação de uns poucos livros? Decerto que não. A investigação para descobrir o que é verdadeiro é, sem dúvida, obra vossa e não minha. É a vossa vida, o vosso sofrimento, a vossa desdita que tem de ser com-

preendida, não importa vivais numa aldeia, em *Mylapore*, em Nova Iorque, Londres ou Moscou. Se compreenderdes a vossa vida de cada dia, como indivíduo, e fizerdes surgir a liberdade em vós mesmo, criareis uma revolução na vontade coletiva que se chama civilização; mas se não puderdes produzir essa revolução fundamental em vós mesmo — que só pode ser obra vossa — como podereis dedicar-vos à obra de outro?

Que estamos, pois, tentando fazer? Os reformadores políticos, os *sanyasins*, os que pertencem a sociedades para o melhoramento social (*welfare societies*), os que servem a vários mestres, que meditam, que disputam e depois querem mostrar-se pacíficos — que é que está tentando tôda essa gente? Já perguntastes a vós mesmos o que tudo isso significa? As reformas religiosas, políticas e sociais fazem parte do que se chama "civilização", não é verdade? E que é civilização? Ela, por certo, é o produto da ação da vontade coletiva. Isto é suficientemente claro. A civilização nasce da ação da vontade coletiva, e essa civilização ou se ergue e transcende a mundanidade, para descobrir a verdade final, ou declina e soçobra. Só ocorrerá uma revolução fundamental quando houver uma radical transformação na ação da vontade coletiva; mas a ação da vontade coletiva não pode transformar-se, se a vontade individual não sofrer, ela própria, uma transformação. Nessas condições, vós e eu temos de descobrir, por nós mesmos, o que é verdadeiro, e não podemos fazê-lo se não nos libertarmos do coletivo, que é a tradição, que são as esperanças, os temores, as supers-

tições e ansiedades com quê a mente está carregada. Não queremos, porém, fazer tal coisa; queremos é continuar nas nossas praxes tradicionais, esperando que, por obra de algum milagre, venha uma revolução portadora de felicidade e de paz.

Há muitos reformadores sociais e políticos, muitos iogues, *swamis* e *sanyasins*, que estão todos a lutar em sentidos diferentes, com o fim de promoverem uma certa espécie de modificação, coletiva ou individual. Mas, qualquer modificação que seja feita sem a compreensão do processo total da mente, só pode levar a ulteriores aflições. Êsses reformadores, políticos, sociais e religiosos, apenas haverão de causar mais sofrimentos ao homem, se o homem não compreender o funcionamento de sua própria mente. Na compreensão do processo total da mente, há uma revolução interior radical, e dessa revolução interior brota a ação da verdadeira cooperação, que não é cooperação com um padrão, com uma autoridade, com alguém que "sabe". Quando souberdes cooperar, em virtude dessa revolução interior, sabereis, então, também, que *não* deveis cooperar, o que é importantíssimo, talvez mais importante ainda. Atualmente cooperamos com qualquer um que oferece uma reforma, uma transformação, cujo efeito único será o de perpetuar o conflito e o sofrimento; mas se pudermos saber o que significa possuir o espírito de cooperação, nascido da compreensão do processo total da mente, e no qual se está livre das prisões do "eu", haverá então a possibilidade de criar-se uma nova civilização, um mundo totalmente diferente, em que não existirá a ganância, nem a inveja, nem a comparação. Isso não é uma

utopia teórica, mas sim o próprio estado da mente que está constantemente a investigar e a demandar o que é verdadeiro e bendito.

5 de dezembro de 1954.

SEGUNDA CONFERÊNCIA DE MADRASTA

É BEM evidente, parece-me, que os problemas mundiais se estão tornando cada vez mais graves. Há sempre reformas de remendos, sempre uma luta pouco significativa, visando a resolver-nos os problemas, mas não parecemos capazes de resolvê-los inteiramente. E porque continuam os entes humanos a sofrer, indefinidamente, sem resolverem nunca o problema do sofrimento? Temos explicações para êle, conforme nossa própria interpretação, explicações que se ajustam ao nosso especial condicionamento. Se somos hinduístas, encaramos o problema de uma maneira, se somos cristãos ou comunistas, encaramo-lo de outra maneira, e parece que as explicações satisfazem à maioria de nós. Essa satisfação, assim me parece, é a causa fundamental da nossa mediocridade — o que não significa devamos rejeitar, sem refletir, tôda e qualquer coisa. Mas o desejo de satisfação cria, com efeito, uma perspectiva medíocre, um discernimento estreito, a aceitação de soluções superficiais para os nossos imensos problemas, e se pudéssemos, de maneira deliberada e radical, pôr de parte o nosso desejo de satisfação e passar além das explicações verbais, acho que estaríamos então aptos a resolver os nossos múltiplos problemas.

Nessas condições, seja-me permitido perguntar com que desejo, com que intenção estais aqui a escutar-me? Estais a escutar apenas porque desejais uma resposta? ou com o fim de descobrir se vós e eu podemos investigar conjuntamente alguns dos problemas inúmeros que nos desafiam e descobrir por nós mesmos a verdade, independentes de qualquer autoridade, qualquer livro ou ideologia? Se pudermos investigar dêsse modo os nossos problemas humanos, creio que então irão por terra as apertadas paredes da mediocridade, e o desejo de aceitarmos as coisas como estão, com eventuais reformas de remendos, cederá o lugar a uma radical revolução interior.

Conquanto muitos dos nossos problemas sejam insignificantes, superficiais, se desejamos resolvê-los fundamentalmente, não é importante que façamos perguntas fundamentais? Compreendendo-se o fundamental, o superficial será resolvido; mas, se fizermos perguntas ùnicamente com o desejo de acharmos a explicação mais satisfatória, essa explicação não alterará fundamentalmente as nossas lutas, os nossos temores e sofrimentos. Os mais de nós nos deleitamos simplesmente com citar uma ou outra frase de Marx ou do *Bhagavad-Gita*, pois gostamos de exibir o nosso saber; ou apresentamos as razões por que se deve apoiar uma certa forma de sociedade ou um certo movimento religioso ou político. Por essa razão, nunca encontramos uma solução satisfatória para os nossos numerosos problemas.

Deixai-me assinalar ser esta uma questão verdadeiramente importante, que não podeis simplesmente afastar para o lado e passar a outra coisa; cumpre-

vos, realmente, refletir a fundo a seu respeito. Fazendo-se perguntas fundamentais, não se encontrará a solução dos chamados problemas sociais imediatos, superficiais? Tudo depende da maneira de perguntar, não é verdade? A mente medíocre poderá fazer uma pergunta fundamental, mas a resposta que terá será muito superficial, porque essa mente não saberá penetrar, explorar, investigar a questão, e aceitará a resposta que achar razoável, e lògicamente satisfatória. Assim sendo, quando fazemos perguntas fundamentais, como sejam: que é Deus, que é a morte, que é o conflito, que é a contradição interior? — não vos parece muito importante, para cada um de nós, observar com que facilidade nos satisfazemos com uma explicação, psicológica, sociológica, ou religiosa? E é possível investigar uma questão fundamental, sem se aceitar ou ficar satisfeito com nenhuma resposta superficial?

Ora bem, temos o problema do nosso próprio estado de contradição (*self contradiction*) e vejamos se podemos investigá-lo daquela maneira; porque, se pudermos compreender a contradição existente em nós mesmos, estaremos então aptos a compreender a contradição existente nas relações, que constituem a sociedade.

Que é que produz a contradição existente em nós mesmos, essa dupla moralidade, êsse conflito dentro de nós mesmos? Os mais de nós, estou bem certo, não estamos cônscios dela. E quando *ficamos* cônscios, ela se torna uma tortura e logo tem início o processo de tentar dominar a contradição, tentar achar uma síntese, no conflito entre a tese e a antítese. Pode a

mente pensar sem contradição, sem o conflito dos opostos? É capaz, ela, de pensar sem um ideal? É o ideal que produz a contradição, não achais? E no entanto, tôdas as nossas filosofias, tôdas as nossas religiões encarecem os ideais como meio de aperfeiçoamento, como meio de transformação. Pode a mente deixar de pensar em têrmos referentes ao que *deveria ser*, i.e., o ideal, e ficar livre para investigar *o que* é? Pode ela dar tôda a atenção ao que *é*, sem se deixar destruir pelo que *deveria ser*, pelo ideal?

É deveras importante examinar cabalmente esta questão, *experimentá-la* realmente, em vez de considerá-la só intelectualmente. Porque existe em todos nós essa contradição? Compreendeis o que eu entendo por "contradição"? É o conflito interior entre *o que é* e o que *deveria ser*, o esfôrço incessante de auto-aperfeiçoamento, a constante comparação de nós mesmos com outro. E pode a mente funcionar sem comparação? Vem a compreensão como resultado de comparação e condenação?

Não vos parece muito importante, para cada um de nós, compreendermos estas questões fundamentais, diretamente, em vez de nos limitarmos a aceitar o que outro diz? Trata-se de nossas próprias vidas, e se não compreendermos as questões fundamentais, satisfazendo-nos meramente com reformas sociais e políticas, o resultado será de muito pouca significação. O que se necessita, sem dúvida, é de uma perspectiva total, e esta não pode ser criada por meio de conflito, de ajustamento ou resistência, mas só quando a mente compreende, no seu todo, o problema da autocontradição (*self-contradiction*).

Não é também sumamente importante investigarmos, por nós mesmos, se existe uma coisa tal como Deus? Se pudermos descobrir o que é Deus, a verdade (ou o nome que quiserdes), êsse descobrimento poderá ocasionar uma revolução fundamental em nossa vida interior, revolução que se expressará, depois, exteriormente; mas, sem dúvida, isso requer uma certa liberdade, e a mente não é livre quando está cheia de saber. Por conseguinte, a idéia de se *experimentar* a realidade por meio do saber, se torna de todo em todo falaz, não é verdade? A mera descrição de Deus, a crença, ou o saber adquirido pela leitura de livros religiosos — ou a rejeição dessas coisas, porque porventura sois ateu, descrente — não constitui tudo isso um obstáculo ao descobrimento? Não deve a mente ser livre, para que possa investigar? E é livre a mente quando está carregada de saber, dos dogmas da crença ou da descrença? Afinal, que é que chamamos religião? Se refletirmos realmente a êsse respeito, o que vamos encontrar é um mero catálogo de ritos e crenças dogmáticas — qualquer que seja o dogma: cristão ou hinduísta, budista ou comunista.

Assim sendo, se se pergunta simplesmente o que é Deus, o que é a verdade, não se tem solução alguma, porquanto diferentes pessoas darão respostas diversas e vós escolhereis aquela que vos pareça mais racional, mais conveniente ou satisfatória; mas isso não é o descobrimento de Deus ou da verdade. Requer-se um extraordinário discernimento, para se ser capaz de pôr de parte tôda e qualquer autoridade, todo conhecimento, e descobrir por si mesmo o que é verdadeiro. O saber só tem utilidade como meio de

comunicação ou como meio de ação. Antes de agir, precisa-se ser capaz de investigar, não achais? Na ação é necessário o saber. Pode, porém, a mente cheia de saber, descobrir o que é verdadeiro? Ou deve ela estar desembaraçada do saber, para que possa investigar, e só fazer uso do saber depois do descobrimento? Para a maioria de nós o saber se tornou um obstáculo, pois pensamos que, pela leitura de certos livros, pelo assistirmos a certas conferências, e outros absurdos que tais, chegaremos a descobrir o que é a verdade. Para descobrir o que é a verdade, a mente tem de ser completamente desnudada, não achais? Esta, por certo, é a pergunta fundamental que cada um deve fazer, devendo cada um investigar por si mesmo a questão que ela sugere.

Parece-me, a presente crise mundial não é puramente social ou econômica, mas de ordem muito mais fundamental. Se observardes o que se passa dentro de vós e ao redor de vós, podereis ver como há pouco pensar criador, como há pouca compreensão. A maior parte do chamado "pensar" não é original, mas só repetição — o que disse Sankara, Buda, Cristo, Marx, ou outro qualquer. Para se pôr de parte realmente tôda e qualquer autoridade e todos os livros, e tentar descobrir por si mesmo o que é verdadeiro, requer-se uma boa porção de inteligência criadora, não achais? A aceitação pode ser a simples reação da mente condicionada; por conseguinte, não vos parece importante não só perguntar o que é a verdade, o que é Deus, mas também investigar cada um a questão diretamente, por si mesmo? E, para fazê-lo, não deve a mente estar livre de todo e qualquer condi-

cionamento — hinduísta, budista, cristão, comunista, ou seja qual fôr? Isso exige um estado de revolta — revolta, não como finalidade em si, porém aquela revolta que dá à mente a liberdade de descobrir.

Quando falamos de revolta, entendemos em geral revolta de acôrdo com uma certa fórmula, não é verdade? Revoltamo-nos a fim de promover o ajustamento a um preferido padrão de pensamento, ou de estabelecer um determinado tipo de sociedade. O que chamamos revolta é um processo de resistência, repressão. Ora, pode a mente revoltar-se, sem aceitar fórmula alguma, já que qualquer fórmula é uma reação, uma reação condicionada? Pode ela afastar de si tôdas essas coisas, para descobrir o que é a verdade? Só uma tal revolta faz nascer o pensar criador, a compreensão criadora, e isso é que é essencial atualmente, e não que apareçam mais líderes, espirituais ou políticos. Cada um de nós tem de descobrir exatamente, por si mesmo, o que é a verdade, e não se pode descobrir o que é a verdade, a menos que nos achemos numa revolução total. Ouvis tudo isso, balançais a cabeça e concordais, mas se voltardes para casa e continuardes do mesmo modo que antes, o que estais ouvindo não terá significação alguma. Vêde, senhores: a menos que aceitemos o desafio do novo, já estamos mortos; e a mente não pode compreender o novo, se não está livre, se está peada por uma determinada crença ou fórmula.

Ora, pode a mente achar-se num estado de revolução total, não aceitando nem aprovando uma revolução econômica como a que os comunistas oferecem? Pode ocorrer uma revolução total em nosso pensar?

Parece-me, a nossa única salvação está em sermos a luz de nós mesmos. Um navio que está ancorado não pode fazer-se ao mar, e a mente amarrada a qualquer crença ou ideologia, é incapaz de descobrir o que é a verdade. Devemos estar côncios, perceber com clareza que a nossa mente está entrincheirada em certas formas de segurança, não só fìsicamente, senão também, e muito mais, psicològicamente; que ela se acha enredada em frases, em crenças, em idéias, em várias manifestações do mêdo. A aceitação de uma crença pode dar-nos muita satisfação, um sentimento de segurança, e nessa segurança há uma certa fôrça; é óbvio, porém, essa mente não pode descobrir o que é a verdade. Poderá repetir o que disse Sankara, o que disse Buda, ou disseram outros instrutores da antiguidade, mas isso não é descobrimento individual, descobrimento criador.

Não buscar nenhuma espécie de segurança psicológica, nenhuma espécie de satisfação — isso requer investigação, uma vigilância constante, para ver como a mente opera; e isso certamente é meditação, não achais? Meditação não é a prática de uma fórmula, ou a repetição de certas palavras, pois tudo isso são coisas absurdas, infantis. Se não se conhece o processo total da mente, tanto consciente como inconsciente, qualquer forma de meditação constitui um verdadeiro obstáculo, uma fuga, uma atividade pueril; é uma forma de auto-hipnose. Mas o estar cônscio do processo da mente, o penetrá-lo muito atentamente, passo a passo e com plena consciência, para descobrir por si mesmo as peculiaridades do "eu" — isso é meditação. Só com o autoconhecimento estará a mente livre

para descobrir o que é a verdade, o que é Deus, o que é a morte, o que é essa coisa a que chamamos viver.

Compreendeis, senhores? Porque sofremos, porque obedecemos, porque existe conflito dentro de nós mesmos e na sociedade? Afinal de contas, para a maioria de nós, viver é sofrimento, uma batalha constante ou a monotonia de uma rotina. E isso é a vida? O desejo de preenchimento, com suas frustrações, a batalha da ambição com seus temores e crueldades, a luta constante dentro de nós mesmos e com nossos semelhantes, as agonias da vida de relação — isso é viver? Ou criamos esta sociedade horrorosa porque não compreendemos o que é o viver? Não é pois importante descobrirmos o verdadeiro significado de tôdas essas coisas? E pode a mente descobri-lo? Que é a mente — a mente que é capaz de raciocínio, de lógica? A razão e a lógica dependem da memória, sendo a memória condicionada pela experiência passada; e pode essa mente descobrir o que é a verdade? Ou só é possível o descobrimento da verdade quando a mente compreende o processo integral da experiência, da memória, do saber, da razão e da lógica e, transcendendo a si mesma, estabelece uma tranqüilidade em que a realidade pode mostrar-se? É impossível, porém, à mente que está sempre ocupada com a aquisição de saber e de experiência, descobrir o que é a verdade.

Tudo isso suscita uma questão imensa: se sois realmente um indivíduo, ou apenas um movimento do coletivo. Tôda civilização, hinduísta, cristã ou comunista, é evidentemente o resultado da vontade

coletiva, e a mente, tôda absorvida no coletivo, não pode, em tempo algum, descobrir o que é a verdade. Para ser individual, a mente precisa compreender o coletivo, e ficar livre dêle, porque só então será ela capaz de descobrir a realidade suprema. Isso implica, com efeito, uma revolução total, porque o coletivo é tradição, crença, conhecimento, experiência e a autoridade do Livro.

A menos que compreendamos fundamentalmente êsses problemas, as meras reformas redundam em males piores ainda. Não notais que os políticos do mundo inteiro que se estão empenhando para estabelecer a paz, estão ao mesmo tempo preparando a guerra? Todo problema em que êles tocam traz novos problemas, e o mesmo acontece em nossas vidas individuais. Há uma multidão de problemas, uma multidão de torturas, e nunca um momento de felicidade profunda, de tranqüilidade, de alegria completa. A felicidade e a paz perene não podem ser criadas pela legislação nem por nenhuma reforma superficial. Quando a mente, tornada cônscia de si mesma e do seu movimento coletivo, se acha numa revolução total contra o coletivo e está, por conseguinte, descobrindo a sua própria incorruptibilidade — só então é ela capaz de descobrir o que é a verdade, e êsse descobrimento constitui a única solução para todos os problemas humanos.

PERGUNTA: *Qual é o verdadeiro espírito de cooperação? Se êle não nasce de um trabalho em comum ou de um interêsse comum, como surge então?*

KRISHNAMURTI: Senhores, que é que chamais "cooperação"? Cooperais com a autoridade, com aquêles que pensais ter as idéias corretas, o plano infalível, não é verdade? Isso é cooperação? Quando aceitais uma certa autoridade e com ela cooperais, é isso cooperação? Quando hostilizais a esquerda, como a lei exige, estais cooperando? Não há dúvida, precisamos primeiramente averiguar o que entendemos por essa palavra. Se compreendermos o que é cooperação, saberemos também quando *não* devemos cooperar, e ambas as coisas são importantes, pois cooperar com outros pode, em certas circunstâncias, conduzir a destruições e sofrimentos.

Cooperar significa "trabalhar juntamente", não é? Se há um plano, porém, um traçado imposto pela autoridade, não há então cooperação mas, simplesmente, compulsão. Trabalhar em conjunto, por mêdo, por causa de uma recompensa, por necessidade, por compulsão, não é, evidentemente, cooperação. Que é então cooperação, e como nasce ela?

Ora, existe alguma forma de cooperação em que vós e eu possamos trabalhar juntos, sem submissão a nenhuma autoridade? Podemos construir juntos uma casa, e para isso é necessária uma planta, o desenho do arquiteto, mas, nesse caso, o que eu faço e aquilo que fazeis não nos importam, psicològicamente. Posso carregar os tijolos e vós os colocardes, mas nossa intenção é de construirmos juntos a casa, e, por conseguinte, não há autoridade, não há compulsão. Cooperamos, porque desejamos produzir uma coisa juntos. Podemos, vós e eu, trabalhar juntos com êsse mesmo espírito? Ora, êste mundo não é um mundo

comunista, nem um mundo hinduísta, nem um mundo inglês ou americano. Esta Terra nos pertence, ela é vossa e minha, para nela vivermos, trabalharmos, e construirmos juntos, e o que fazeis, na construção, é tão infinitamente importante como o que faço. Podemos ficar livres da parolagem nacionalista, do separatismo racial e religioso, e têrmos êsse espírito de cooperação, construindo juntos? Isso é uma coisa completamente diversa da chamada cooperação sob compulsão de qualquer espécie, ou mêdo à punição, não achais? Essa coisa significa, com efeito, ausência do "eu", de "mim". E quando há êsse espírito de cooperação, existe ao mesmo tempo o discernimento de quando se *não* deve cooperar, o que é igualmente importante. Quando aparece um líder a oferecer um maravilhoso plano utópico, uma completa revolução sociológica, sem que haja a revolução fundamental interior, deve-se cooperar com tal pessoa? E quando há uma revolução total do nosso ser, não há então uma cooperação em que ninguém está visando à sua própria vantagem, em que ninguém é ambicioso? Positivamente, essa é a revolução do amor, que não é mero sentimento, nem uma simples palavra; só êle é capaz de cooperar, e também de não cooperar, quando a cooperação é inútil.

PERGUNTA: *Tendes falado sôbre "ingressar em vida na mansão da morte". Pode-se ter a experiência de "morrer em vida"?*

KRISHNAMURTI: À maioria de nós interessa saber o que acontece ao morrermos, não é verdade? Desejamos saber o que acontece depois da morte; en-

tretanto, parece-me errado fazer perguntas a êsse respeito, porque nos satisfazemos então com simples explicações. A explicação sôbre a reincarnação pode satisfazer-vos mais do que qualquer outra, mas é sem embargo uma simples explicação. A mente, atemorizada pela morte, aceita de bom grado uma crença que lhe promete a continuidade. Ora, o nosso viver é uma espécie de morte, porquanto temos um mêdo excessivo da morte, um mêdo interior da incerteza do além. Todavia, se fizermos a pergunta de maneira diferente, talvez encontremos a resposta correta.

Pode-se, enquanto estamos vivos, cheios de vitalidade e vigor, plenamente despertos e conscientes, ingressar na mansão da morte? Pode-se *experimentar* a morte, não na inconsciência subseqüente à extinção do organismo físico, mas enquanto se está vivo, consciente, completamente desperto? Que é a morte? Não vou dar-vos uma explicação sôbre o que acontece depois da extinção do organismo físico, dizer-vos se a mente psicológica, o feixe de reações instintivas — raciais, hereditárias e adquiridas — continua ou não a existir, depois, como memória. Podeis indagar a êsse respeito, e encontrareis inúmeras respostas que vos satisfarão. Mas isso, por certo, não é o descobrimento do que é a morte. Pode-se, enquanto estamos vivos — e pondo-se de parte todos os temores, anseios, explicações, a esperança de continuidade, etc. — descobrir o que é a morte? A aceitação de qualquer espécie de crença sôbre o que é a morte não é a solução. A mente que está satisfeita, que encontrou uma dada espécie de segurança psicológica, essa mente é inca-

paz de descobrir a verdade a respeito da morte, não achais?

Pois bem. Que é a morte? Conhecemos a natural descontinuação das funções físicas. Mas isso basta? Podeis despojar a mente de tudo o que aprendestes a respeito da morte, dos conhecimentos adquiridos nos livros, das crenças que vos têm confortado com a esperança de que continuareis a existir? As explicações nenhum valor têm, porque não nos dão o verdadeiro significado da morte. Podeis pôr de parte tôdas elas, para investigardes o que é a morte? Pode a mente aliviar-se de todos os conhecimentos relativos à morte? Só então a mente está livre para descobrir o que é a morte, não achais? Afinal de contas, não sabeis o que é a morte, sabeis? E para investigar o que é a morte, não deve a vossa mente livrar-se de todos os conhecimentos e dizer "Não sei"? Quando em presença de algo que não conhecemos, não é importante verificarmos se nossa mente é capaz de dizer "Não sei?"

Compreendeis, senhores? Tendes explicações relativas à morte, baseadas nas vossas esperanças, nos vossos temores e preconceitos, no que foi dito por outras pessoas, ou no vosso próprio desejo de continuidade; mas isso não significa *experimentar* o que é a morte, não é verdade? O fato é que vós *não sabeis;* e podeis dizer realmente, honestamente, que não sabeis? Quando a mente diz "não sei", já não está libertada do conhecido e, por conseguinte, habilitada a compreender o desconhecido, que é a morte? Afinal, tememos a morte por estarmos apegados ao conhecido. A morte é o desconhecido, e nós só funcionamos

dentro dos limites do conhecido. "Meu nome", "minha família", "meu emprêgo", "minha virtude", "meu temperamento" — tudo isso está dentro da esfera do conhecido, onde a mente funciona e tem existência. Ora, pode a mente libertar-se do conhecido, do passado, de tôdas as tradições, de todos os seus conhecimentos? E quando se liberta, não fica ela num estado de não-conhecimento? Livre do conhecido, não se torna a mente capaz de compreender ou de *experimentar* o desconhecido, que é a morte? Se pudermos *experimentar* o desconhecido, imediata e diretamente, isso terá uma significação extraordinária nas nossas relações; criaremos então uma ordem social completamente diferente.

Nossa sociedade atual, seja comunista seja capitalista, está baseada na ganância; pode não haver ganância com relação aos bens materiais, mas há ganância de poder, de posição, de prestígio. Um homem que compreende realmente êste problema da morte já não está preocupado com nenhuma espécie de aquisição; ainda que possua alguns haveres, a sua mente perdeu a tendência aquisitiva. Por conseqüência, é realmente de suma importância a compreensão dessas questões fundamentais, porquanto, compreendendo-as, estaremos em condições de experimentar uma revolução interior que terá um efeito de grande alcance em nossas relações sociais. O estabelecimento de reformas sociais, de qualquer espécie, sem essa revolução interior, não pode resolver-nos problemas, pois êstes são muito mais profundos, muito mais psicológicos do que econômicos.

Pois bem, senhores, estivestes a escutar durante quase uma hora inteira, e que ides fazer? Se voltardes simplesmente às vossas velhas rotinas, não sereis capazes de corresponder ao desafio do novo. O mundo se acha numa crise tremenda, sem precedentes, e se agirdes meramente como coletividade, vossa reação não será nova e, por conseqüência, não produzirá a ação criadora que o desafio exige. Vossa reação só pode ser nova se estiverdes completamente fora dos limites de vossas tradições, se já não fordes hinduísta nem cristão nem budista nem comunista, se já não pertencerdes a nenhuma organização determinada. Só então sereis capazes de ser livres e de reagir pela maneira correta e verdadeira.

12 de dezembro de 1954.

PRIMEIRA CONFERÊNCIA DE BANARAS

SE PUDERMOS começar considerando o que significa "ser sério" (1), é bem possível que o estudo do nosso processo total de pensar e reagir aos vários desafios da vida tenha uma significação mais profunda.

Que entendemos por "ser sério"? e alguma vez somos verdadeiramente "sérios"? Os mais de nós pensamos muito superficialmente, nunca perseveramos numa determinada intenção até levá-la a cabo, pois temos muitos desejos contraditórios, e cada desejo nos impele numa diferente direção. Num momento somos "sérios" a respeito de uma certa coisa, e no momento subseqüente ela já foi esquecida e estamos a demandar um diferente objetivo, num diverso nível. Será possível mantermos uma perspectiva integral da vida? Acho que esta é uma pergunta suficientemente importante para merecer consideração, pois não sei ao certo quantos haverá entre nós que sejam verdadeiramente sérios. Ou só somos sérios com relação às coisas que nos proporcionam satisfação e só têm significação temporàriamente?

---

(1) No sentido de "não superficial", "que tem profundo interêsse numa coisa". (N. do T.)

Parece-me, pois, seria muito interessante, não apenas escutarmos uma palestra que por acaso estou proferindo, mas que também procuremos, com todo o empenho, descobrir juntos o que significa "ser sério". Quando a mente trivial aplica o seu esfôrço no sentido de "ser séria", a sua seriedade será forçosamente superficial, porque essa mente está privada de uma compreensão mais profunda do seu próprio processo. Pode uma pessoa aplicar as suas energias a um determinado objetivo espiritual ou mundano, mas, enquanto a mente permanecer trivial, complexa, sem compreensão de si mesma, suas "atividades sérias" terão mui pouca significação. Esta é a razão por que me parece de muita importância, principalmente na época atual, com tantos problemas complexos, tantos desafios, que pelo menos uns poucos de nós mantenhamos um interêsse inalterável em descobrir se é possível ser-se sério, não se estar sujeito a ser destruído pelas atividades superficiais da mente.

Não sei se estais interessados neste problema, mas é de certo muito importante descobrir porque a maioria das pessoas não são sérias. Porque só a mente séria pode levar a cabo uma determinada atividade e descobrir-lhe a significação. Se uma pessoa deseja ser capaz de ação integral, é necessário que compreenda o funcionamento de sua própria mente, porque ser sério, sem essa compreensão, tem muito pouco valor. Eu quisera saber se alguns de vós me estais seguindo, e se me estou explicando com clareza.

Vêdes o processo da desintegração a estender-se pelo mundo. A ordem social desaba, as várias organizações religiosas, as crenças, as estruturas morais e

éticas, tudo está falhando. Na nossa chamada civilização — indiana, européia ou qualquer outra — generaliza-se a corrupção e vê-se tôda sorte de atividades inúteis. Nessas condições, será possível, a vós e a mim, nos tornarmos cônscios de todo êsse processo de desintegração e, retirando-nos dêle, como indivíduos, adotarmos a séria intenção de criarmos um mundo de espécie totalmente diversa, uma diferente espécie de cultura, de civilização? Achais que podemos debater esta questão, em vez de ficar eu só a falar para vós? Tal é o problema: envolvidos por essa desintegração social, religiosa e moral, como podemos nós, como indivíduos, libertarmo-nos e criarmos um mundo diferente, uma diferente ordem social, uma diversa maneira de encarar a vida? Isso é um problema para alguns de vós, ou vos contentais meramente em observar a desintegração e a ela reagir pela maneira habitual? Podemos discutir juntos êste problema, nesta tarde, considerá-lo em tôda a sua extensão, e resolvê-lo dentro em nós mesmos? Acreditais que seja proveitoso discutirmos sôbre o que se entende por transformação?

INTERPELANTE: *Discutamos sôbre a "seriedade".*

KRISHNAMURTI: Que entendeis por "seriedade"? Ser sério, ardoroso, implica naturalmente a capacidade de descobrir o que é verdadeiro. Posso descobrir o que é verdadeiro, se minha mente está ligada a qualquer ponto de vista determinado? Se a mente está acorrentada pelo saber, pela crença, se está à mercê das influências condicionadoras que a assaltam

a todos os instantes, pode ela descobrir alguma coisa nova? Não implica a seriedade uma aplicação total da nossa mente a qualquer problema da vida? Pode a mente que está atenta só em parte, que é em si mesma contraditória, por mais esforços que faça para ser séria, corresponder adequadamente ao desafio da vida? A mente dividida por desejos distintos, cada qual a arrastá-la numa direção diferente, é capaz, por mais que o tente, de descobrir o que é verdadeiro? Por conseguinte, não é muito importante possuirmos autoconhecimento, aplicar-nos sèriamente à operação de compreender o "eu" com tôdas as suas contradições? Podemos discutir êste ponto?

INTERPELANTE: *Quereis ter a bondade de dizer-nos se a vida e os problemas da vida são a mesma coisa?*

KRISHNAMURTI: Podem-se separar os problemas da vida da própria vida? A vida é diferente dos problemas que a vida suscita em nós? Tomemos esta questão e examinemo-la de princípio a fim.

INTERPELANTE: *E que dizeis da bomba atômica e da bomba de hidrogênio? Podemos apreciar esta questão?*

KRISHNAMURTI: Esta pergunta implica todo o problema da guerra e de como evitar a guerra, não é verdade? Podemos apreciar esta questão até esclarecermos a nossa mente, examiná-la a sério, com todo o empenho, até o fim, e chegarmos, assim, a conhecer integralmente a verdade a seu respeito?

Que se entende por "paz"? A paz é o oposto, a antítese da guerra? Se não houvesse guerra, teríamos paz? Estamos cultivando a paz, ou isso a que chamamos paz é meramente um espaço entre duas atividades contraditórias? Desejamos deveras a paz, não num nível único, econômico, ou social, mas totalmente? Ou a verdade é que estamos continuamente em guerra, dentro de nós mesmos e, por conseguinte, também exteriormente? Se desejamos impedir a guerra, é claro que precisamos tomar certas medidas, o que com efeito significa que não tenhamos fronteiras mentais, porquanto a crença cria a inimizade. Se credes no comunismo e eu, no capitalismo, ou se sois hinduísta e eu, cristão, é claro que existe antagonismo entre nós. Assim sendo, se vós e eu desejamos a paz, não é necessário abolirmos tôdas as fronteiras mentais? Ou desejamos a paz meramente com o significado de satisfação, manutenção do *statu quo*, depois de alcançado um certo resultado?

Devo dizer-vos, não me parece possível que os indivíduos possam deter a guerra. A guerra é como uma máquina gigantesca que, tendo sido posta em movimento, acumulou um momento extraordinário e continuará provàvelmente em movimento até sermos triturados, destruídos, no processo de seu funcionamento. Mas, se desejamos realmente livrar-nos dêsse maquinismo, de todo o maquinismo da guerra, que devemos fazer? E' êste o problema, não é? Desejamos realmente sustar a guerra, interiormente e bem assim exteriormente? Afinal de contas, a guerra é simplesmente a dramática expressão exterior de nossa luta interior, não achais? E pode cada um de

nós deixar de ser ambicioso? Porque, enquanto formos ambiciosos, seremos cruéis, o que inevitàvelmente produz conflito entre nós mesmos e outros indivíduos, e bem assim entre uma coletividade ou nação e outra. Isso significa, com efeito, que, enquanto vós e eu estivermos em busca do poder, em qualquer direção — sendo o poder uma coisa má — temos de produzir guerras. E é possível, a cada um de nós, investigar o processo da ambição, da competição, do desejo de ser pessoa importante entre os que detêm o poder, e pôr fim a êsse processo? Parece-me, só então, poderemos, como indivíduos, apartar-nos desta cultura, desta civilização produtiva de guerras.

Discutamos êste ponto: Podemos nós, como indivíduos, pôr fim, dentro em nós mesmos, às causas da guerra? Uma dessas causas é òbviamente a crença, a divisão de nós mesmos em hinduístas, budistas, cristãos, comunistas e capitalistas. Podemos desembaraçar-nos dela?

INTERPELANTE: *Todos os problemas da vida são irreais, e deve existir algo que é real e em que possamos ter confiança. Que é essa readade?*

KRISHNAMURTI: Pensais que o real e o irreal podem ser separados tão fàcilmente? Ou só começa a existir o real quando começo a compreender o que é irreal? Já considerastes alguma vez o que é o irreal? A dor é irreal? A morte é irreal? Se perdeis o vosso depósito no banco, isso é irreal? O homem que diz "tudo isso é irreal, por conseguinte tratemos de achar o real" — êsse homem está fugindo da realidade.

Podemos, vós e eu, pôr têrmo, em nós mesmos, aos fatôres que contribuem para a guerra, interior e exterior? Investiguemos esta questão, não apenas verbalmente, mas investiguemo-la realmente, examinando-a com seriedade, para vermos se podemos desarraigar de nós mesmos as causas do ódio, da inimizade, o senso de superioridade, a ambição e tudo o mais. Podemos erradicar tôdas essas coisas? Se desejais realmente paz, elas *têm* de ser erradicadas, não achais? Se desejais descobrir o que é Deus, o que é a verdade, necessitais de uma mente que esteja muito tranqüila; e podeis ter a mente tranqüila, se sois ambicioso, invejoso, ávido de poder, de posição, etc? Assim sendo, se desejais realmente a sério compreender o que é verdadeiro, não devem ser eliminadas essas coisas? A seriedade não consiste em compreender o processo da mente, do "eu", que cria todos êstes problemas, e dissolvê-lo?

INTERPELANTE: *Como podemos descondicionar-nos?*

KRISHNAMURTI: Mas eu vo-lo estou mostrando! Que é condicionamento? E' a tradição que vos foi imposta desde a infância, ou as crenças, as experiências, o saber que tendes acumulado. Tudo isso vos está condicionando a mente.

Agora, antes de entrarmos nos aspectos mais complexos da questão, podeis deixar de ser hinduísta, com tudo o que isso implica, para que vossa mente seja capaz de pensar, de reagir, não de acôrdo com um hinduísmo modificado, mas de maneira completamen-

te nova? Pode realizar-se em vós mesmo uma revolução total, de modo que vossa mente se torne fresca, clara, e, portanto, capaz de investigação? Esta é uma questão muito simples. Posso fazer um discurso a respeito dela, mas êsse discurso nada significará, se ficardes meramente escutando e depois vos fordes daqui, concordando ou discordando. Se, entretanto, vós e eu pudermos examinar juntos o problema, de princípio a fim, então é bem possível que sejam proveitosas estas falas.

Podemos, pois, vós e eu que desejamos a paz, que falamos a respeito da paz, erradicar de nós mesmos as causas do antagonismo, da guerra? Quereis que discutamos isso?

INTERPELANTE: *São impotentes os indivíduos contra a bomba atômica e a bomba de hidrogênio?*

KRISHNAMURTI: Continuam a fazer experiências com essas bombas, na América, na Rússia e noutras partes, e que podemos, vós e eu, fazer diante disso? Nessas condições, que vantagem há em discutirmos esta questão? Podeis tentar influir na opinião pública com artigos nos jornais sôbre quanto é terrível essa arma, mas isso impedirá que os governos continuem a experimentar e a fabricar a Bomba H? Não continuarão êles a fazê-lo de qualquer maneira? Pode-se utilizar a energia atômica tanto para fins pacíficos como para fins destrutivos, e, provàvelmente, dentro de cinco ou dez anos teremos fábricas movidas pela energia atômica; mas ao mesmo tempo está-se prepa-

rando a guerra. Pode-se restringir o uso das armas atômicas, mas o impulso para a guerra já foi dado e que podemos nós fazer? Acontecimentos históricos estão em movimento, e eu não creio que vós e eu, aqui em Banaras, possamos deter êsse movimento. Quem nos dará atenção? Entretanto, podemos fazer coisa de todo diferente. Podemos soltar-nos da atual máquina da sociedade, que se prepara incansàvelmente para a guerra, e talvez então, em virtude de nossa própria revolução total interior, possamos contribuir para o erguimento de uma civilização inteiramente nova.

Afinal de contas, que é civilização? Que é civilização indiana ou civilização européia? Uma expressão da vontade coletiva, pois não? A vontade do maior número criou a presente civilização da Índia; e podemos, vós e eu, desprender-nos dela e pensar nestas questões de maneira inteiramente diversa? Não é um dever que incumbe às pessoas verdadeiramente *sérias*? Não há necessidade de pessoas sérias que percebam êsse processo de destruição, em contínuo movimento, no mundo, o investiguem e dêle se desprendam, quer dizer, deixando de ser ambiciosas, etc.? Que mais podemos fazer? Mas, como sabeis, não temos vontade de ser sérios, e esta é que é a dificuldade. Não desejamos estudar-nos a nós mesmos; preferimos discorrer sôbre alguma coisa exterior, remota.

INTERPELANTE: *Deve haver muitas pessoas "sérias", e essas pessoas resolveram os seus problemas ou os problemas do mundo?*

KRISHNAMURTI: Esta não é uma pergunta *séria*, é? É como se eu dissesse que outras pessoas co-

meram, mas eu tenho fome. Se tenho fome, indago onde obter alimento, e o dizer que outras pessoas estão bem nutridas, não tem cabimento, indicando que não estou realmente com fome. Se há pessoas sérias que resolveram os seus problemas — isso não é importante. Vós e eu, porém, resolvemos os *nossos* problemas? Isto é muito mais importante, não achais? Podemos, alguns de nós, discutir a sério esta questão, examiná-la com interêsse, para vermos — não apenas intelectualmente, verbalmente, mas realmente — o que se pode fazer?

INTERPELANTE: *E' de fato possível livrar-nos da influência da moderna civilização?*

KRISHNAMURTI: Que é a "moderna" civilização? Aqui na Índia é uma cultura milenária com uns vernizes de cultura ocidental, ou sejam nacionalismo, ciência, parlamentarismo, militarismo, etc. Ora, ou nos deixamos absorver por esta civilização, ou nos libertamos dela para criarmos uma outra civilização totalmente diferente.

E' um fato muito lamentável o sermos tão propensos só a escutar, porquanto só escutamos pela maneira mais superficial, parecendo-nos suficiente isso, à maioria de nós. Porque achamos tão difícil examinarmos e desarraigarmos de nós mesmos as coisas que estão causando o antagonismo e a guerra?

INTERPELANTE: *Nós temos de considerar o problema imediato?*

KRISHNAMURTI: Mas, ao considerardes o problema imediato, vereis que êle tem raízes profundas,

que são o resultado de causas existentes dentro de nós mesmos. Nessas condições, para se resolver o problema, não é necessário investigar os problemas profundos?

INTERPELANTE: *Só existe um único problema, que é o de descobrirmos qual é a finalidade da vida.*

KRISHNAMURTI: Podemos discutir êste problema verdadeiramente a sério, examiná-lo completamente, de modo que saibamos, por nós mesmos, qual é a finalidade da vida? Que significa a vida? Para onde nos está levando? Isto é o que interessa e não qual é a finalidade da vida. Se buscarmos meramente uma definição da finalidade da vida, um a definirá de uma forma, outro a definirá de outra, e disputaremos, e cada um escolherá a definição "melhor" — aquela que está mais de acôrdo com suas próprias idiossincrasias. Não é isso, por certo, o que pretende o interpelante. Êle deseja saber qual é a finalidade de tôda esta luta, esta busca, esta batalha constante, esta união e desunião, nascimento e morte. Para onde nos está conduzindo no seu todo a existência? Que significa ela?

Ora, que coisa é essa que chamamos "vida"? A vida, conhecemo-la tão-sòmente pela consciência que temos de nós mesmos, não é verdade? Sei que estou vivo, porque falo, penso, como, porque tenho vários desejos contraditórios, conscientes e inconscientes, vários impulsos, ambições, etc. Só quando estou cônscio

dessas coisas, isto é, enquanto tenho consciência de mim mesmo, sei que estou vivo. E que quer dizer "estar cônscio de si mesmo"? Ora, eu só estou cônscio de mim mesmo quando há alguma espécie de conflito; do contrário, não estou cônscio de mim mesmo. Quando estou pensando, fazendo um esfôrço, argumentando, discutindo, interpretando desta ou daquela maneira, estou cônscio de mim mesmo. A própria natureza da "consciência de si mesmo" é a contradição.

A consciência é um processo total, um processo oculto e bem assim ativo, patente. Ora bem, que significa êsse processo de consciência e aonde nos leva êle? Conhecemos o nascimento e a morte, a crença, a luta, a dor, a esperança, o conflito incessante. Qual a significação de tudo isso? Descobrir-lhe a verdadeira significação — é isto que estamos tentando. E a sua verdadeira significação só pode ser descoberta, se a mente é capaz de investigação, isto é, se não se acha ancorada em conclusão alguma .Não é assim?

INTERPELANTE: *Isto é investigação ou reinvestigação?*

KRISHNAMURTI: Só há reinvestigação quando a mente está ancorada, quando é rotineira e, por conseguinte, está sempre a reinvestigar-se. Entretanto, o ser livre para investigar, descobrir o que é verdadeiro, isso requer que a mente não esteja escravizada a nenhuma conclusão.

Ora, podemos, vós e eu, descobrir a significação desta luta com tôdas as suas ramificações? Se tal é a nossa intenção, e se estamos sèriamente interessa-

dos, pode a nossa mente ter alguma conclusão a êsse respeito? Não devemos estar abertos, diante da confusão? Não devemos investigá-la com a mente livre, para que se possa descobrir o que é verdadeiro? O importante, pois, não é o problema, mas sim que se veja se é possível à mente estar liberta para investigá-lo e descobrir a verdade a respeito dêle.

Pode a mente libertar-se de tôdas as suas conclusões? Uma conclusão é meramente reação a determinado condicionamento, não é verdade? Tomemos, por exemplo, a conclusão relativa à reincarnação. Se a reincarnação é ou não é um fato — isso é irrelevante. Porque tendes esta conclusão? E' porque a mente tem mêdo à morte? A mente que crê numa certa conclusão, resultante de mêdo, esperança, anseio, é evidentemente incapaz de descobrir o que é verdadeiro, com relação à morte. Nessas condições, se temos verdadeiro interêsse, nosso primeiro problema, antes mesmo de indagarmos o que significa o processo da vida, é o de descobrirmos se a mente pode ficar livre de tôdas as conclusões.

INTERPELANTE: *Quereis dizer que, para pensar sèriamente, tem a mente de estar vazia de todo?*

KRISHNAMURTI: Que se entende por "liberdade"? Que significa ser livre? Presumis que, se a mente está livre, não acorrentada a nenhuma conclusão, fica num estado de vácuo. Mas é exato isso? Estamos tentando descobrir a verdade sôbre o que é a mente livre. E' livre a mente que chegou a uma conclusão? Se

leio Sankara, Buda, Einstein, Marx — não importa quem seja — e chego a uma conclusão ou começo a crer num certo sistema de pensamento, está livre a minha mente para investigar?

INTERPELANTE: *A comparação não tem nenhum papel no processo da investigação?*

KRISHNAMURTI: Comparar o que? Comparar uma conclusão com outra, uma crença com outra? Desejo descobrir a significação de todo êste processo da vida com suas lutas, suas dores, suas misérias, sua terrificante pobreza, crueldade, inimizade, desejo descobrir a verdade a respeito de tudo isso. Para fazê-lo, não preciso de uma mente que seja capaz de investigar? E pode a mente investigar, se tem uma conclusão ou se compara uma conclusão com outra?

INTERPELANTE: *Pode ser chamada livre a mente, se só tem uma conclusão provisória?*

KRISHNAMURTI: Provisória ou permanente, tôda conclusão já é uma cadeia, não achais? Por favor, pensai um pouco, junto comigo. Se se quer descobrir se existe uma coisa tal como Deus, que acontece, geralmente? Lendo certos livros ou ouvindo os argumentos de uma pessoa ilustrada, posso ser persuadido de que existe Deus, ou posso tornar-me comunista e ser persuadido de que não existe Deus. Se quero, porém, descobrir a verdade a êsse respeito, posso pertencer a qualquer dêsses dois lados? Não deve a minha mente estar livre de tôda e qualquer especulação, todo conhecimento, tôda crença?

Pois bem. Como pode a mente ser livre? Será livre, em algum tempo, se seguir um "método de ser livre"? Pode qualquer método, prática ou sistema, por mais nobre que seja, por mais moderno ou mais provado através de séculos, fazer a mente livre? Ou o método só pode condicionar a mente de uma determinada maneira, — ao que chamamos então liberdade? O método produzirá os seus resultados próprios, não é verdade? E quando a mente busca um resultado através de método — resultado que é a liberdade — estará livre a mente?

Suponhamos uma pessoa tenha determinada crença, crença em Deus ou noutra coisa. Não deve essa pessoa descobrir como se originou tal crença? Isto não significa que *não* se deva crer; mas, porque credes? Porque é que a mente diz "assim tem de ser"? E pode a mente descobrir como nascem as crenças?

Vêdes a insegurança em tôdas as coisas que vos cercam, e credes num Mestre, na reincarnação, porque tal crença vos dá esperança, um sentimento de segurança, não é verdade? E pode a mente que está a procurar segurança, ser livre, em algum tempo? Compreendeis? A mente está a buscar a segurança, a permanência, ela é movida pelo desejo de se ver em segurança; e pode essa mente ser livre para descobrir o que é verdadeiro? Para descobrir o que é verdadeiro, não deve a mente desfazer-se de suas crenças, abandonar o seu desejo de estar em segurança? E existe algum método de nos desfazermos das crenças que nos dão esperanças e o sentimento de segurança? E' isto o que eu entendo por "ser sério".

INTERPELANTE: *Existem períodos de liberdade na mente condicionada?*

KRISHNAMURTI: Há períodos ou intervalos de liberdade, na mente condicionada? De que é que tendes consciência: da liberdade ou da mente condicionada? Considerai a sério esta pergunta, por favor. Nossas mentes estão condicionadas, é bem óbvio. A mente de uma pessoa está condicionada como hinduísta, comunista, isto ou aquilo. Ora, pode a mente condicionada conhecer, em algum tempo, a liberdade, ou pode, apenas, conhecer aquilo que ela imagina ser a liberdade? E podeis ter consciência de como a vossa mente está condicionada? Nosso problema é êste, por certo, e não o que seja a liberdade. Podeis estar cônscio — e só isso — do vosso condicionamento, — o que significa perceber que a vossa mente funciona de uma determinada maneira? Não estamos falando sôbre como alterá-la, como operar qualquer modificação; não é esta a questão. Vossa mente funciona como hinduísta, ou moderadamente hinduísta, como cristã ou comunista. Estais cônscio disso?

INTERPELANTE: *A liberdade não é uma aquisição, mas uma dádiva...*

KRISHNAMURTI: Isto é uma suposição. Se a liberdade fôsse uma dádiva, ela seria só para os poucos eleitos, o que seria intolerável. Quereis significar que vós e eu somos incapazes de investigar profundamente esta matéria e de nos tornarmos livres? E' o que eu digo: Nós não somos *sérios*. O sabermos de que maneira estamos condicionados é o primeiro passo para

a liberdade. Sabemos nós, porém, como estamos condicionados? Quando fazeis uma marca vermelha na testa, quando pondes vossas vestes sagradas, praticais *puja*, ou seguis algum guia ou líder — não são estas as atividades da mente condicionada? E podeis abandonar tudo isso, de modo que, abandonando-o, descubrais o que é verdadeiro? Esta é a razão por que a verdade só se mostra aos que são sérios, e não aos que estão apenas em busca de segurança e aprisionados numa dada forma de conclusão. O que estou dizendo é só que a mente, quando está amarrada a uma dada conclusão, temporária ou permanente, é incapaz de descobrir qualquer coisa nova.

INTERPELANTE: *Um cientista tem os seus dados. Estaria êle disposto a abandonar os seus dados?*

KRISHNAMURTI: Falais como cientista ou como ente humano? Até mesmo o pobre cientista — se deseja descobrir algo — tem de pôr de parte o seu saber e as suas conclusões, pois isso adulterará todo e qualquer descobrimento. Senhor, para podermos descobrir, temos de morrer para as coisas que sabemos.

INTERPELANTE: *O descondicionamento da mente pode ser efetuado no nível consciente, no nível inconsciente, ou em ambos os níveis?*

KRISHNAMURTI: Senhor, que é a mente? Há a mente consciente e a mente inconsciente. A mente consciente está ocupada com as obrigações de cada dia, ela observa, pensa, argumenta, dá atenção a um

trabalho etc. Mas estamos cônscios da mente inconsciente? A mente inconsciente é o repositório de instintos raciais, o resíduo que constitui esta civilização em que existem certos impulsos conscientes e várias formas de compulsão. E pode a nossa mente, na sua totalidade, isto é, a mente consciente e bem assim a inconsciente, descondicionar-se?

Ora, porque é que dividimos a mente em mente consciente e mente inconsciente? Existe uma barreira precisa entre a mente consciente e a mente inconsciente? Ou estamos de tal maneira senhoreados pela mente consciente, que nunca cuidamos da mente inconsciente, nunca estivemos abertos para ela? E pode a mente consciente investigar, sondar a mente inconsciente, ou é só quando a mente consciente está quieta que se manifestam as inspirações, sugestões, impulsos e compulsões inconscientes? Assim sendo, o descondicionamento da mente não é um processo da mente consciente ou inconsciente; é um processo total, que se verifica quando há a intenção séria de descobrir se a mente está condicionada.

Tende a bondade de considerar bem isso e de *experimentá-lo*. O que é importante é a intenção total, séria, de verificar se a vossa mente está condicionada, a fim de que possais descobrir o vosso condicionamento, e não, simplesmente, dizerdes que a vossa mente está ou não condicionada. Quando vos olhais a um espelho, vêdes o vosso rosto tal qual é; podeis desejar que certas partes dêle fôssem diferentes; a realidade, porém, se mostra no espelho. Ora, podeis observar vosso condicionamento de maneira idêntica? Podeis estar completamente cônscio de vosso condi-

cionamento, sem o desejo de alterá-lo? Não estais totalmente cônscio dêle quando desejais modificá-lo, quando o condenais ou o comparais com outra coisa. Mas quando fordes capazes de encarar o fato do vosso condicionamento, sem comparação, sem julgamento, vê-lo-eis então como uma coisa total e tereis a possibilidade de libertar a mente dêsse condicionamento.

Vêde, quando a mente está cônscia do seu condicionamento, ela se divide, dizendo que não gosta do condicionamento ou que êle é bom; e enquanto há condenação, julgamento, comparação, é incompleta a compreensão do condicionamento e, por conseguinte, êle se perpetua. Entretanto, se a mente está cônscia de seu condicionamento, sem condená-lo nem julgá-lo, mas só observando-o, há então percebimento total; e, se assim perceberdes, vereis a vossa mente libertar-se do condicionamento.

Isso é o que eu entendo por "ser sério". *Experimentai*, mas não de maneira superficial; observai a sério a vossa mente em ação, a tôdas as horas, quando estais à mesa do jantar, quando falais ou quando andais, de modo que vossa mente se torne perfeitamente cônscia de suas atividades. Só então pode dar-se a libertação do condicionamento e ter-se-á, por conseguinte, a tranqüilidade total da mente, o único estado em que é possível descobrir o que é a verdade. Se não há essa tranqüilidade, que é produto da compreensão total do condicionamento, vossa busca da verdade não tem significação alguma, sendo simples armadilha, em que ides cair.

9 de janeiro de 1955.

SEGUNDA CONFERÊNCIA DE BANARAS

SE PUDÉSSEMOS investigar, com tôda a seriedade e profundeza, a questão da autocontradição (*self-contradiction*), isso poderia ter grande sigficação em nossa cotidiana existência.

Porque são os entes humanos afligidos pela autocontradição? Porque existe, na maioria de nós, essa compulsão, essa resistência, e essa constante exigência de nos ajustarmos a um determinado padrão? Não sei se alguns de nós estamos cônscios, mesmo num grau mínimo, dessa contradição existente em nós mesmos, mas, parece-me, seria bastante proveitoso examinarmos sèriamente esta questão, uma vez que isso poderia ser o fio que nos guiaria à ação "integrada", tão essencial para uma vida criadora e verdadeiramente boa. A menos que estejamos profundamente cônscios dessa contradição existente em nós mesmos, a menos que vejamos de onde ela se origina, e descubramos se se pode realmente eliminá-la, qualquer reforma de remendos, política, religiosa ou de outra natureza, só pode levar a malefícios maiores. Releva muito compreendermos isso, uma vez que essa compreensão poderá ser a solução de todos os males que

nos rodeiam, os quais são o resultado de nossa própria natureza contraditória.

A maioria de nós somos impelidos por várias compulsões, vários desejos contraditórios, e mesmo que estejamos cônscios dessa contradição em nós mesmos, nunca parecemos fundamentalmente capazes de investigar em profundidade a sua causa e extirpá-la. E, parece-me, se pudermos compreender o que significa ter uma vida "integrada", uma vida verdadeiramente boa, uma vida em que não haja contradição, nem competição de espécie alguma, nem resistência, nem ajustamento a nenhum padrão, então estaremos aptos, suponho, a criar uma nova cultura, uma nova civilização, que é afinal o que está a exigir o mundo, no seu atual estado de conflito.

Para correspondermos adequadamente ao desafio da vida, precisamos estar "integrados". Como promover a integração? E porque estamos divididos pela autocontradição? Nós, em geral, não estamos cônscios dessa contradição. Forçamo-nos a ajustar-nos cegamente a um dado padrão de ação ou a seguir um ideal; estamos cheios de tensões, de desejos em conflito, querendo fazer uma coisa e fazendo o contrário, pensando de uma maneira e agindo de maneira totalmente diversa, e estamos inconscientes dessa autocontradição. Justificamos ou condenamos o que fazemos, e êsse próprio julgamento é outra contradição existente em nós mesmos.

Ora, se cada um de nós souber escutar o que se está falando, não analìticamente ou com o propósito de alcançar um estado integrado, mas escutar sem nenhuma opinião, nenhuma acumulação de conclu-

sões prévias, i.e., se soubermos escutar completamente purificados, com a mente nova, talvez então o que se está dizendo tenha significação. Do contrário, se tornará uma nova opinião, uma nova teoria, algo para ser executado; e na própria execução de uma idéia, já estamos criando contradição dentro de nós mesmos. A mera aceitação de uma idéia nova é uma contradição ao que já está arraigado em nosso espírito, e seu efeito é só de aumentar a luta. Entretanto, se pudermos compreender totalmente o que é a contradição e como se origina, então, pelo próprio ato de escutar, a integração se realizará sem luta alguma.

Considero da máxima importância compreender que, com aceitarmos meramente uma nova idéia, uma nova filosofia, uma nova doutrina, cria-se uma contradição com o que já existe (em nosso espírito) e surge o problema de conciliar o velho com o novo, ou de interpretar o novo nos têrmos do velho. E' possível, pois, escutarmos de maneira que não se crie contradição entre o novo e o velho? Pode alguém descobrir por si mesmo como surge a contradição, e perceber o fato simplesmente, sem convertê-lo numa idéia, numa opinião, e criar, por essa maneira, nova contradição? O problema é êste: Podeis escutar o que se está dizendo e perceber o fato novo sem criardes com êle uma idéia ou uma conclusão em oposição ao velho, quer dizer, uma nova contradição dentro em vós mesmos?

Ora, sem dúvida, esta é uma questão suficientemente importante para a discutirmos um pouco, ou seja a questão de que a mente condicionada nunca

observa um fato novo sem interpretá-lo, julgá-lo, ou ter já uma conclusão a seu respeito. Pode a mente observar o fato novo sem conclusão alguma? Isso, com efeito, significa: Pode a mente estar livre de condicionamento, deixar de pensar pelos moldes hinduístas, budistas ou cristãos e encarar o fato novo sem interpretação? Se pode, haverá então, talvez, uma ação que não será contraditória.

Ora bem, como é que surge em cada um de nós essa contradição? Não surge ela quando a mente é incapaz de uma reação nova ao que é novo, isto é, quando a mente está condicionada? Nossas mentes estão condicionadas pela cultura hindu ou pela cultura ocidental, pela religião, por certos padrões de pensamento, pelo pêso do saber adquirido por meio da educação e da experiência, experiência que é, ela própria, reação de um dado condicionamento. E' claro que, em tais condições, a mente não pode reagir de maneira adequada ao novo: daí resulta a contradição. A vida é um "processo" do novo, a tôdas as horas, seguidamente. E' como um rio. As águas do rio podem parecer as mesmas, mas êle está num fluir contínuo, numa constante mudança; e se a mente é incapaz de reagir adequadamente ao fluir da vida, ou se reage a êsse movimento incessante em conformidade com o seu condicionamento, é inevitável a contradição, não só na mente superficial, mas também nas camadas mais profundas da consciência. Por conseguinte, o nosso problema não é de como sermos integrados, mas sim o de descobrirmos se a mente condicionada pode descondicionar a si própria.

Pode a mente hinduísta — se tal coisa existe — com sua religiosidade, suas superstições, seus padrões

de pensamento, as influências sociais a que está sujeita, descarregar-se de todo êsse condicionamento? Só então, por certo, está ela apta a corresponder adequadamente ao que é novo e libertar-se, assim, da autocontradição.

Mas à maioria de nós não interessa o descondicionamento da nossa mente, porém antes um condicionamento que seja melhor, mais amplo, mais nobre. O cristão deseja que a mente se condicione dentro de um certo padrão, e o mesmo deseja o comunista, o hinduísta, o budista, etc. A todos êles interessa o melhoramento do condicionamento da mente, a decoração do interior da prisão, e não a completa libertação dessa prisão. E é possível libertar-nos totalmente do nosso condicionamento? Não estou fazendo esta pergunta para responderdes "sim" ou "não", pois tais respostas são sem significação. Entretanto, se cada um de nós deseja descobrir se a mente pode ficar livre do passado, o que significa compreender o conteúdo total da mente, creio que então será possível criar um estado mental em que não existirá contradição.

Assim sendo, é deveras essencial, se queremos corresponder de maneira nova ao desafio da vida, que se corresponda a êle de maneira total. Quando só há uma reação parcial, é inevitável a desintegração de qualquer civilização ou cultura, como está evidentemente acontecendo neste país e noutras partes. Podemos, pois, estar cônscios do nosso condicionamento, que nos está impedindo a reação total ao desafio da vida? Por "estar cônscio" quero significar que se perceba simplesmente o fato de nosso condicionamento como hinduístas, maometanos ou o que quer que

seja, sem condenar nem operar modificação alguma nesse condicionamento; porque, no momento em que desejamos operar uma modificação do nosso condicionamento, já criamos uma contradição. Vêde que, se pudermos realmente perceber êste fato tão simples, nossa compreensão do condicionamento terá um significado completamente diverso.

A vida, que é a existência comum das relações, das ocupações e demais coisas que fazemos, é um desafio constante; na sua reação a êsse desafio, a mente condicionada produz autocontradição, e a mente contraditória, por mais nobre que seja, por mais idealistas e reformatórias que sejam as suas atividades, há de criar inevitàvelmente malefícios, não só no nível político ou social, mas também, psicológica e religiosamente, nos níveis mais profundos da existência. Por outro lado, a pessoa que se liberta do coletivo, que é a prisão do condicionamento, é verdadeiramente individual, criadora, e só essa pessoa pode ajudar a criar uma civilização de espécie diferente, uma nova cultura, pois nela própria não existe contradição. Sua ação é inteira, total, não está sendo dividida por idéias, não há hiato entre a ação e o pensamento, não há separação da elaboração mental e da execução de uma determinada idéia. Só uma tal pessoa está integrada e é capaz de compreender totalmente o processo da contradição; entretanto, aquêle que está lutando para se tornar integrado não é capaz disso, uma vez que o próprio esfôrço para ser integrado é uma contradição.

O homem que percebe a prisão do seu próprio condicionamento e se revolta, não dentro da prisão,

mas totalmente, de maneira que sua própria revolta o impele para fora da prisão — êsse homem é que é um verdadeiro revolucionário, e me parece importante compreender isso. Só o compreenderão, porém, os que são sérios, e não os que estão tentando interpretar o que se está dizendo de modo que o ajuste a certa filosofia ou crença. Se perceberdes o vosso próprio condicionamento como um fato real, sem aceitardes essa condição nem procurardes ajustá-la a um novo padrão, tornar-vos-ei um revolucionário no sentido mais profundo da palavra, e são êstes os únicos indivíduos capazes de produzir uma cultura completamente diferente, uma civilização nova neste mundo de sofrimentos.

PERGUNTA: *Nossos espíritos são o resultado do passado; molda-os a tradição de Sankara e Buda. O mero autoconhecimento ajudar-nos-á a libertar-nos dêsse condicionamento?*

KRISHNAMURTI: Se tivésseis *escutado* realmente, a vossa pergunta teria sido respondida pelo meu preâmbulo. Senhor, é possível empreendermos a nossa viagem de exploração, sem conhecimento prévio, sem livro algum, sem citarmos os filósofos, os cientistas ou os psicólogos? Entendeis a pergunta? Afinal de contas, para descobrir o que é a verdade, o que é Deus (ou o nome que lhe derdes), a mente tem de estar inteiramente só, não contaminada pelo passado, não achais? Por conseguinte, não traduzais o que estou dizendo, conferindo-o com o que tendes lido.

A mente, a vossa mente, é resultado do tempo, de muitos dias passados, ela tem uma enorme carga de conhecimentos, de experiência dentro da esfera do tempo. E pode-se pôr de parte tudo isso e dizer-se: "Não sei nada"? Embora tenhamos lido, embora tenhamos experiência, é possível pôr-se totalmente de parte tudo isso, percebendo que o saber é um empecilho à investigação e descobrimento da verdade? Isso requer uma mente sobremodo destemida, com nenhum fim em vista, nenhum desejo de alcançar um certo resultado; o que significa, com efeito, um espírito capaz de descondicionar-se, de ser livre do passado, porque compreende que todo condicionamento é obstáculo, fonte de contradição.

Vêde bem, senhor, a dificuldade da maioria das pessoas, e provàvelmente de todos nós aqui, é têrmos lido demais e costumamos traduzir o que lemos nos têrmos do nosso condicionamento; por essa razão, o conhecimento ou a experiência se torna mais um obstáculo. E o que pergunto é se se pode pôr de parte tôdas as coisas do passado, tudo o que se aprendeu, e encarar a vida de maneira nova. Não estou dizendo que se ponha de parte o saber relativo ao mundo mecânico, mas, sim, aquêle saber que tem para a mente um significado psicológico, de modo que cada um possa ser o instrutor de si mesmo. Então não haverá mais *guru* e discípulo, porque estais descobrindo coisas novas a cada momento e, com tal maneira de aprender, já não há necessidade de instrutores.

PERGUNTA: *Mas a mente está carregada do passado, e como podemos sacudi-lo de nós? Qual o método?*

KRISHNAMURTI: Desejais um método porque desejais alcançar um resultado, desejais chegar a alguma parte, e só isso vos interessa. E' caso idêntico ao do funcionário de banco que deseja tornar-se gerente. Vossa mente está a galgar a escada do sucesso, mundano ou supostamente espiritual, e a mente em tais condições não compreenderá, uma vez que só está interessada em alcançar seus fins. Releva, por certo, descobrir porque a vossa mente deseja alcançar um resultado, porque aspira a ver-se livre do passado. Porque desejais ficar livre do passado? E pode a mente, sendo, ela própria, resultado do tempo, fazer algum esfôrço para libertar-se do tempo? Se o faz, continua, não obstante, na esfera do tempo, o que é bem evidente; fazendo um esfôrço para ser livre, para chegar a alguma parte, criou ela uma contradição dentro de si mesma. A mente é resultado do tempo, e todo movimento que ela faça no sentido de libertar-se, está sempre dentro da esfera do tempo. Se se percebe isso com simplicidade e clareza, só então há a possibilidade de ficar a mente de todo tranqüila. O próprio percebimento dêsse fato torna a mente tranqüila. Quando a mente faz esfôrço para estar tranqüila, a sua meditação é de fato uma barganha, uma transação mercantil.

PERGUNTA: *Uma civilização antiga, como a da Índia, deixou uma profunda marca nos nossos padrões de conduta social, atualmente em decadência. Como poderemos conservar as características mais excelentes da nossa cultura e fazer reviver o antigo espírito?*

KRISHNAMURTI: Uma coisa morta deve ser enterrada; não podemos ressuscitá-la, não podemos reverter a ela. Mas é isso o que quereis fazer. Porque em vós mesmo vos vêdes confuso, dizeis: "Voltemos aos *rishis*, restauremos o antigo espírito, as danças, os rituais", tôdas as coisas que já estão mortas. Vêde-vos frente a frente com um desafio, e dizeis: "Voltemos ao passado". Se voltardes, se reagirdes, voltando as costas ao que é novo, vossa civilização irá decompor-se — que é exatamente o que está acontecendo. Podeis voltar a vossos templos, a Sankara, aos livros sagrados, aos sacerdotes, às imagens esculpidas pela mão, e tudo o mais, — mas tudo isso são coisas mortas e não terão significado nenhum.

Por conseguinte, não podeis voltar. Ao novo, só se lhe pode corresponder de maneira nova; mas não podereis corresponder de maneira nova, se conservais alguma coisa do velho. Tendes de abandonar completamente o velho, para corresponderdes totalmente ao novo. Se correspondeis parcialmente, conservando as "boas coisas" da cultura indiana e fazendo uma mistura do velho com o novo, então, naturalmente estais criando malefícios. Uma nova civilização só pode ser criada por homens capazes de corresponder totalmente ao novo, e não podereis corresponder totalmente ao novo se ficardes apegado à cultura antiga ou a algumas de suas coisas boas. Positivamente, senhores, para que possa corresponder ao novo de maneira completa, a mente deve estar livre da prisão do velho, porque a sua liberdade não pode existir dentro das dependências da prisão. Podemos revoltar-nos dentro da prisão, exigindo certas reformas e ajusta-

mentos intramuros, mas no processo de compreensão da prisão do condicionamento, em tôda a sua extensão, ocorre uma revolução total, que não é nem indiana nem ocidental; é ela uma coisa totalmente nova e, por conseguinte, um movimento do real. É o movimento do real, e não a ressurreição do velho, que cria a nova civilização. Senhores, a ressurreição do velho é meramente uma "continuidade modificada" do passado e essa reação do velho não é liberdade. Nasce a liberdade, não como resultado da busca da liberdade, mas quando cada um compreende, na sua inteireza, o condicionamento de sua própria mente.

PERGUNTA: *Mas, condicionados como estamos, é impossível escutarmos sem contradição.*

KRISHNAMURTI: Parece-me, senhor, não acompanhastes com atenção o que eu disse, que foi: Não escuteis com opiniões, com conclusões, que só criam oposição, escutai, porém, com o propósito de descobrirdes qual é o verdadeiro processo da mente, escutai para compreenderdes o processo do vosso próprio condicionamento. Não pergunteis como podeis libertar-vos do vosso condicionamento, mas estai cônscio de vossos condicionamentos, sem julgamento.

Vêde, por favor, que o que estou dizendo é muito simples, ou seja: a mente é constituída do passado, é resultado do passado, e não é necessário investigarmos êste fato perfeitamente óbvio. A mente é constituída de milhares de dias passados, de experiências inumeráveis; quando faz um esfôrço para livrar-se dêsse condicionamento, aparece inevitàvelmente uma

contradição. Mas se a mente estiver cônscia de seu condicionamento, sem desejar modificar êsse condicionamento ou libertar-se dêle, então o próprio percebimento dêste fato em si, produz uma revolução total.

Experimentai isso, e vereis como é difícil estar-se cônscio, simplesmente, do condicionamento, sem o desejo de modificá-lo ou de libertar-se dêle. Vossa mente é constituída de contradições, sois educados para comparar, condenar, avaliar, e por conseguinte já formastes uma opinião a respeito do vosso condicionamento. Dizeis que não deveis estar condicionados ou que não há possibilidade de existir um estado não condicionado, como dirão os comunistas; assim sendo, já formastes uma conclusão. Entretanto, o estar-se cônscio de seu condicionamento sem conclusão alguma, isso, em si, é a revolução.

PERGUNTA: *O fator que sufoca tôdas as tentativas de expressão criadora é a mediocridade. A insipidez e a mediocridade parecem ser a inevitável tribulação de uma sociedade sem classes. Existe alguma maneira de se estabelecer a igualdade, mantendo vivo ao mesmo tempo o fogo criador?*

KRISHNAMURTI: Senhores, que se entende por "sociedade sem classes"? Enquanto posição e função andarem emparelhadas, isso não deixará de criar uma sociedade com distinções de classe. Enquanto um diretor de escola mantiver o seu cargo como uma posição, com tudo o que isso subentende, em vez de o

manter meramente como função, isso dará inevitàvelmente uma sociedade com consciência de classes. E é muito difícil não se apresentar ao espírito, quando se exerce uma função, a idéia de posição. Por êsse motivo, assim que se começa a criar uma sociedade sem classes, o comissário logo se torna importante, pois sua função lhe confere posição, o que significa certos privilégios, distinções, autoridade.

"Existe alguma maneira de se criar a igualdade e manter viva, ao mesmo tempo, a chama criadora?" Que se entende por igualdade? Sei que todos dizem ser necessário haver igualdade; mas pode, em algum tempo, haver igualdade? Existe igualdade de função? Eu posso ser cozinheiro, e vós, governador. Se o governador despreza o cozinheiro, como geralmente faz, visto sentir-se muito mais importante do que o cozinheiro — já que para êle o que importa é a posição e não a função — como pode haver igualdade? Tendes por acaso uma cabeça melhor do que eu, conheceis mais gente do que eu, pintais, escreveis poemas, sois artista, cientista, enquanto eu não passo de um mero cule ou escrevente. Como pode haver igualdade?

Ou, talvez não estejamos considerando o problema corretamente. Terá tanta importância a desigualdade, se cada um de nós estiver exercendo uma ocupação de que gosta realmente, uma ocupação a que ama com todo o seu ser? Compreendeis, senhor? Se amo o que estou fazendo, não há, em minha atividade, contradição nem ambição. Não estou almejando encômios, aplausos, títulos e demais futilidades. Amo realmente o que faço, e, por conseguinte,

o problema da competição, da ambição, do antagonismo que resulta do comparar uma arte ou função com outra, deixará de existir.

Por certo, está perdida a chama criadora quando a posição se torna importante, ou quando se impõe o padrão da igualdade, que não passa de mera teoria. Mas se soubermos educar o estudante, desde a infância, para amar o que está fazendo, seja isso o que fôr, amá-lo com todo o seu ser, talvez então não haja mais contradição e, por conseguinte, deixem de existir as atividades anti-sociais.

Senhor, acredito que a igualdade nasce quando existe o amor nos nossos corações, quando o coração está vazio das coisas da mente. Quando existe amor, não há o senso de grandes e pequenos, não tocamos com as mãos os pés do governador, nem nos inclinamos mais profundamente diante dêle do que diante de nosso cozinheiro. Por não amarmos, esquecemos de todo a significação da igualdade. Mas o amor não é coisa que se possa fazer por encomenda, pelas medidas de Marx; não pode ser encontrado na teoria comunista, nem no padrão de uma nova cultura. Nasce quando compreendemos as atividades da nossa mente. Com o autoconhecimento, vem o amor, não o amor dos sentidos ou da divindade, mas o simples sentimento de amar, sentimento em que há bondade, respeito, e nunca há mêdo.

Se ouvimos tudo isso, depois saímos e vamos saudar muito humildemente o governador e maltratar os nossos criados, nesse caso a própria audição destas falas se torna uma contradição. Mas se escutamos, não com o fim de alcançarmos um resultado, porém

de compreendermos a significação do que se está dizendo, ou seja compreendermos as atividades de nossa própria mente, se assim escutarmos, conheceremos a beleza desta coisa extraordinária que se chama amor.

16 de janeiro de 1955.

TERCEIRA CONFERÊNCIA DE BANARAS

VALERIA a pena examinarmos a questão relativa ao que é ser verdadeiramente criador, porquanto êste parece ser o principal problema do mundo na época atual. Ser-se apenas prendado ou talentoso a certo respeito, isso, evidentemente, não indica capacidade de criar. Acho que a ação criadora nasce da capacidade de ver a vida como uma totalidade e não fragmentàriamente, de pensar e sentir como um ente humano completamente integrado. Pode ser que êsse senso de inteireza, sem contradição, seja o experimentar da realidade, Deus (ou como quiserdes chamá-lo), e penso que compreenderemos êsse estado se soubermos distinguir o mito do fato.

Permiti-me sugerir-vos não tomeis notas. Se tomais notas, apenas escutais parcialmente, e acho muito mais importante *experimentar* agora o que estamos discutindo, do que tomar notas a fim de rememorá-lo posteriormente. Se pudermos estar completamente atentos ao que se está dizendo, e *experimentá-lo* diretamente, isso terá com tôda a certeza muito mais significação do que apenas cuidardes de guardar

na lembrança certas frases e tentar relacioná-las com os fatos correntes da vida diária.

Releva, assim me parece, se compreendam os fatos comuns da nossa vida, e para os compreendermos, é claro, devemos distingui-los da mitologia que criamos em tôrno dêsses fatos. Se soubéssemos distinguir o fato do mito, seria então possível resolver o problema principal da vida: êste esfôrço constante, a luta para vir a ser, que está, com efeito, impedindo uma compreensão completa do que é a vida.

Se nos tornamos cônscios, por pouco que seja, das atividades da nossa mente, notamos que há sempre uma contradição no nosso pensar, um esfôrço para pôr um remendo ou uma ponte sôbre o vão existente entre *o que* é e o que deveria ser. Esta luta constante para vir a ser é o que conhecemos, e se pudéssemos compreendê-la corretamente e dissolvê-la, surgiria então, talvez, um estado de integração, uma vida de *ser*, e não de *vir a ser*.

Ora, pode-se compreender alguma coisa por meio de esfôrço? Para compreender, não há dúvida de que a mente tem de estar tranqüila, e ela não pode estar tranqüila quando se acha num estado de esfôrço. Se encarais um fato através do crivo de vossas opiniões, preconceitos ou conhecimentos, ficais divididos entre o fato e o que vós mesmos julgais verdadeiro, e essa contradição entre o fato e o mito acarreta um esfôrço constante da vossa parte, o qual é destrutivo. O fato é uma coisa, e o mito relativo ao fato, outra coisa, e o esfôrço existe em virtude dêsse mito separado do fato. Uma vez possamos perceber realmente que todo esfôrço dessa natureza é destrutivo, e possamos afastar

a cortina do mito, que nos separa do fato, nossa mente estará então tôda aplicada à compreensão do fato.

Quando nos vemos em presença de um fato, todos nós temos opiniões diferentes a seu respeito, diferentes maneiras de encará-lo, o que gera dissensão, antagonismo, entre nós... Mas se eu fôr capaz de observar o fato sem nenhuma opinião, sem o mito, então o fato terá o seu efeito próprio, sem que eu faça esfôrço algum para submeter-me ao fato ou a êle ajustar a minha mente.

Nessas condições, pode a mente encarar o fato sem formar opinião, isto é, juízo, a seu respeito, sem evocar os seus conhecimentos e sua experiência anterior? Porque a vida é uma coisa, e o que pensamos que ela *seja*, é outra coisa. A vida, como é bem óbvio, é impermanente, não estática, está sempre em movimento, num fluxo constante; mas nós queremos tornar permanente essa coisa fugitiva, queremos tornar agradável a nós êste movimento constante. O fato, pois, é uma coisa e o mito outra coisa, e pode-se libertar a mente do mito, isto é, daquilo que *gostaríamos* que o fato fôsse? Podemos libertar-nos de tôdas as filosofias criadas por aquêles que não sabem encarar o fato, e que nos têm condicionado a mente? Se pudermos fazê-lo, não haverá mais conflito. Parece-me, aqui é que está o ponto mais importante da questão. E' muito interessante observar como a mente opera, perceber quanto lhe é difícil desfazer-se do mito, das opiniões, das várias filosofias, e observar o fato com simplicidade; mas se pudermos, realmente, fazer tal coisa, creio que isso produzirá uma revolução total do nosso pensar, porquanto eli-

minará todo o processo de "mentalização" que está construindo o mito, o "ego", o "eu".

Afinal de contas, o "eu" é totalmente impermanente, não achais? Que é o "eu"? Uma série de lembranças, experiências, um processo de pensamento condicionado, apartado do fato, e é essa separação da mente, do fato, por meio de várias formas de condicionamento, que destrói a ação criadora. Não acho que isso seja uma simplificação exagerada, e se pudermos percebê-lo deveras, veremos que a mente se tornará então, meramente, um observador do fato, e que o observador não é uma coisa separada do fato.

Que é a mente? E' o movimento constante de pensamento, não é? Movimento de pensamento, produto de determinado condicionamento, comunista, cristão ou o que mais seja, e acumulação de experiências baseadas nesse condicionamento. Tudo isso é a mente. A mente não pode encarar de maneira direta um fato, porque ela foi moldada pelo saber, sob várias formas, satisfações pessoais, opiniões, juízos, sendo que tudo isso a impede de observar diretamente o fato. Se se compreender realmente isso, o efeito psicológico será extraordinário. A mente está numa busca constante de segurança, sob alguma forma, de alguma espécie de permanência; mas não há permanência nenhuma. Do ponto de vista psicológico a mente é ambiciosa, ávida e, por isso, cria uma sociedade baseada na avidez, sendo sociedade a vontade coletiva. O fato é que não existe permanência; a mente, porém, a busca, com o que se cria o mito separado do fato; e surge, assim, uma contradição, que obriga a mente a um esfôrço constante para ajustar

o mito ao fato, e êste é o conflito em que estamos empenhados.

Nessas condições, o nosso problema é o seguinte: Pode a mente ficar livre de tôdas as variedades de opinião, conclusão, julgamento, esperança, e encarar o fato diretamente? E ficando ela assim livre, existirá ainda algum fato, exceto a liberdade da mente? Examinemos um pouco êste ponto.

Como sabeis, a mente é o resultado do tempo, de muitos dias passados, e o processo de pensamento o produto de um certo condicionamento. Essa mente condicionada está sempre em busca de alguma espécie de consolação, alguma espécie de permanência. Tal é o estado da mente de quase todos nós. Mas o fato é que a vida não é uma coisa permanente, a vida não é segura; ela é um movimento exuberante, fora do tempo. Ora bem, quando a mente está livre do seu condicionamento, dos seus juízos, opiniões, de tôdas as coisas que a sociedade lhe impôs, é ela então diferente do fato que é a vida? A vida é então a mente; não há mais separação entre o fato e a mente. Esta é com efeito uma experiência espantosa para quem é capaz de realizá-la, e a mente, achando-se num estado de rebelião, está capacitada a produzir uma cultura de todo diversa. Não sei se percebeis a significação disso.

Ora, a mente está buscando a verdade, Deus, como uma coisa existente em separado, e "buscar", mesmo semânticamente, subentende uma separação, uma direção. A mente quer Deus como entidade permanente, estática, e por conseguinte o seu Deus é criado por ela própria; mas a verdade relativa a Deus

pode ser completamente diferente, pode ser algo que não é produto da mente, em absoluto. O fato, pois, pode ser uma coisa, e aquilo que a mente busca, outra coisa. A busca poderá conduzir-vos, não ao fato, mas para longe do fato; e isso, com efeito, significa que a mente tem de abandonar a busca. Ela busca, por desejar confôrto, segurança, permanência, etc., e, por conseguinte, está a mover-se numa direção que a afasta totalmente da realidade, a qual bem pode ser que nunca esteja parada e tenha de ser descoberta pela mente a cada minuto e a cada segundo. Tão logo a mente descobre que a sua busca é o resultado de um determinado condicionamento, de um desejo de segurança, de permanência, etc., há então, sem coação nem compulsão alguma, um término natural do movimento da busca, do movimento no rumo de um alvo que se quer conquistar. Não é, então, a própria mente o *movimento* do fato, e não o movimento de um desejo ou uma esperança *a respeito* do fato? Ela é então, com efeito, o movimento da verdade, da criação, porque não há contradição de espécie alguma; a mente está inteira, completamente integrada, não há esfôrço para ser, vir a ser. E' realmente importante compreender isso. Não poderemos discutir esta questão?

PERGUNTA: *Existe, em nós, algo permanente?*

KRISHNAMURTI: Se me permitis dizê-lo, não ouvistes com atenção o que estivemos dizendo. O fato é que tôdas as coisas são impermanentes, quer vos agrade, quer não; mas isso não é uma questão de aceitação. Ergue-se aqui uma questão de enorme importância. Que é "aceitação"? A aceitação implica

que houve uma discordância entre nós. A respeito de que discordamos? Evidentemente, a respeito de opiniões. As opiniões podem ser aceitas ou rejeitadas. Mas estais "aceitando" a verdade de que a vida é impermanente ou apenas vendo o fato de que ela é impermanente, e isso nada tem que ver com "aceitação"? Ninguém precisa "aceitar" ou admitir a profundidade do oceano: êle "é" profundo. Ninguém precisa convencer-vos do fato de que uma bala de fuzil é uma coisa muito perigosa. Nós "aceitamos" quando não vemos o fato realmente. Não se trata de aceitar o que eu estou dizendo. Estou simplesmente descrevendo o processo "real" do nosso pensar, que é êsse de que desejamos um estado de permanência em tôdas as coisas — na família, nas posses, na posição. Mas a vida não é permanente. Êste é um fato óbvio e, portanto, não requer aceitação. O fato é que a vida é impermanente. Pode a mente, porém, pôr de parte tôdas as filosofias, práticas, disciplinas, que está seguindo, na esperança de alcançar um estado permanente? Pode a mente ficar livre de tudo isso e ver qual é o fato? Estando a mente livre para ver o fato, está o fato então separado da mente? A própria mente não é então o movimento do fato?

Vêde, senhor, a dificuldade está em que não *escutamos* o que se diz; e não o escutamos, por estarmos a *escutar* as opiniões e juízos que trazemos conosco e com os quais pretendemos contradizer ou aceitar o que se diz. Escutar, simplesmente, o que se diz, é uma das coisas mais difíceis. Já procurastes realmente, alguma vez, escutar a alguém? Experimentai, procurai escutar realmente o que alguém

diz, assim como se escuta uma canção, como se escuta uma coisa com que não temos de concordar nem de discordar, e vereis como é extraordinàriamente difícil isso, porque para se escutar simplesmente o que alguém diz, a mente precisa estar muito quieta. Para se averiguar se o que se diz é verdadeiro ou falso, necessita-se de uma mente muito silenciosa, e não se deve interpor entre a mente e o que se está dizendo os nossos próprios juízos a respeito da questão.

O interrogante deseja saber se existe alguma coisa permanente em nós. Como o descobrirá? Só poderá descobri-lo por meio de uma experiência direta. O afirmar-se a existência, ou não, de um estado permanente faz apenas criar-se uma contradição, porquanto condiciona a mente para pensar de uma certa maneira. Se a mente deseja descobrir o que é verdadeiro, deve estar livre de todos os conhecimentos prévios, da experiência, da tradição. Isto é um fato óbvio.

PERGUNTA: *Quando fazeis conferências, vossas idéias nascem do vosso pensar. Como dizeis que todo pensar é condicionado, não são também condicionadas as vossas idéias?*

KRISHNAMURTI: E' óbvio, todo pensar é condicionado. O pensamento é reação da memória, e a memória o resultado de conhecimento e experiência anterior — os elementos que condicionam. Por conseguinte, todo pensar é condicionado. E o interrogante pergunta: "Visto que todo pensar é condicionado, não é também condicionado o que dizeis? Não vos parece ser esta, realmente, uma pergunta interessante?

Para pronunciarmos certas palavras, necessitamos da memória, é óbvio. Para nos comunicarmos, vós e eu, temos de saber inglês, hindustani, ou outra língua qualquer. O conhecimento de uma língua é memória. Esta é uma parte da questão. Ora bem, a mente do orador, isto é, a minha mente, está-se servindo apenas de palavras, para se comunicar convosco, ou se acha ela num movimento de evocação? Existe uma memória, não apenas de palavras, mas também de um outro "processo", e está a minha mente fazendo uso de palavras para comunicar êsse outro "processo"? Parece muito complicado isso? Êste é um problema realmente interessantíssimo, como vereis, se o examinardes de fato.

Vêde: O conferencista tem o seu depósito de informações, conhecimentos, que expõe ao auditório; quer dizer, êle recorda-se. Êle acumulou, leu, coligiu, formou certas opiniões de acôrdo com o seu condicionamento, seus preconceitos, e faz uso da linguagem para comunicar essas opiniões. Todos conhecemos êste processo normal. Pois bem. É isto que está acontecendo aqui? O interrogante diz, com efeito: "Se estais meramente a lembrar-vos de vossas experiências, dos vossos estados, e a comunicar-nos essas lembranças, então o que estais dizendo é condicionado" — o que é exato.

Prestai atenção, por favor, porque isto é muito interessante, sendo uma revelação do processo da mente. Se observardes a vossa própria mente, vereis o a que me refiro. A mente é o resíduo das lembranças, da experiência, do saber, e dêsse resíduo ela tira o que está dizendo; ela tem êsse fundo, do qual tira

o que comunica. O interrogante deseja saber se êste orador tem aquêle *fundo* e, portanto, está apenas a repetir, ou se está falando sem se servir da lembrança da experiência anterior, e, por conseguinte, experimentando ao mesmo tempo que fala. E' evidente, nem todos vós estais a observar a vossa mente. Senhores, investigar o processo do pensamento é uma tarefa delicada, como a de observar ao microscópio um ser vivo. Se nem todos vós estais a observar a vossa mente, sois então como expectadores de fora a observar os jogadores em campo. Mas se todos estivermos observando a nossa mente, isso terá então uma significação imensa.

Se a mente está comunicando, por meio de palavras, uma experiência de que se lembra, então essa experiência lembrada é condicionada, é claro; não é uma coisa viva, em movimento. Já que a experiência é lembrada, pertence ao passado. Todo conhecimento pertence ao passado, não é verdade? O saber nunca pode pertencer ao presente, porque está sempre retrocedendo no passado. Ora, o interrogante deseja saber se êste orador está meramente a tirar do poço de seus conhecimentos aquilo que vos está comunicando. Se está, nesse caso, o que está comunicando é condicionado, uma vez que todo saber é do passado. O saber é estático; embora suscetível de aumentar, é uma coisa morta.

Nessas condições, é possível, em vez de comunicar o passado, comunicar o estado de *experimentar*, de *viver?* Entendeis? Por certo, é possível acharmo-nos num estado de direto experimentar, sem opormos nenhuma reação condicionada ao que se está experi-

mentando, e fazermos uso de palavras para comunicar, não o passado, mas a coisa viva que está sendo experimentada diretamente. Não sei se esta explicação transmitiu ao interrogante o que êle desejava saber.

Quando dizeis a alguém "amo-vos", estais comunicando uma experiência lembrada? Empregastes as palavras conhecidas "eu vos amo", mas esta comunicação representa uma coisa de que vos lembrastes, ou uma coisa real, que comunicais imediatamente? Isso significa, com efeito: Pode a mente deixar de ser a máquina de acumular, guardar e, por conseguinte, repetir o que aprendeu?

PERGUNTA: *E' possível o esquecimento total?*

KRISHNAMURTI: Não estamos falando a respeito do esquecimento total. Isto é amnésia. Eu sei o caminho da estação, reconheço muitas pessoas.

PERGUNTA: *No momento em que está ativo, o processo de pensamento não está condicionado?*

KRISHNAMURTI: Mas está êle ativo, exceto com relação ao uso das palavras necessárias para comunicar o que é verdadeiro?

PERGUNTA: *Não escolhemos as expressões quando estamos comunicando o que é verdadeiro?*

KRISHNAMURTI: Mas o processo de pensamento está ativo sòmente no plano verbal. Afinal de

contas, se eu sei francês, espanhol ou qualquer outra língua, posso servir-me dela para transmitir o que é verdadeiro, e a língua é, então, apenas um meio de comunicação, tal como o telefone, não é verdade? Mas requer-se aqui todo o cuidado, para não enganarmos a nós mesmos, o que é agora facílimo de acontecer, se não estamos muito vigilantes.

Se me dizeis uma coisa, e o que me dizeis é o resultado de uma experiência terminada, nesse caso, a vossa descrição, o vosso pensamento, vem do passado, não é verdade? Assim, o pensamento está condicionado. Mas há pensamento quando estamos *experimentando* e comunicando? Se estais experimentando e comunicando o "estado de amor", há aí pensamento, no sentido em que estamos habituados a compreendê-lo?

PERGUNTA: *Acho que durante o processo de experimentar, cessa a possibilidade de comunicação.*

KRISHNAMURTI: E' exato isso? Quando amais vosso filho, vossa espôsa, um cão, uma flor, nesse momento de *experimentar* cessa a possibilidade de comunicação? Vós me fazeis uma pergunta: respondo a ela. Ao responder, estou *experimentando*, e no entanto a possibilidade de comunicação não cessou. Isto, com efeito, é muito complexo, e, portanto, tende a bondade de prestar atenção. Não é uma questão de opinião; tendes de descobrir.

Todo conhecimento extraído dos livros, bem como a comunicação dêsse conhecimento, é condicionado.

Isto é simples, não? Porque então estais juntando conhecimentos? Tentes de ler certos livros, a fim de vos prepararedes para ganhar a vida, mas porque ledes os *Vedas*, os *Upanishads*? Porque acumulais conhecimentos acêrca de Deus, da reincarnação, de filosofias, etc.?

PERGUNTA: *Quando falais, quem está falando? Não estais cônscio de que estais falando?*

KRISHNAMURTI: Não tenho certeza absoluta de que estou cônscio de que estou falando. Estou-vos dizendo algo. Mas estamo-nos desviando do nosso assunto, saindo por uma tangente.

Todo saber acumulado, seja a respeito de máquinas, de aviões a jato, seja a respeito de filosofias, é condicionado, evidentemente, e desejais saber se o que estou dizendo vem dos meus conhecimentos. Se o que estou dizendo vem de conhecimentos, então o que estou comunicando é condicionado; e se o que estou dizendo não vem de conhecimentos, perguntais: "De onde vem então o que *estais* dizendo?" Que está acontecendo interiormente, dentro do crânio? Psicològicamente, que está acontecendo? Examinemos isto com vagar e procuremos descobrir o que está acontecendo.

Ora, é possível ficarmos desembaraçados da carga do saber acumulado? Se é possível, então, a comunicação num nível diferente é também possível, naturalmente. Se afirmais não ser possível libertar a mente de todo o seu saber, sendo o saber acumulação, nesse caso o pensamento e a sua comunicação são

condicionados. Mas, se é possível fique a mente livre de tôda acumulação, o que significa morrer cada dia, cada minuto, para a experiência anterior, então, embora as palavras tenham um caráter restritivo, condicionante, o que se está dizendo não é condicionado. Parece-me isto um fato verdadeiro, e não simplesmente uma conclusão engenhosa, lógica.

PERGUNTA: *A morte me aterroriza. Posso viver sem mêdo do inevitável aniquilamento?*

KRISHNAMURTI: Porque se aceita como coisa certa que a morte é aniquilamento ou continuidade? Qualquer das duas conclusões é produto de um desejo condicionado, não achais? Um homem que sofre, que é infeliz, que se vê frustrado, dirá: "Graças a Deus, breve tudo isso acabará, e não terei mais que me afligir". Êle espera e deseja o aniquilamento total. Mas o homem que diz: "Não cheguei ao fim — quero mais" — êsse espera e deseja a continuidade.

Ora, porque é que a mente aceita qualquer suposição a respeito da morte? Apreciaremos mais adiante a questão de porque a mente teme a morte, mas em primeiro lugar tratemos de libertar a mente de qualquer conclusão a respeito da morte, pois só assim se pode compreender o que é a morte. Se credes na reincarnação, o que é uma esperança, uma forma de continuidade, nesse caso jamais compreendereis o que é a morte, como igualmente nunca a compreendereis se sois materialista, comunista, isto ou aquilo, e credes no aniquilamento total. Para compreender o que é a morte, a mente deve estar livre, tanto da crença na continuidade, como da crença no aniquilamento. Isto

não é uma resposta artificiosa. Se desejais compreender uma coisa, não deveis abeirar-vos dela com uma conclusão já pronta na mente. Se desejais saber o que é Deus, não deveis ter crença a respeito de Deus. Tendes de abandonar tudo isso, para investigar. Se se deseja saber o que é a morte, a mente tem de estar livre de tôda e qualquer conclusão pró ou contra. Nessas condições, pode a vossa mente ficar livre de suas conclusões? E se vossa mente está livre das conclusões, existe mêdo? Ora, por certo, são as conclusões que vos estão fazendo mêdo, e é por isso que se inventam filosofias. Não sei se estais seguindo isso.

Se desejo mais algumas vidas, para terminar a minha missão, tornar-me perfeito, deposito as minhas esperanças na filosofia da reincarnação e digo: "Sim, renascerei, terei outra oportunidade", etc. etc. Assim sendo, no meu desejo de continuidade, crio uma filosofia ou aceito uma crença, que se torna o sistema em que a minha mente fica enredada. E se não desejo continuar, porque a vida me é demasiado dolorosa, recorro então a uma filosofia que me garanta o aniquilamento. Êste é um fato simples e óbvio.

Pois bem. Se a mente está livre das duas filosofias, qual é então o seu estado perante o fato que chamamos a morte? Se a mente não tem conclusões, existe a morte? Sabemos que tôda máquina se gasta com o uso. O organismo de X poderá durar cem anos, mas se gastará até acabar. Mas não é disso que estamos tratando. Interiormente, psicològicamente, desejamos que o "eu" continue; e o "eu" é constituído de conclusões, não é exato? A mente adquiriu uma série de esperanças, determinações, desejos, conclusões — "Cheguei ao fim", "Quero continuar a es-

crever", "Quero achar a felicidade" — ela deseja que essas conclusões continuem, e teme, por isso, que cheguem a um fim. Mas se a mente não tem conclusões, se não diz "Eu sou uma pessoa importante", "Desejo que meu nome e minha propriedade continuem", "Desejo preencher-me no meu filho" etc. — e tudo isso são só desejos, conclusões — não se acha então a mente num estado de "constante morrer"? E para esta mente existe a morte?

Não concordeis. Isto não é uma questão de concordância, não é simples lógica. E' uma experiência real. Quando morre vossa espôsa, vosso marido, vossa irmã, quando perdeis os vossos bens, depressa descobris como estais apegados ao "conhecido". Mas quando a mente está livre do conhecido, não é então a mente, ela própria, "o desconhecido"? Afinal, o nosso mêdo é de largar o conhecido, sendo o conhecido as coisas que concluímos, julgamos, comparamos, acumulamos. Conheço minha espôsa, minha casa, minha família, meu nome, cultivei certos pensamentos, experiências, virtudes, e tenho mêdo de largar de mão tôdas essas coisas. Nessas condições, enquanto a mente conservar qualquer espécie de conclusão, enquanto estiver enredada num sistema, conceito ou fórmula, nunca conhecerá o que é verdadeiro. A mente que crê é condicionada; quer creia na continuidade, quer creia no aniquilamento, jamais descobrirá o que é a morte. E só agora, enquanto estais vivo, e não quando estiverdes inconscientes, moribundo, podeis descobrir a verdade a respeito dessa coisa extraordinária que se chama a morte.

23 de janeiro de 1955.

QUARTA CONFERÊNCIA DE BANARAS

SE CADA um de nós pudesse resolver realmente qualquer dos nossos problemas humanos, parece-me, seria eliminada uma grande parte dos nossos sofrimentos e de nossa incapacidade de enfrentar a vida. Porventura, não sabemos de que maneira resolver um problema e dependemos de outros para resolver os nossos problemas, ou será que não estamos realmente cônscios dos problemas que temos? Creio seria proveitoso, se na presente reunião pudéssemos descobrir se temos um problema real, comum a todos nós, um problema importante, para vermos se temos possibilidade de resolvê-lo conjuntamente; porque, se temos uma vez capacidade para resolver algum problema humano, teremos então capacidade para resolver todos os problemas futuros, ao surgirem. Quando não somos capazes de resolver um problema, nós nos descuidamos dêle, recalcamo-lo ou fugimos dêle, e, com isso, permitimos se criem as raízes de uma multiplicidade de outros problemas. Quando não sabemos a maneira de atender a um problema e queremos fugir dêle, essa própria fuga se torna um outro problema, e assim um problema gera muitos outros mais; ao passo que, se soubéssemos atacar e compreender qualquer problema, teríamos, então, talvez, a

possibilidade de trazer à existência um espírito livre da carga dos problemas e capaz de resolver qualquer problema humano no mesmo instante em que surge. A mente em tal estado, já que está em silêncio, reage sempre pela maneira adequada, e é por não sabermos reagir adequadamente a cada desafio, que os nossos problemas aumentam.

Afinal de contas, um problema que todos nós temos, se estamos cônscios dêle, é o que se refere à nossa reação inadequada a qualquer desafio. Não sendo capazes de corresponder adequadamente ao desafio, fazemos surgir um problema, e quando temos o problema, dêle fugimos ou buscamos uma solução imediata ou conveniente, a qual por sua vez se torna outro problema. Dêsse modo, um problema gera sempre vários outros problemas; e isso está acontecendo não só na vida do indivíduo, mas também na vida coletiva, do grupo, da nação. E' um fato óbvio, não é? Buscamos a paz, individual ou coletivamente, e na própria busca de paz estamos introduzindo vários elementos produtivos de conflito, sofrimento, luta.

Ora, pode-se aprender a enfrentar qualquer problema humano? Se estamos cônscios de um problema, por pouco que seja, de que maneira o enfrentamos? Vamos apreciar êste tópico por alguns momentos? Porque, parece-me, a coisa realmente importante não é o problema em si, mas a maneira como nos abeiramos dêle. Por certo, o problema é uma coisa, e nossa maneira de considerá-lo, outra. Pode uma pessoa estar cônscia — realmente, e não teòricamente — da sua maneira de considerar um problema? Qual é o nosso processo de pensar, quando nos vemos em pre-

sença de um problema? Por favor, não vos limiteis a escutar-me, mas observai a vossa própria mente, para verdes como vos abeirais dos vossos próprios problemas. Não vos chegais a um problema sempre com uma conclusão, isto é, com vossa mente já preparada, com relação ao problema? Por outras palavras, tendes várias teorias, opiniões, fórmulas, com respeito ao problema, e com essa mentalidade é que vos abeirais do problema ou lhe buscais a solução. A mente ou se aproxima do problema com uma conclusão, uma fórmula, uma crença, ou trata de procurar-lhe a solução, e, nessas condições, a sua maneira de agir é essencialmente uma fuga ao problema, não achais? Se observardes a vossa própria mente, vereis êsse processo a funcionar.

Qual é o estado da mente que está em busca de uma resposta, uma solução? Evidentemente, nessa busca ela tem em mira a sua própria satisfação. Observai, por favor, a vossa própria mente, porque eu só estou descrevendo o que de fato está acontecendo. Se vos limitais a escutar-me, o que estou dizendo será de todo em todo superficial; mas se seguir a descrição de vossa própria mente, isto é, se estais cônscios de vossos próprios processos mentais, então o que se está dizendo terá muita significação.

Quando a mente busca solução para um problema, o seu acesso ao problema é invariàvelmente um processo de escolha, e sua escolha está baseada na sua própria satisfação; a mente deseja uma solução fácil, uma resposta que não exija esfôrço. Na sua busca de solução para o problema, está a mente passando revista às várias lembranças que colecionou, às ex-

periências que acumulou, e dentre essas experiências ela escolhe a solução mais conveniente. Por conseguinte, vossa maneira de atender ao problema consiste em escolher a solução mais satisfatória, não é verdade? Por favor, observai, investigai vossos próprios processos mentais, e vereis como a vossa mente se aplica a qualquer problema munida de opiniões, conclusões, ou buscando uma solução, ou procurando meios e modos de evitar o problema. Esta é a maneira geral de nos aplicarmos a cada problema, o que significa que a mente não ataca o problema diretamente, mas, sim, traduzindo-o de acôrdo com suas lembranças antigas, suas conclusões, conceitos, fórmulas. Nessas condições, o problema permanece e cria raízes no solo da mente, porque a mente não está nova quando se aplica ao problema. Se se pudesse tornar nova a mente, a sua reação ao problema seria então muito diversa. Ora bem, podemos prosseguir, partindo daqui? A questão não é como resolver o problema, mas se a mente pode estar como nova quando se abeira do problema, visto que o problema só existe em virtude da reação inadequada da mente ao desafio. Por mais que a mente deseje resolver o problema, enquanto a sua reação fôr inadequada haverá um problema. É por estar a mente em condições inadequadas, pois não é nova, na sua reação, que ela é incapaz de atender ao problema de maneira total, de onde a inevitável multiplicação dos problemas e, portanto, o aumento de nossas dores, misérias e sofrimentos. Psicològicamente é isso o que está sempre sucedendo, não é verdade? Para percebê-lo não se requer muita reflexão nem muita atividade.

Ora, é possível aproximarmo-nos de qualquer problema de maneira nova, com uma mente que não esteja carregada de conclusões, que não esteja a buscar solução ou um meio de fuga? Pode a mente fazer-se nova, pura, de modo que seja capaz de enfrentar o problema de maneira nova? O estado de pureza não significa eliminação da experiência, porque não se pode eliminar a experiência. A mente, porém, é resultado da experiência, do processo do tempo; e como pode a mente, resultado do tempo e, por conseguinte, da experiência e do conhecimento, fazer-se nova, fresca, pura, para compreender o problema? Se a mente se aplica ao problema num estado de pureza, o problema será resolvido com sabedoria, com compreensão; mas enquanto a mente aplicar-se ao problema com conhecimentos prévios, o problema se multiplicará. Não sei se já observastes êste processo quando vos abeirais de um problema humano. Creio que êle opera até com relação a problemas matemáticos.

Tendes um problema. Se a mente se aplica a um problema como se nunca tivesse pensado nêle anteriormente, se se abeira do problema plenamente cônscia de suas próprias limitações e empecilhos, de modo que não se deixe embaraçar por êles, existe então problema? Espero que me esteja fazendo claro. Afirmamos ser necessário compreender o problema, achar solução para êle, investigar-lhe a causa e resolvê-lo, mas o próprio instrumento que está a investigar a causa e a procurar a solução, êsse próprio instrumento é o problema; o problema não se acha fora de si mesmo. Ora, pois, como é que a mente de cada um de nós se abeira de um problema? Ide com todo o

vagar, investigai como a vossa mente se aproxima de um dado problema. Prestai atenção ao processo.

Agora, pode a mente, alguma vez, enfrentar um problema sem buscar solução, sem estar munida de conclusões a seu respeito, e sem fugir? Isto é, pode a mente fazer frente ao problema, sem olhar para trás em busca de suas próprias experiências, sem rebuscar nos escaninhos da memória, com o fim de escolher a solução mais conveniente? Pode a mente dizer: "Eu não sei a maneira de resolver o problema"? Compreendeis isso, senhores? Porque é muito importante sentir realmente e não dizer apenas que, em presença de um dado problema humano, a mente, resultado do passado, vê-se diante de algo novo e não pode, por conseguinte, reagir com as lembranças de "velho".

Nessas condições, pode a mente achar-se num estado de não conhecimento? E não deve a mente estar sempre nesse estado? Positivamente, o homem que diz "eu sei", não sabe. Sabe, tão-sòmente, as coisas que ocorreram e estão acabadas e, por conseguinte, êle está carregado de lembranças. Entretanto, o homem que diz "não sei" acha-se num processo de investigação, de constante indagação e sua mente, por conseguinte, nunca acumula, para reagir, depois, de acôrdo com essa acumulação. Achando-se, realmente e não teòricamente, no "estado de não conhecimento", não está a mente dêsse homem *experimentando* em silêncio? E para essa mente há problema para ser resolvido? Essa mente não se acha num estado de letargia; está totalmente viva e, portanto, nem tem problema nem está criando problema. Começa, então,

uma coisa extraordinária: o sentimento de algo que é divino, sagrado.

Vêde, senhores, se continuarmos a investigar nesta direção, o que dissermos será apenas uma descrição e portanto especulação, se não fordes *experimentando* realmente, em todo o percurso. Pode-se ter ocasionalmente uma compreensão do que é sagrado, do que é verdadeiro, mas, um segundo após, essa compreensão se torna memória e por conseguinte já se converteu em cinzas; e creio ficaremos inevitàvelmente aprisionados na aflição, no sofrimento, enquanto não compreendermos totalmente êste problema. E', pois, essencial que a mente conheça a si própria e seu funcionamento — o que é autoconhecimento. Se não há autoconhecimento, qualquer asserção verbal, qualquer crença ou descrença nenhum valor tem. Deve a mente começar, não com o que *deveria* ser, mas com *o que é*, começar observando a si mesma, momento por momento, percebendo exatamente as suas reações, sem se deixar extraviar por esperanças e temores de ordem especulativa. O movimento com que vamos acompanhando cada reação no momento em que se verifica, põe a mente num extraordinário estado de percebimento, no qual cada pensamento, já que se move lentamente, pode ser compreendido no todo, percebendo-se-lhe, imediatamente, tôdas as particularidades. Sem uma mente neste estado, a busca da realidade, o recurso aos sacerdotes, a prática de *puja*, tudo isso é pura inutilidade, nada significa; mas essas inutilidades têm, para a maioria de nós, desmesurada importância. Pôr fora tôdas essas inutilidades significa compreender as atividades da mente e sua

maneira de funcionar, em relação com tais inutilidades. Pode então a mente ir infinitamente longe; ela própria se torna então uma coisa ilimitada, atemporal.

PERGUNTA: *Durante as minhas horas de trabalho, a mente disfarça a sua mediocridade com os fins sociais úteis, para que está trabalhando; mas, na hora da meditação, a mente se vê frente a frente com sua mediocridade, que lhe causa torturas e desespêro. Que devo fazer a êsse respeito?*

KRISHNAMURTI: Senhor, que entendeis por meditação? E a que dais importância? Ao trabalho de cada dia com suas responsabilidades sociais, etc., ou à meditação? Não estou opondo a meditação ao funcionamento da mente medíocre, quando está trabalhando ou contribuindo para a realização de reformas sociais. Estou perguntando porque a mente separa as duas coisas, dando mais importância a uma do que à outra.

PERGUNTA: *Durante as horas de trabalho, estamos cônscios da utilidade dos fins sociais a que a mente está aplicando sua atenção, e portanto a atenção não está fixada na mediocridade; mas, quando temos um momento de folga, cai a máscara e ficamos cônscios da mediocridade e de nada mais.*

KRISHNAMURTI: Dizeis que a mente, quando não se acha ocupada, fica cônscia da sua mediocridade.

Tendo caído tôdas as máscaras, vê-se a mente afrontada e torturada pela sua própria insuficiência e, assim sendo, que se deve fazer? Enquanto a mente está ocupada com atividades sociais e outras, não está cônscia de si mesma; mas, no momento em que cessa a sua ocupação, o conteúdo da mente lhe é revelado.

PERGUNTA: *Nem sempre.*

KRISHNAMURTI: No momento em que cessa o barulho, ficamos cônscios da mediocridade da mente, e perguntais o que se deve fazer então.

Ora, não é medíocre a mente ocupada? Sem dúvida, a mente ocupada é medíocre, esteja ela ocupada com negócios, com a física, com assuntos culinários, ou com os livros sagrados e a busca de Deus. Tende a bondade de acompanhar-me, passo a passo, senhores; examinemos a questão juntos. A mente da dona de casa, i.e., da mulher que se ocupa com a cozinha, a alimentação, os filhos, a limpeza da casa, etc., essa mente, vós a considerais muito trivial; ao passo que a mente do homem que busca Deus, que pratica *puja*, etc., é considerada como sendo muito nobre. A mente dêste homem, porém, está também ocupada, não é verdade? — só que a ocupação é diferente. O objeto da ocupação está situado num nível diverso, mas a mente está ocupada do mesmo modo. E não é medíocre a mente que está sempre ocupada, consigo mesma ou outra coisa qualquer? Que significa mediocridade? Uma condição mediana, ordinária — e êste, com efeito, é o estado da nossa mente, não é? Nossa mente está constantemente ocupada — o estu-

dante a respeito de seus exames, o pai de família a respeito de seu emprêgo, e assim por diante.

Pois bem. Pode a mente ficar livre de suas ocupações? Pode-se trabalhar na cozinha, estudar física ou seja o que fôr, sem que a mente esteja ocupada — de modo que haja, na mente, espaço livre, não ocupado? Pode a mente cessar de produzir pensamentos — pois isso não é uma ocupação? Quando a mente está ocupada com a cozinha, com Deus, com o sexo, com isto ou aquilo, é óbvio que ela está produzindo pensamentos, está pensando. E o próprio pensamento não é uma coisa medíocre? Porque, afinal de contas, que é pensamento? Reação do acervo da mente (*background*), reação da memória, da experiência; e a investigação dêsse processo, que é o que acabamos de fazer, não é a verdadeira meditação? Meditar é descobrir se a mente pode de fato cessar de produzir pensamentos, uns após outros, o que significa, estarmos cônscios dos processos do nosso pensar, estarmos a observá-los, fazendo assim a mente perceber e compreender o fato de que o seu pensar é condicionado e, por conseguinte, pondo fim ao pensamento. Só então deixa de existir o estado de mediocridade, podendo a mente agir de modo completamente diverso, no sentido de qualquer objetivo social.

Senhores, afinal de contas, há espaço, há silêncio entre duas palavras, entre duas notas musicais, mas, para a maioria de nós, a palavra ou a nota é que é importante, e não o silêncio. Se não houvesse silêncio, haveria apenas um barulho contínuo — e tal é o estado da mente que está incessantemente ocupada;

como uma máquina mantida em funcionamento constante, ela se gasta. Mas a mente em que há espaço, em que há vastos intervalos de silêncio, essa, se renova nesse próprio silêncio e sua ação, portanto, em qualquer sentido, tem significação completamente diferente.

PERGUNTA: *Pode a mente trabalhar e ao mesmo tempo não estar ocupada?*

KRISHNAMURTI: Experimentai-o, senhor. Para nós, em geral, trabalho é ocupação. Quando a mente está "trabalhando" — como se diz geralmente — está pensando e, portanto, está ocupada.

Senhor, a dificuldade em respondermos a estas perguntas consiste em que ao escutardes a resposta não estais cônscio do que está sucedendo realmente, não estais *ouvindo* o funcionamento, o processo da vossa mente. Estais-me ouvindo falar — só isso — e dizendo que a resposta não satisfaz; estais sentado, no vosso lugar, enquanto outro fala, e por isso não tem significação o que ouvis. Quando ides a um jôgo de futebol em que não tomais parte, ficais sentado no meio da assistência, a criticar os jogadores. De modo idêntico, estais aí meramente como expectadores de um jôgo que se chama "conferência" ou "palestra". Se, entretanto, não fôsseis meros expectadores e, auxiliados pela descrição feita pelo orador, estivésseis de fato a observar a vossa mente em funcionamento, veríeis acontecer uma coisa extraordinária em vós: o nascimento de um estado em que não existe nem expectador nem jogador. Esta é a razão

por que é tão importante o autoconhecimento. Respondi à vossa pergunta?

PERGUNTA: *Dissestes que o preceptor deve ter a intenção de não influenciar a criança. E' possível evitar tôda influência?*

KRISHNAMURTI: Que pensais, senhores? Estais a esperar por mim? Eis-vos de novo no papel de expectadores!

Que é influência? Não sabeis o que é "influência"? Não estais a influenciar os vossos filhos? O preceptor, os pais, o Govêrno, a Bíblia, o *Upanishads*, o sol, os alimentos que tomamos, as palavras que empregamos — tudo, enfim, nos está influenciando, não é verdade? Considerai a palavra "amor". Que extraordinária influência neurológica tem sôbre nós esta simples palavra! Tudo, pois, nos influencia, e nós, de nossa parte, estamos influenciados pelos proprietários, pelos colunistas, pelas gravuras; somos influenciados pela propaganda, pelos periódicos ditos "espirituais", pelos livros, pelas conferências, pela maneira de trajarmos, pela maneira de sentarmos. Tudo nos está influenciando, e o interrogante deseja saber se é possível a cessação da influência, mesmo quando não temos a intenção de influenciar a criança. Esta é realmente uma questão complexa e, portanto, tomemos tempo para considerá-la.

Vemos que tôdas as coisas, físicas e mentais, nos influenciam. Onde traçar a linha de demarcação? Posso não desejar influenciar o meu filho, mas a influência está em ação, condicionando-lhe a mente; as revistas que êle lê, os colegas, os professôres, tudo o que o cerca está a influenciá-lo. Consciente ou inconscientemente, eu próprio influencio a criança, e a

cultura ou civilização em que vivemos está a condicionar-lhe a mente, para ser comunista ou capitalista, hinduísta ou cristão, etc. A questão, pois, não é de saber se é possível deter tôda e qualquer influência, mas de saber se se pode ajudar a criança a compreender as influências que a estão condicionando, e ficar livre delas. É possível, na educação, ajudar o estudante a ser tão inteligente, que possa ver e compreender, por si próprio, as influências que lhe condicionam a mente, e desembaraçar-se delas? Por certo, interessa-nos averiguar isto, e não como fazer cessar a influência ou como determinar a que espécies de influência a criança deve ser submetida.

Ora, que é que condiciona a mente? Se a mente se achasse completamente em segurança, ela não teria mêdo, não é exato? E quando a mente nada tem para perder, ela *está* em perfeita segurança, não achais? — o que significa que na própria insegurança está a sua segurança. Enquanto a mente busca segurança, enquanto está à procura de permanência, sob qualquer forma, ela cria influências que a condicionam. Não pode a mente, porém, estar cônscia da insegurança, totalmente, cônscia de achar-se completamente insegura — como de fato se acha? A vida é insegura, impermanente. A resistência, a negação do fato de que a vida é completamente insegura, gera a oposição entre o desejo de estar em segurança e o fato, e, por conseguinte, cria o mêdo, e o mêdo condiciona a mente, o mêdo que nasce quando não aceitamos o fato. Êste mêdo pode ser descrito em diferentes têrmos, como o mêdo da criança aos seus pais, ou o mêdo de não passar num exame ou o mêdo

de ser repreendido, ou o mêdo que surge quando a mente deseja preencher-se e lhe é negado o preenchimento. A mente que é ambiciosa, em qualquer nível, está sempre acompanhada pela sombra do mêdo, porque, por mais que estejam sendo satisfeitas as suas ambições, elas podem a qualquer momento ser contrariadas.

Pode-se, pois, dar ao estudante um ambiente de completa segurança? — o que significa, com efeito, um ambiente em que êle não seja comparado com o menos inteligente ou com o mais inteligente, em que não haja senso de condenação, de modo que êle se sinta como na segurança de um lar. Em geral, a criança não se sente segura, no lar, junto aos pais, pois êstes não sabem quanto importa lhe dar o sentimento de completa segurança. Os pais querem que o menino seja alguma coisa, e dizem-lhe "Não estais indo tão bem nos estudos como o vosso irmão, que é mais inteligente" — e destroem dêsse modo o pobre menino, instilando-lhe o temor. Quando a mente do estudante se sente em perfeita segurança, êle pode estudar com mais facilidade; mas isso significa que o educador deve estar completamente livre do seu próprio desejo de segurança, porque, quando há a exigência de segurança, instila-se o mêdo. Eis porque o ensino é uma missão e não um emprêgo.

PERGUNTA: *Sou engenheiro de profissão e, parece-me evidente, vossa idéia da verdade ultrapassa de muito o padrão ou significado comum desta palavra. Podeis ter a bondade de dar mais explicações?*

KRISHNAMURTI: Senhor, um engenheiro está naturalmente interessado em fatos, e não em especulações. Se êle vai construir uma ponte, tem de examinar o local designado e *não* imaginar o que *deveria ser* êsse local. Pode êle estar bem cônscio do valor estético de uma certa linha, na construção de uma ponte, a qual linha pode estar em completo desacôrdo com o que exigem os fatos que descobre no local. No nosso caso, não é assim. Imaginamos ser algo — *atman, paramatman* — temos teorias e especulações a respeito do permanente e do impermanente, um grande número de crenças e, por conseguinte, somos uma massa de irrealidades, que não gostamos de enfrentar e observar. O fato é uma coisa, e nossas opiniões e pensamentos a respeito do fato são totalmente diferentes. Só a mente capaz de observar o fato, descobre o que é verdadeiro. O fato é que não há coisa tal como a permanência e se a mente faz da permanência um fato, essa permanência é, então, uma opinião, é o que a mente gostaria que o fato fôsse. O caso é muito simples: Se pudermos observar o fato, sem o mito da opinião, do conhecimento, do julgamento e avaliação, então a verdade relativa ao fato trará sua avaliação própria e produzirá sua ação própria. O chegarmo-nos ao fato com uma avaliação, um juízo, é coisa muito diversa de nos chegarmos a êle sem julgamento, sem avaliação e, portanto, aptos para compreendê-lo.

Ora, podemos encarar o fato de que somos ambiciosos, de que somos mentirosos, sem avaliá-lo, sem condená-lo nem aprová-lo? Se a mente puder ver o fato real, então a verdade inerente ao fato operará,

na mente pela maneira mais inesperada e trará sua avaliação própria e não a avaliação feita pela mente. Mas a mente que recolheu a verdade concernente ao fato, e atua de acôrdo com o que recolheu, é, por certo, incapaz de observar o fato, uma vez que o faz através da cortina da memória, do conhecimento, da experiência, da avaliação... Eis porque a mente deve morrer todos os dias para si mesma, para tôdas as experiências, todos os conhecimentos que acumulou. A mente se opõe a esta morte, porque a experiência e o conhecimento são os meios de sua própria segurança e permanência; e a mente que tem permanência, o sentimento de segurança, nunca é criadora. Só à mente que se acha de todo insegura e por conseguinte não está buscando nem desejando um estado de segurança, só a essa mente pode manifestar-se a realidade.

30 de janeiro de 1955.

QUINTA CONFERÊNCIA DE BANARAS

DEVERIA ser proveitoso descobrirmos qual é a função do nosso pensar, porque, sem a compreensão do processo total do nosso pensamento consciente e inconsciente, a mente não pode estar livre para descobrir o que é verdadeiro. Podemos estar em busca da verdade, mas será vã a nossa busca se não compreendermos o conteúdo ou o fundo da reação que chamamos pensamento. Nosso pensar é evidentemente considerado como o guia da nossa ação, mas nossa ação é atualmente tão automática que dificilmente pode haver, nela, reflexão. Além disso, em virtude das várias formas de educação que recebemos, a educação da escola e do lar, bem como a educação que nos é imposta pela sociedade, estão as nossas mentes condicionadas para ajustar-se ou sujeitar-se às exigências de uma determinada civilização. Aceitamos certas coisas como inevitáveis, conforme o nosso fundo sociológico, religioso ou econômico, e tendo-as aceito, agimos; nossa ação, por conseguinte, se tornou quase automática. Quase não é mais necessário pensar, e acho que é muito importante reexaminarmos todo o processo do nosso pensar, para vermos se não poderemos libertar-nos completamente das bases em que fomos educados e produzirmos uma revolução nas

nossas vidas, a qual, por sua vez, crie uma civilização de espécie totalmente diversa. A verdadeira revolução não é comunista, socialista, capitalista ou coisa parecida, porquanto ela só pode estar baseada na busca da realidade, de Deus, ou como o chamardes. Essa busca, em si, é revolução, mas essa revolução não poderá verificar-se enquanto o nosso pensar fôr reação automática de uma certa forma de condicionamento.

Por conseguinte, é òbviamente importantíssimo, para todos nós, descobrirmos como operam as nossas mentes, o que significa ter autoconhecimento. Se não conhecemos as peculiaridades do nosso pensar; se não estamos cônscios das nossas reações e de como está condicionado o nosso pensamento pela civilização em que fomos educados; se a mente não investigar a fundo as bases de seu funcionamento (*background*) ou seja, o "eu", o "ego", então não há dúvida de que todos os seus conhecimentos, exceto talvez os conhecimentos mecânicos, serão prejudiciais e maléficos. Não será possível, pois, investigarmos o processo do nosso pensar, não de acôrdo com alguma fórmula, algum guia ou *guru*, mas por nós mesmos, para descobrirmos como a nossa mente funciona?

Ora, que é pensar? Pode o pensamento ser original, ou é sempre um processo de repetição, reação do *fundo?* Pode o pensamento levar-nos à realidade, Deus, àquela coisa extraordinária que se acha além do processo da mente e a que chamamos a realidade final, o absoluto, ou é o pensamento um obstáculo ao descobrimento dessa realidade?

Permiti-me sugerir-vos não fiqueis apenas a escutar esta fala. Naturalmente, não podeis deixar de escutar, porque estais aqui e eu estou falando, mas se, no próprio processo de escutar, estiverdes observando como a vossa mente funciona, terão significação estas palestras. O que estou dizendo não é nada extraordinário, e sim apenas uma descrição do funcionamento da mente, de modo que, ao escutarmos, pode cada um de nós, simultâneamente, estar cônscio do processo de seu próprio pensar. Se ficamos escutando, meramente, uma série de palavras e procurando pegar o seu conteúdo, uma palestra desta natureza não terá grande profundidade. Mas se, durante o processo de escutar, cada um puder seguir o seu próprio pensar e descobrir a fonte de onde êle brota, nesse caso o escutar será um processo de auto-revelação, e não apenas a aceitação ou rejeição do que se está dizendo.

Pode o pensar ser, em algum tempo, o meio de descobrir o que é verdadeiro, o que é Deus? Ora, se não descobrirmos por nós mesmos o que é essa Realidade, as simples reformas e melhoramentos da estrutura social só poderão causar sofrimentos maiores... Afinal de contas, o homem existe para descobrir aquela coisa suprema que é a base de tôdas as bases; e sem indagação, investigação, sem a constante vigilância das nossas reações, dos nossos pensamentos e sentimentos, para vermos se nos conduzem à realidade final — aquilo que está além das coisas mundanas — sem isso, tôdas as nossas crenças e atividades redundam em absoluta insensatez, em meras superstições causadoras de ulteriores malefícios.

O pensamento conduz à realidade, aquela realidade jamais constante, que não pode ser qualificada em têrmos de tempo, mas que tem de ser descoberta, momento por momento? Para buscar aquela realidade, a mente deve ser da mesma qualidade, pois, do contrário, não poderá ter a compreensão e o sentimento do verdadeiro. Pode, pois, o pensar ajudar-nos a descobrir aquela realidade? E pode o pensamento ser original, ou é sempre imitativo? Se o pensamento é imitativo, então, é evidente, êle não pode conduzir àquela realidade, e não traz solução alguma nem é processo que nos desvendará o que é verdadeiro. No entanto, todo o nosso processo de busca consiste no cultivo do pensar, de várias práticas, disciplinas, baseadas, tôdas, no pensamento. Se o pensamento pode abrir a porta da realidade, êle tem então valor; mas o pensamento bem pode ser um obstáculo à realidade, e por essa razão devemos descobrir, por nós mesmos, a verdade a respeito desta questão e não apenas aceitar ou rejeitar o que ouvimos dizer.

Não há dúvida de que o que chamamos pensar é reação da memória. Isto é bastante óbvio. Fôstes educados numa certa tradição; como hinduísta, cristão, budista, comunista, ou o que quer que seja, tendes várias associações, memórias, crenças, e êsse *fundo* reage a qualquer desafio, chamando-se isso "pensar". O fundo, por conseguinte, não é diferente do pensar; o pensamento é o fundo. Quando se vos faz uma pergunta a respeito de vossa religião, sôbre o que credes, a vossa mente reage, de pronto, em conformidade com o vosso condicionamento, de acôrdo com as várias tradições, experiências e crenças que tendes. Reagis de

acôrdo com vosso fundo especial e, do mesmo modo, reage um cristão ou um comunista. O pensamento, portanto, é um empecilho, no sentido de que é meramente reação do fundo, reação de determinado condicionamento. Isto é também muito óbvio. Uma tal reação, que chamamos pensamento, não pode de modo nenhum abrir a porta da realidade. Para se descobrir o que é a realidade, precisamos deixar completamente de ser hinduístas, cristãos, comunistas, isto ou aquilo, para que a mente não fique mais condicionada e esteja, portanto, livre para descobrir o que é verdadeiro.

É possível à mente ficar livre de todo o seu condicionamento hinduísta, moslêmico, cristão, ou seja qual fôr? E qual é a entidade que irá libertar a mente do seu fundo? Entendeis esta pergunta? Quando dizeis: "Preciso ficar livre do meu condicionamento como hinduísta" — quem é a entidade que irá produzir esta liberdade? Quem é o analista do *fundo*? Pode o analista quebrar o fundo? Estou-me fazendo claro?

Como hinduísta, tenho certas fórmulas, conceitos, crenças, tradições, e percebo a necessidade de ficar livre de tudo isso, porque, se não estou livre, é-me evidentemente impossível descobrir o que é a Realidade. Se estou condicionado como comunista, ou minha mente está moldada de acôrdo com qualquer outra crença, de que maneira poderei descobrir o que é real? Essa mente só é capaz de experimentar aquilo para que foi condicionada. Se a mente não estiver livre de todo e qualquer condicionamento, sua busca será meramente uma reação sociológica e a mente só descobrirá aquilo para que foi condicionada. Como

poderei então libertar-me do condicionamento? Existe uma entidade que me ajudará a libertar-me do condicionamento? Isto é, existe em mim um pensador, um analista, um observador não contaminado pelo meu condicionamento?

Vêde, até agora, temos presumido existir um pensador separado do pensamento, não é verdade? Estamos afeitos à idéia de que há dois processos separados, sendo um dêles um estado permanente, como pensador, analista, observador, e o outro o movimento do pensamento. Acreditamos, sempre, na existência de *Paramatman*, uma entidade espiritual permanente, a qual, pela análise do processo do pensar, irá rejeitar tudo o que é falso e conservar só o que é verdadeiro. Ora, existe uma tal entidade permanente, separada do pensamento impermanente? Ou só existe o pensamento, de todo impermanente e que cria, por isso, o pensador, com o fim de fazer-se permanente? Não há dúvida, o pensamento cria o pensador, e não é o pensador que cria o pensamento. Releva muito que cada um compreenda isso por si mesmo, já que não é uma coisa que se aceita ou que se rejeita. Não foi o pensamento que criou o pensador, e não o inverso disso?

Afinal de contas, se não houvesse pensamento haveria pensador? E' o pensamento que dá existência ao pensador, que se torna então o analista permanente, o observador não atingido pelo tempo; mas essa entidade, por certo, foi criada pelo pensamento. Ela é como o diamante. Se se tiram as qualidades do diamante, não há mais diamante nenhum. De modo idêntico, vários desejos, impulsos, compulsões, criam,

no seu movimento, a entidade que se torna o agente, a corporificação da vontade, o "eu", de ação positiva, de pensamento positivo. Mas essa vontade é constituída de muitos desejos. Se não houvesse êsses desejos, não haveria vontade, o "eu".

Nessas condições, se só há pensamento e não há pensador, neste caso o pensador que diz: "Eu me libertarei do meu condicionamento" é êle próprio produto do pensamento condicionado; por conseguinte, o pensador, o observador, o analista, o experimentador, não pode libertar a mente do seu condicionamento. A mente pode dividir-se em pensador e pensamento, como vontade e desejo, como "bom" e "mau", como "eu superior" e "eu inferior", mas todo êsse processo continua dentro da esfera do pensamento e não passa de uma automistificação causadora de muitas ações maléficas. A questão, pois, é esta: Pode a mente libertar-se do seu condicionamento, se não existe censor, nem analista, nem "eu superior", para purificar a mente?

Estais seguindo isto? Se o que eu disse até aqui não está claro, pouca significação terá irmos mais além. É essencial compreender isso, pois, do contrário, ficareis apegado à idéia de um "eu" superior, de uma entidade espiritual de origem divina, eterna, mas fechada na ignorância, como numa caixa, e empurrando continuamente de si a ignorância que a comprime — o que é muito absurdo. E se não há "eu" permanente nenhum, mas só o pensamento, que cria o "eu" permanente, em formas diferentes, pode então o pensamento libertar a mente para descobrir o que é verdadeiro?

Enquanto não houvermos descoberto o que é verdadeiro, o que é Deus, essa coisa extraordinária que enche a vida de grandeza, de bondade e beleza, tôdas as nossas atividades, em qualquer nível que seja, só podem ter uma significação superficial. A menos que estejamos experimentando diretamente o que é verdadeiro, momento por momento, a nossa civilização se torna mecânica e, portanto, destrutiva. Certo, o homem existe para encontrar-se com Deus, e não apenas para ganhar o seu sustento e ajustar-se a um padrão social. A sociedade não ajuda o homem a achar a verdade. Pelo contrário, a sociedade impede o homem de descobrir o que é verdadeiro, porque a sociedade está baseada no desejo de segurança, de permanência, e a mente que está segura, abrigada, que busca a permanência, nunca pode achar a realidade. Entretanto, o homem que compreende o que é verdadeiro, que está experimentando a realidade, momento por momento, ajuda a criar uma sociedade totalmente nova. Reformas e ajustamentos, ou qualquer espécie de revolução dentro da estrutura da sociedade, só podem levar a mais sofrimentos e destruições, como se está vendo no mundo, na época atual, em que todo esfôrço para resolver um problema leva a uma centena de problemas novos. Mas se, ao contrário, a mente é capaz de compreender o que é verdadeiro, de experimentar diretamente, então essa compreensão mesma cria sua ação própria, a qual faz nascer uma nova cultura.

Nossa questão, pois, é esta: Pode a mente libertar-se de seu próprio condicionamento? Se não existe "eu", "ego", *paramatman,* para libertá-la, que deve

ela então fazer? Estais seguindo o problema? Inventamos o "eu", que pretende libertar-se do seu condicionamento. Mas, investigando o processo do "eu", descubro que o "eu" não tem realidade, sendo meramente um produto do pensamento, uma reação do fundo (*background*). Assim, pois, só existe pensamento de acôrdo com o *fundo*. O pensamento é a reação do fundo, que constitui o condicionamento da mente como cristã, budista, hinduísta, etc. Se o pensamento é reação do fundo, e êsse fundo é todo condicionamento, então o pensamento não pode conduzir à liberdade; e só em liberdade se pode descobrir o que é verdadeiro.

Vemos, pois, que para se descobrir o que é Deus, o que é verdadeiro, o pensamento deve deixar de existir. Vêde, por favor, isto não é sòmente lógico, é um fato real. O pensamento tem de terminar. Mas no momento em que perguntais "Como posso fazer terminar o pensamento?", entra em ação uma entidade que vai pôr em prática o "como" pôr fim ao pensamento. Ora, não há nenhum "como", e isso muito releva ser compreendido, porque, para todos nós, o "como" é uma coisa importantíssima. Dizemos: "*Como* posso levar isso a efeito, qual a disciplina que devo praticar?" etc., e vemos agora que isso não tem significação nenhuma. Assim, de uma só "vassourada", nos livramos completamente do problema relativo ao "como".

Isso pode parecer uma coisa fácil, mas não é; pelo contrário, requer muita atenção — *não* concentração, mas atenção. A concentração exclui, porquanto subentende um motivo, um incentivo, ao passo que

a atenção não tem "motivo" e, por conseguinte, não exclui. Na observação da mente por si mesma, surge o autoconhecimento, que não é conhecimento do "eu superior". O "eu superior" é uma invenção da mente, procurando fugir à realidade do pensamento, nas relações com pessoas, coisas e idéias. A mente, quando deseja fugir do que é, vale-se de tôda sorte de absurdos. Mas quando a mente começa a investigar o processo do seu próprio ser, quando percebe tôda a significação do pensamento, e a maneira como nasce, então êsse próprio percebimento põe fim ao pensar. Não há pensador, que põe fim ao pensamento, e, por conseqüência, não se requer esfôrço algum. O esfôrço só surge quando há um incentivo de ganho. Se a mente tem por incentivo o libertar-se de seu condicionamento, êsse incentivo é então uma reação de seu condicionamento, numa direção diferente.

Está visto, pois, que é muito importante compreender todo o processo do nosso pensar, e a compreensão dêsse processo não vem por meio do isolamento. Não há possibilidade de se viver no isolamento. A compreensão do processo do nosso pensar apresenta-se quando observamos a nós mesmos, nas nossas relações diárias, nas nossas atitudes, nossas crenças, nossa maneira de andar, de olhar as pessoas, de tratar nossos maridos, nossas espôsas, nossos filhos. As relações são o espelho em que se refletem as atividades do nosso pensar. Nos fatos da vida de relação é que se encontra a verdade, e não longe das relações. Não existe, òbviamente, possibilidade de se viver no isolamento. Podemos isolar-nos fìsicamente de várias formas de relação, mas a mente continua

em relação. A própria existência da mente subentende um estado de relação, e o autoconhecimento consiste em perceber os fatos da vida de relação, exatamente como são, sem inventar, nem condenar, nem justificar. Nas relações, a mente tem certas medidas de avaliação, certos juízos, compulsões, e ela reage aos desafios de acôrdo com suas variadas lembranças, sendo esta reação pensamento. Se a mente puder ficar simplesmente cônscia de todo êsse processo, vereis que o pensamento se detém; neste momento a mente está muito quieta, muito tranqüila, sem nenhum incentivo, nenhum movimento em direção alguma, e nessa tranqüillidade desponta a realidade.

PERGUNTA: *E' difícil entender-vos, e acho mais fácil seguir as pessoas que compreenderam os vossos ensinamentos e no-los podem explicar. Não achais que há necessidade de tais pessoas, para a divulgação do vosso ensino? Observaram, recentemente, num artigo de jornal, que sois intolerante com relação a tôdas as crenças e aos guias que nos ajudam.*

KRISHNAMURTI: Sempre que alguém deseja seguir, encontra um guia, e o segui-lo destrói a possibilidade de descobrir o que é verdadeiro. Quando a mente segue alguém, está seguindo o seu próprio interêsse, que é de não compreender o que é verdadeiro. Por certo, não me estais seguindo, pois apenas tento mostrar-vos as operações da mente. Quando seguis alguém, não estais investigando as atividades da vossa própria mente, e se, por não compreenderdes essas

atividades, seguis alguém, isso só poderá levar-vos a novas tribulações. Seguir outra pessoa é uma coisa má, não importa quem seja tal pessoa — se Cristo, se Buda, se eu mesmo, ou outro qualquer. O seguir é destrutivo, porque a imitação gera o mêdo. E' o mêdo que vos faz seguir, e não a busca da verdade. Não compreendemos as misérias da vida, a transitória felicidade, o mistério da morte, as extraordinárias complexidades da vida de relação, e esperamos que, seguindo a alguém, tudo isso será, de alguma forma, explicado e resolvido. Mas a compreensão de tôdas estas complexidades exige não se siga ninguém. Esta massa de complexidades foi criada por cada um de nós, e nós mesmos temos de compreender-lhe a causa, que é o nosso próprio pensar.

O interrogante diz: "Acho muito mais fácil seguir as pessoas que compreenderam os vossos ensinamentos e no-los podem explicar" — o que significa recorrer a intérpretes. Pelo amor de Deus, senhores, guardai-vos dos intérpretes, pois o intérprete só há de interpretar de acôrdo com seu condicionamento e seus próprios interêsses. Isto, também, é tão evidente que não requer muita reflexão. Como deveis compreender, porém, precisais de alguém para ajudar-vos e, no momento em que buscais ajuda, estais pondo em movimento o processo da corrupção, o que realmente significa que não tendes confiança na vossa própria capacidade de atingir a fonte das coisas. Essa fonte não sou eu, sois vós mesmos, a maneira como pensais. Sendo vós mesmo a fonte, porque seguir outra pessoa ou ouvir os intérpretes, para compreenderdes a vós mesmo? Que é que os intérpretes compre-

endem e vós não compreendeis? Êles podem ter um melhor domínio da linguagem do que vós e eu, mas mantendo-vos à distância dos intérpretes, não vos torneis o seguidor de outrem, porque a fonte dos malefícios está em vós mesmo, na maneira como pensais, e enquanto estiverdes imitando, seguindo alguém, como intérprete, estareis a fugir de vós mesmo. Essa fuga pode ser agradável, proporcionar uma satisfação temporária, mas numa tal fuga se encontra sempre o sofrimento.

E não precisais divulgar o meu ensino, porque, se não compreendeis a vós mesmo, não podereis divulgá-lo. Podeis porventura comprar e distribuir uns poucos livros, mas isso por certo não é tão essencial como o compreenderdes a vós mesmo. Compreendendo a vós mesmo, havereis de disseminar a compreensão no mundo, dareis mais felicidade ao homem. Entretanto, se fordes espalhar o ensino de outro homem, causareis danos maiores ainda, porque sereis então mero propagandista, e propaganda não é a verdade.

"Observou-se recentemente num artigo de jornal que sois intolerante com relação a tôdas as crenças e aos guias que nos ajudam". Senhores, que é "tolerância"? Porque se deve ser tolerante ou intolerante? Os fatos não exigem nem tolerância nem intolerância. Os fatos existem: nós ou os aceitamos, ou lhes voltamos as costas. Porque rufamos êste tambor da tolerância? Tôdas as crenças — a cristã, a hinduísta, a maometana — são uma fonte de inimizade entre as pessoas. É ser intolerante apontar êste fato evidente? Mas se estais apegado à vossa crença, direis que

eu sou intolerante, porque não quereis olhar de frente o fato. E' tão patente o fato de que, enquanto estivermos divididos em moslém, hinduístas, cristãos, existirá necessàriamente antagonismo entre nós! Somos entes humanos e não uma massa de crenças em conflito. Mas, vêde, temos um interêsse em nossa crença. A crença é lucrativa. Fundam-se sociedades, com base nela, as religiões e seus sacerdotes prosperam graças a ela, e, para êles, qualquer impugnação à crença representa intolerância. Mas o homem que enfrenta os fatos como são, não está, por certo, interessado nem na tolerância nem na intolerância.

Uma crença não é a realidade. Podeis crer em Deus, mas vossa crença não tem mais realidade do que a do homem que não crê em Deus. Vossa crença é resultado do vosso próprio *fundo* (background), de vossa religião, vossos temores, e a descrença do comunista e de outros é igualmente o resultado do condicionamento dêles. Para descobrir o que é verdadeiro, a mente tem de estar livre de crença e da não crença. Vejo-vos sorrir e concordar, mas continuareis crendo, porque é muito mais conveniente, mais respeitável e seguro. Se não crêsseis, poderíeis perder o vosso emprêgo, poderíeis descobrir sùbitamente que não sois ninguém. O que tem valor é que se seja livre de crenças, e não o sorrirdes e concordardes comigo, aqui, nesta sala.

No que respeita aos guias, aos *gurus*, etc., vós os seguis por terdes um "motivo", um incentivo, que é o vosso desejo de serdes felizes, de encontrardes Deus. Estais, por isso, sempre a buscar, e o *guru*, segundo se supõe, vos ajudará a achar. Mas pode um *guru* ajudar-

vos a achar o que é real? A realidade deve achar-se fora da esfera do tempo, deve ser uma coisa totalmente nova, não contaminada pelo passado ou pelo futuro. Se ela está fora do tempo, nesse caso a mente, resultado do tempo, nunca poderá achá-la. Enquanto estiverdes seguindo alguém com o fim de descobrirdes a realidade, Deus, estareis seguindo, tão só, os desejos da vossa própria mente. Seguis, porque isso vos satisfaz e, portanto, não estais sendo conduzido à verdade. Eis porque é importante não seguir ninguém, não ter *gurus*. Quando buscais, a vossa busca é resultado de vosso próprio desejo, e o vosso desejo *projeta* aquilo que buscais. Quando a mente não está buscando, quando se acha verdadeiramente quieta, completamente tranqüila, sem incentivo de espécie alguma, só então se apresenta aquela coisa que a mente não pode captar, que não pode ser encontrada nos livros, e que nenhum *guru* conhece; porque, saber é não saber.

PERGUNTA: *Se dizeis que a disciplina é destrutiva, como evitar o perigo de que se forme uma legião de hipócritas e simplórios?*

KRISHNAMURTI: Não sei o que o interrogante quer dizer, mas podemos perceber, por nós mesmos, os efeitos da disciplina. Ora, que se entende por disciplina, e porque deve haver disciplina? Aceitamos a disciplina como uma coisa necessária nas escolas, na vida diária, no partido político, e também nos disciplinamos para achar a realidade, etc. Há várias formas de disciplina, em diferentes níveis das nossas

atividades conscientes e inconscientes. A disciplina é um processo de resistência, submissão ou adaptação, não é exato isso? Vós vos adaptais às exigências da sociedade, pois, se o não fizerdes, sereis destruído; vós vos reprimis e vos submeteis à sociedade, para serdes um bom cidadão, um cidadão moral, etc. Certo, a disciplina subentende o moldar da mente de acôrdo com uma certa fórmula, imposta do exterior ou por vós mesmo imposta. Por meio da tradição, dos valores religiosos, culturais, etc., a sociedade impõe uma certa disciplina à mente. Diz ela: "Mantende-vos dentro dos limites, porque do contrário não sereis respeitável, vos tornareis perigosos, etc." — sendo isso fácil de compreender. Mas a idéia de impor uma disciplina a uma pessoa parece de todo em todo absurda, porque, quem é a entidade que disciplina? A mente se divide, a si mesma, na parte que disciplina e na parte que vai ser disciplinada, mas as duas partes são a mesma mente a iludir a si própria. Isto é bem óbvio, por certo. Para sua própria conveniência, a mente se dividiu na parte que disciplina e na parte que tem de ser disciplinada, e fazemos êste jôgo com nós mesmos, o que é um absurdo, porque não tem realidade alguma. É êle uma forma conveniente de automistificação.

Ora bem, pode a mente, disciplinada por essa maneira, controlada, moldada pela tradição, por certos valores que a sociedade chama "morais" — não estamos pondo em questão se êles são morais ou imorais — pode a mente, em algum tempo, achar o que é verdadeiro? Ou a mente, na sua busca do que é verdadeiro, cria a sua própria conduta de vida, ou seja

sua própria disciplina? E' evidente, o homem que busca a verdade deve ser virtuoso, mas a virtude não é um fim em si. A virtude produz a ordem, mas em si não tem validade. Se a virtude tem validade em si mesma, ela leva à respeitabilidade, de que a sociedade gosta. Mas a mente que está compreendendo a si mesma, cria a sua ordem própria, que não é imposição, nem ajustamento a qualquer espécie de compulsão. A mente que está vigilante, está a todos os momentos produzindo a ordem em si mesma, que não é a ordem imposta pela sociedade, ou pelas sanções religiosas, embora exteriormente as duas pareçam corresponder-se. Entretanto, a mente que se deixa controlar porque tem mêdo de errar, porque tem mêdo do que diga "o povo", a mente que imita, que procura viver de acôrdo com o que disse Sankara ou outro qualquer, esta mente nunca descobrirá o que é real. Só a mente livre pode descobrir o real, e para ser livre a mente tem de compreender a si mesma. Mas a mera declaração de que a mente está livre não tem significação alguma. E' mentalidade idêntica à do colegial que quer fazer o que bem entende, e chama a isso liberdade. E, evidentemente, isto não é liberdade. Mas se a mente está cônscia de sua própria conduta nas relações, se é capaz de observar os seus próprios movimentos, sem condenação nem avaliação, ela compreenderá então o que é ser livre, e só essa mente poderá descobrir o eterno.

6 de fevereiro de 1955.

PALESTRA COM PAIS DE FAMÍLIA — BANARAS

QUAIS são as obrigações de um pai de família? Talvez seja interessante investigarmos isso, mesmo havendo poucos pais de família presentes aqui. Porque desejamos nós, os pais, educar os nossos filhos? Entende-se geralmente que os pais desejam que os filhos sejam educados, a fim de ajustar-se à sociedade, ajustar-se e adaptar os seus pensamentos à sociedade, o que, com efeito, significa: ajudá-los a prepararem-se para uma dada profissão, a fim de que possam ganhar o seu sustento. Querem que seus filhos estudem para passar nos exames, tomarem um grau numa dada universidade, para terem depois um bom emprêgo, uma posição firme na sociedade. Nisto, apenas, estão interessados a maioria dos pais. Para fazerem os filhos cursar o colégio gastam uma grande soma de dinheiro, fàcilmente se são ricos, e com grandes dificuldades se o não são; e, para êles, educação é tão-sòmente o acrescentar umas poucas letras ao nome do estudante, e esperam que isso fará dêles o que se costuma chamar "um bom cidadão", um membro respeitável da sociedade. O principal interêsse dos pais, mormente num país como êste, superpovoado e com uma pesada carga de tradições, é de ajudar o jovem a obter um emprêgo que o salve de mor-

rer à míngua. Não estou fazendo críticas, mas apenas enunciando um fato. Aqui, felizmente, o problema da guerra não constitui uma ameaça imediata, enquanto na Europa e na América já se introduziu a conscrição sob várias formas, e os rapazes têm de submeter-se ao sistema militar; são treinados numa determinada unidade, para lutar, destruir, só sendo restituídos à liberdade depois de três ou quatro anos, para adotarem uma ocupação civil e se encarreirarem na vida.

Qual é, pois, o dever dos pais? O seu dever está terminado no momento em que o jovem ou a jovem recebe o seu diploma ou é dada a jovem em casamento? Que se entende por dever? Perante o que temos um dever? E' nosso dever cuidar de que os jovens se adaptem a uma determinada sociedade, sem se levar em conta se essa sociedade é boa ou má, revolucionária ou corrupta? E' nosso dever fazer que o jovem ou a jovem se ajuste a um padrão, sem atender ao que êle ou ela deseja fazer e é capaz de fazer? E' isso o que se entende por dever?

INTERPELANTE: *Quer viva na América, quer viva na Rússia ou na Índia, o pai que ama verdadeiramente o seu filho deverá estar profundamente interessado em que êle tenha um sentimento entranhado dos deveres sociais, o qual se lhe torne natural e que êle possa, mais tarde, expressar de uma certa maneira, conforme as suas capacidades.*

KRISHNAMURTI: O pai gasta muito dinheiro com a educação do filho, educação que consiste em

cursar a Universidade, etc. Essa educação poderá tornar o jovem apto a adaptar-se à sociedade, mas ajudá-lo-á a ser criador?

INTERPELANTE: *O pai tem de julgar a educação na base de que se ela faz ou não do jovem um valor do ponto de vista social.*

KRISHNAMURTI: Isto traz à balha a complexa questão relativa ao fundo cultural ou social do pai ou do educador, não é verdade? Significa, com efeito, investigar o que é a sociedade, e se a educação é questão apenas de condicionar a criança, para que possa servir a sociedade de acôrdo com o padrão.

INTERPELANTE: *Por outro lado, depois de crescer e deixar a Universidade, deve o jovem pôr-se em oposição à sociedade? Ou deve ser capaz de criar uma sociedade de espécie inteiramente nova?*

INTERPELANTE: *Há uma coisa que* nós *não desejamos: que o jovem que fruiu uma boa educação, num estabelecimento caro, só haja de exigir confortos da sociedade. Tais indivíduos nada dão em troca e estão empobrecendo a Nação.*

KRISHNAMURTI: Quer dizer: De que maneira a educação pode preparar o estudante, da infância à adolescência e à maturidade, para não ser anti-social? Se um menino é educado na Rússia para não ser anti-

social, isso significa condicioná-lo para ajustar-se à sociedade comunista. Aqui, quando falamos de educá-lo para não ser anti-social, estamos também entendendo: condicioná-lo de modo que não queira libertar-se do padrão estabelecido. Enquanto êle se conforma e se mantém dentro do padrão de determinada sociedade, chamamo-lo "um valor social", mas no momento em que se liberta do padrão, declaramo-lo anti-social.

Nessas condições, consiste meramente a função da educação em moldar o estudante para adaptar-se a uma determinada sociedade? Ou deve a educação prepará-lo para compreender o que é a sociedade, com seus fatôres que corrompem, destroem e desintegram, de modo que êle perceba o processo, na sua totalidade, e dêle se afaste? O repúdio do "processo" não é anti-social. Pelo contrário, o não ajustamento a uma dada sociedade é uma verdadeira ação social.

INTERPELANTE: *Se a educação torna o jovem tão egocêntrico que, ao deixar o colégio, mostre completa desconsideração para com a pobreza e nenhum sentimento para com os pobres, então não há dúvida de que a educação está errada e um pai consciencioso terá interêsse em que tal coisa não possa acontecer.*

KRISHNAMURTI: De que maneira, então, pode a educação preparar o jovem para não ser medíocre, para não cair na mediocridade dos ricos, dos pobres, ou da classe média? Que espécie de educação deveria existir para quebrar a mediocridade da mente, se as-

sim nos podemos expressar? Para não ser medíocre, é bem certo que o jovem deve ser capaz de executar coisas com as mãos e, bem assim, com a mente; êle não deve dizer "isto é bom", "isto é mau", não deve ser nem bramânico nem antibramânico, nem "pró-isto" nem "contra aquilo" — o que, com efeito, significa deve haver um ambiente em que o estudante seja estimulado a todos os respeitos, e não ùnicamente sob o aspecto intelectual.

INTERPELANTE: *Como pai, que posso fazer, no lar, para impedir a mediocridade de um filho?*

KRISHNAMURTI: Se o pai é medíocre, isto é, se seus gostos são convencionais, se suas perspectivas são as tradicionais, se tem mêdo dos vizinhos, da espôsa, de perder o emprêgo, de que maneira então poderá êle contribuir para impedir a mediocridade da criança?

INTERPELANTE: *Admitindo-se que o pai seja medíocre, de que maneira deve êle encarar o problema de suas relações com o filho?*

KRISHNAMURTI: A educação, sem dúvida, é a compreensão das relações entre cada um de nós e a criança, entre cada um de nós e a sociedade. A compreensão das relações é educação. E' possível, porém, compreender as relações quando a mente tem um ponto fixo?

INTERPELANTE: *Que entendeis por "ter um ponto fixo"?*

KRISHNAMURTI: Ter crença em alguma coisa, uma opinião religiosa, uma conclusão dogmática, uma atitude estreita perante a vida. Poderá um pai, em tais condições, compreender as relações entre êle próprio e seu vizinho ou seu filho? E' claro que não, pois êle parte sempre de uma opinião fixada, seu pensamento já está formado. Afinal de contas, as relações são uma coisa viva, quer sejam as relações com pessoas, quer sejam as relações com a propriedade, com idéias, e se partimos de uma atitude pré-formada perante as pessoas, a propriedade ou as idéias, não pode haver compreensão das relações.

Ora, quais são as nossas relações com pessoas? Se sou pai, quais são as minhas relações com meu filho? Em primeiro lugar, tenho de fato alguma relação com êle? A criança pode ser meu filho ou minha filha; mas existe de fato alguma relação, algum contacto, companheirismo, comunhão entre mim e o meu filho, ou tenho muito o que fazer, para ganhar dinheiro ou a qualquer outro respeito, e por isso despacho-o para a escola? Nessas condições, não tenho realmente contacto nem comunhão de espécie alguma com o menino ou a menina, não é verdade? Se sou um pai muito ocupado, como geralmente são os pais, e desejo só que meu filho seja alguma coisa — advogado, médico ou engenheiro — estou em alguma relação com êle, embora seja eu o autor dos seus dias?

INTERPELANTE: *Sinto que devo manter-me num estado de relação com meu filho, e es-*

pero poder estabelecer uma relação em que êle possa apoiar-se com confiança. Como devo proceder?

KRISHNAMURTI: Estamos investigando a questão das relações do pai com o filho, e perguntando a nós mesmos se existe de fato alguma relação, embora digamos que existe. Que são estas relações? Gerastes o filho, e quereis que êle curse o colégio, mas tendes realmente outra espécie de relação com êle? O homem muito rico tem seus entretenimentos, suas preocupações, e nenhum tempo para o filho, que êle só vê ocasionalmente, e quando o filho está com oito ou dez anos despacha-o para a escola, e aí se pára. Os componentes da classe média são também muito ocupados para terem relações com os filhos, pois têm de ir todos os dias para os seus escritórios. E as relações do pobre com o seu filho é o trabalho, pois, o filho também tem de trabalhar.

Está assim esclarecido o que significa a palavra "relações" na nossa vida. Quais são as relações que existem entre mim e a sociedade? Afinal de contas, a sociedade *é* relações, pois não? E se eu tivesse de fato o sentimento de um amor profundo ao meu filho, êsse amor mesmo haveria de criar uma verdadeira revolução, porque eu não desejaria que meu filho se adaptasse à sociedade para ver destruída tôda a sua iniciativa, não desejaria fôsse êle oprimido pela tradição, pelo mêdo, pela corrupção, curvando-se diante dos poderosos e dando pontapés nos humildes. Eu faria o que fôsse necessário para que esta sociedade, que está a putrefazer-se, deixasse de existir, para que se pudesse pôr côbro definitivamente às guerras, à

violência sob tôdas as formas. Certo, se amamos os nossos filhos, temos de achar uma maneira de educá-los de modo que não tenham meramente de adaptar-se à sociedade.

INTERPELANTE: *Qual a melhor maneira de preparar a criança para enfrentar a presente sociedade?*

KRISHNAMURTI: Sabemos o que é a sociedade, com sua corrupção, etc. Consiste a função da educação em preparar o jovem para ajustar-se a uma dada sociedade, comunista, socialista, ou capitalista? Qundo se adapta à sociedade, êle se acha em perene revolta, não é verdade? Não estamos todos nós a esganar-nos mùtuamente, na sociedade, de fato ou psicològicamente?

INTERPELANTE: *Como preparar a criança, não para rebelar-se apenas dentro da sociedade, mas para se libertar de todo desta sociedade?*

KRISHNAMURTI: Êste é justamente o ponto essencial. Desejais, como pai, que o vosso filho se rebele, no sentido mais profundo da palavra? Desejais ajudá-lo a libertar-se desta sociedade e criar, *não* uma sociedade de caráter comunista ou de outra espécie, mas uma sociedade completamente diferente, uma nova civilização?

INTERPELANTE: *Podemos ajudá-lo, dentro dos nossos limites.*

KRISHNAMURTI: Então limitareis também a criança. E' possível educar a criança para não se conformar com vossas limitações ou minhas limitações, e sim para compreender a si mesma e criar sua própria sociedade? E' possível a todos nós, tanto na escola como fora dela, ajudarmos a criança, o estudante, a criar uma atmosfera de liberdade, em que não exista temor, em que êle compreenda com tôda a clareza a estrutura social e diga "Isto não é uma verdadeira sociedade; sairei dela para ajudar a construir uma sociedade inteiramente nova"? Do contrário êle irá, meramente, "entrar no alinhamento".

Qual é, pois, a função da educação? Não é ajudar o estudante a compreender suas próprias compulsões, "motivos", impulsos, que criam o padrão destrutivo, da sociedade? Não é ajudá-lo a compreender seus condicionamentos, suas limitações, e libertar-se?

INTERPELANTE: *Parece-me necessário, primeiramente, que o jovem compreenda a sociedade em que vive, porque do contrário não poderá libertar-se dela.*

KRISHNAMURTI: Êle é uma parte da sociedade, está em contacto com ela todos os dias e vendo a corrupção que nela existe. Ora, como ireis ajudá-lo por meio da educação a compreender a sociedade, para ficar livre dela e criar uma ordem social diferente?

INTERPELANTE: *Uma criança comum adapta-se inevitàvelmente ao padrão da sociedade.*

KRISHNAMURTI: Existe coisa tal como "uma criança comum"? Mas pode haver um preceptor comum e cheio de temores. Eis porque é necessária a educação do educador. Êle também tem de transformar-se, pois não deve estar, simplesmente, de acôrdo com a sociedade.

INTERPELANTE: *Visto que temos nossas próprias limitações, devemos impô-las à criança?*

INTERPELANTE: *Não é imposição, é fraqueza.*

KRISHNAMURTI: Visto estarmos cônscios de nossas limitações e de nossa fraqueza, como iremos dar a educação adequada?

INTERPELANTE: *Queremos ouvir isso de vós; é por esta razão que estamos aqui.*

KRISHNAMURTI: A não ser que se eduque o educador, não há possibilidade de ajudar o estudante a quebrar as suas limitações. A educação do educador é o fator essencial. Mas está o educador disposto a educar a si mesmo? Quer dizer, está êle disposto a compreender a sua própria situação, perceber suas próprias limitações e libertar-se delas, o mais que possa, ajudando assim o rapaz ou a rapariga a libertar-se também?

INTERPELANTE: *Pode-se experimentar.*

KRISHNAMURTI: Se o próprio educador não percebe a necessidade de quebrar o mais possível as suas limitações, é óbvio que irá impô-las ao jovem.

INTERPELANTE: *Êle percebe a necessidade de quebrar as limitações, mas por mais que se esforce, continua limitado.*

KRISHNAMURTI: Então, que pretendemos fazer? Estamos preparados, como homens e mulheres adultos, como entes humanos amadurecidos — como se costuma dizer — estamos preparados para compreender as nossas limitações e quebrá-las? Do contrário, com nossa influência, iremos inevitàvelmente impor as nossas limitações aos jovens. Antes de tudo, como pais e educadores, estamos nós cônscios de nossas próprias limitações?

INTERPELANTE: *Estou bem cônscio das limitações, mas não sei como libertar-me delas.*

KRISHNAMURTI: Sabemos o que significa a palavra "limitações". E' uma limitação dizermo-nos hinduístas?

INTERPELANTE: *Isto não pode ser limitação.*

KRISHNAMURTI: Mas é, porque separa os indivíduos. Estamos preparados para nos libertarmos de tudo isso, e deixarmos de ser hinduístas ou maometanos?

INTERPELANTE: *Creio que estamos preparados para tanto.*

KRISHNAMURTI: Se os preceptores, os educadores estão preparados para tanto, as conseqüências

serão então extraordinárias. Afinal de contas, quando vos dizeis hinduísta, que quereis dizer? Não há apenas a divisão geográfica, mas também a divisão criada pela crença em certas formas de religião, certas tradições, certas espécies de ordem social. Estamos, como educadores, preparados para abandonar estas crenças, o que significa, ir de encontro à sociedade presente? Estamos preparados para tanto? A menos que o educador se dedique à educação — principalmente se êle próprio tem filhas para casar, como em geral acontece — êle irá proceder justamente em conformidade com o padrão. Não deve o educador dedicar-se à educação, no verdadeiro sentido da palavra? E não deve o pai de família ajudar o preceptor a dedicar-se à educação correta?

A maioria das pessoas, parece-me, reconhece que o atual sistema de educação falhou, uma vez que produziu guerras, decomposição moral, etc.; e também, com exceção de muito poucas pessoas, deixou de existir o pensar criador. Qual é pois a educação correta, e de que maneira pretendemos inaugurá-la? Ela naturalmente não poderá ser inaugurada, se alguém diz "Esta é a educação correta" e todos nós nos limitamos a concordar e a seguir o padrão; ao invés disso, o que devem fazer os pais, e os preceptores, e todos nós, é juntar-nos para descobrir qual é a educação correta, o que significa que tanto o pai como o educador têm de ser educados, tal como a criança.

Acho que educação correta é aquela que ajuda o estudante a ser livre, porque só em liberdade se pode ser criador. A liberdade não implica ter coragem, mas sim não ter mêdo, que é coisa muito dife-

rente. Não ter mêdo é um estado em que não há conformismo, não há imitação, e, portanto, não se segue autoridade alguma. Tudo isso significa liberdade. Para se compreender o que significa não ter autoridade, na educação, é necessário se compreendam as conseqüências daí decorrentes. Não ter autoridade não significa faça o jovem o que entender; mas, quando o jovem percebe que há autoridade, fica com mêdo. Ora bem, nós, como pais de família, estamos dispostos a renunciar à autoridade, para que o jovem seja verdadeiramente livre — não para se entregar a distrações superficiais, mas livre para descobrir o que é verdadeiro, para contestar tôdas as tradições, contestar a própria autoridade dos pais? Se desejais realmente que o jovem seja livre, tais deverão ser as conseqüências.

INTERPELANTE: *A menos que sejamos livres, não podemos dar liberdade ao jovem.*

KRISHNAMURTI: Neste caso, tereis de esperar durante séculos. O que dizeis é um fato real ou mera idéia especulativa? A iniciativa e o pensar criador são naturalmente destruídos quando não há liberdade para o jovem — o que não significa permitir faça o jovem o que entenda. Mas está disposto o pai a largar mão de sua autoridade com tudo o que ela implica, a fim de que o jovem possa descobrir o que é verdadeiro? Estão os pais dispostos a se educarem em tôda esta extensão? Ora, o pai deve sentir a necessidade disso com tanta intensidade como sente a necessidade de tomar a sua refeição. A liberdade implica

autoconhecimento. Compreender a si mesmo é o primeiro passo para a liberdade. E estamos preparados para dizer "Quero compreender a mim mesmo, para que o jovem possa também compreender a si mesmo e criar uma nova sociedade"? Ou só nos interessa ajudar a criança a ajustar-se aos padrões? Quererão os pais ajudar a criar um centro educativo onde não exista o temor? Superficialmente, isto significa a não existência de exames, uma vez que os exames causam um estado de mêdo, e o senso de comparação. Estão preparados os pais para criar um centro educativo onde não se ensine o jovem a passar à frente de outro jovem, onde não se dêem notas aos estudantes e êles não sejam classificados em estúpidos e inteligentes, mas onde cada jovem seja educado para descobrir a própria vocação? Se os pais não estão preparados para criar centros educativos desta natureza, como esperar então que venham a existir tais centros?

Eis porque, senhores, suscitei a questão sôbre se os pais têm alguma relação com os seus filhos. Se o pai ama o seu filho, tal será a conseqüência. Êle desejará que o jovem seja livre no sentido profundo da palavra, não meramente para praticar atos divertidos e sensacionais, e destrutivos. Como pais, estamos preparados para tudo isso? É porque os pais não os exigem, que não existem os centros educativos dessa espécie; mas os pais exigem que seus filhos passem nos exames, e obtêm portanto aquilo que exigem.

27 de janeiro de 1955.

PRIMEIRA CONFERÊNCIA DE BOMBAIM

A MEU ver, um dos principais problemas que se deparam ao homem, na época atual, é o atinente à criação, a como despertar, no indivíduo, a ação criadora. E se pudermos considerar esta questão, não meramente no nível verbal, mas aprofundando-a o mais possível, é de esperar venhamos a descobrir o significado pleno da palavra "criação". Quer-me parecer ser esta a investigação que mais deve interessar-nos, e não o averiguar a que espécie de reforma política devemos dedicar-nos ou que espécie de religião seguir. Como gerar no indivíduo a ação criadora, não só no comêço da existência, mas em todo o curso da sua vida? Isto é, como dotar o indivíduo de uma energia abundante, corretamente orientada, de modo que sua vida tenha uma significação larga e profunda? Se pudermos, nesta tarde, examinar esta matéria, ficaremos mais aptos — parece-me — a compreender as palestras subseqüentes.

Estou convencido de que se faz necessária uma revolução no nível mais profundo, uma revolução não fragmentária, porém integrada, revolução total, originada, não do exterior, mas do interior. Mas, para se promover essa revolução total, indubitàvelmente devemos compreender as operações de nosso próprio

pensamento, o processo total do nosso pensar que é autoconhecimento. Sem as bases do autoconhecimento, o que pensamos pouco significa. Releva, pois, compreendermos em primeiro lugar as operações da nossa mente; e a revolução deve realizar-se não numa dada esfera de pensamento, mas na totalidade da mente. Antes, porém, de entrarmos na matéria, acho essencial saber-se o significado de *escutar*.

Muito poucos, dentre nós, escutam diretamente uma coisa que se está dizendo; sempre a estamos traduzindo ou interpretando de acôrdo com um determinado ponto de vista hinduísta, moslêmico ou comunista. Temos fórmulas, opiniões, juízos, crenças, através dos quais escutamos, de modo que estamos sempre a subordinar o que escutamos aos nossos preconceitos, conclusões ou experiências. Sempre estamos a interpretar o que ouvimos dizer, e isso, evidentemente, não produz compreensão. O que traz a compreensão é, por certo, o escutarmos sem estarmos presos a uma âncora, sem têrmos nenhuma conclusão positiva, de modo que possamos, juntos, investigar cabalmente qualquer problema. Se souberdes a arte de escutar, não só descobrireis o que é verdadeiro no que ouvis dizer, mas vereis também o falso como falso e a verdade contida no falso; se escutardes, porém, arguitivamente, não poderá haver compreensão, pois estareis apenas a jogar a vossa opinião contra outra opinião, o vosso julgamento contra outro, e isso impede, efetivamente, o descobrimento da verdade naquilo que se está dizendo.

Nessas condições, é possível, a uma pessoa, escutar sem nenhum preconceito, nenhuma conclusão, sem

interpretação? Porque, é bastante evidente, nosso pensar é condicionado, não é verdade? Estamos condicionados como hinduístas, comunistas ou cristãos, e tudo o que escutamos, seja novo, seja velho, é sempre apreendido através da cortina dêsse condicionamento; por conseguinte, nunca podemos chegar-nos a um problema com a mente nova. Por esta razão, torna-se importantíssimo saber escutar, não só a uma exposição verbal, mas a tôdas as coisas. É bem clara a necessidade de uma revolução total no indivíduo; essa revolução, porém, jamais se realizará sem uma compreensão, livre de todo esfôrço, do que é verdadeiro. O esfôrço, em qualquer nível que seja, é, sem dúvida nenhuma, uma forma de distração, e só quando a mente está muito quieta, sem fazer esfôrço algum, pode dar-se a compreensão. Mas, para a maioria de nós, o esfôrço é a coisa mais importante, a coisa essencial, e com o esfôrço que fazemos para escutar, para compreender, estamos impedindo a compreensão, a percepção imediata do que é verdadeiro e do que é falso.

Ora bem, se estais cônscio do vosso condicionamento, mas ao mesmo tempo livre dêle, sois capaz de escutar de maneira que possais compreender o que se está dizendo? Podeis escutar sem esfôrço, sem interpretação, o que significa dar atenção total? Para a maioria de nós a atenção é meramente um processo de concentração, uma atividade de exclusão, e, enquanto houver essa resistência própria do pensar exclusivo, é bem evidente, não pode haver revolução total; e há — parece-me — uma necessidade imperiosa dessa revolução individual, pois dela sòmente pode vir o impulso criador.

Nossa mente está condicionada pela moderna educação, pela sociedade, pela religião, pelos conhecimentos e as inúmeras experiências que temos acumulado; foi moldada, não só pelo ambiente, mas também pelas nossas reações a êsse ambiente e a várias formas de relação.

Tende presente, não estais meramente a escutar-me, mas estais, de fato, a observar o processo do vosso próprio pensar. O que estou dizendo é uma simples descrição do que se está passando em vossa mente. Se uma pessoa está cônscia, por pouco que seja, do seu próprio pensar, poderá ver que a mente condicionada, por mais esforços que faça, só poderá modificar-se dentro da prisão do seu próprio condicionamento, e tal modificação, evidentemente, não é revolução. Isto — parece-me — deve-se compreender em primeiro lugar: enquanto as nossas mentes estiverem condicionadas como hinduístas, moslins ou o que mais seja, qualquer revolução estará limitada pelo padrão dêsse condicionamento, não sendo, portanto, de modo nenhum, uma revolução fundamental. Todo desafio é necessàriamente novo e, enquanto a mente está condicionada, só corresponde ao desafio em conformidade com o seu condicionamento; dessa maneira, nunca pode haver uma reação adequada.

Pois bem. Todos sabemos que há atualmente uma grave crise no mundo — pobreza inaudita e constante ameaça de guerra. Êste o desafio, e nosso problema é o de correspondermos de maneira adequada, completa, total, o que é de todo impossível se não compreendemos o processo do nosso próprio pensar. Nosso pensar é òbviamente condicionado; sempre

reagimos a qualquer desafio como hinduístas, maometanos, comunistas, socialistas, cristãos, etc., e tal reação é, fundamentalmente, inadequada; daí vem o conflito, não só individual, mas também entre grupos, raças e nações. Só somos capazes de reagir totalmente, de maneira plenamente adequada, quando compreendemos o processo do nosso pensar e estamos livres do nosso condicionamento, isto é, quando já não reagimos como hinduístas, comunistas ou seja o que fôr, o que significa, nossa reação ao desafio já não se baseia em condicionamento prévio. Quando deixamos de pertencer a uma dada raça ou religião, quando cada um de nós, compreendendo o seu próprio *fundo*, dêle se liberta e busca o que é verdadeiro, haverá então a possibilidade de correspondermos totalmente ao desafio.

Só o homem religioso tem a possibilidade de levar a efeito uma revolução fundamental; mas o homem que tem uma crença, um dogma, que pertence a uma dada religião, não é um homem religioso. O homem religioso é aquêle que compreende, no seu todo, êsse "processo" que chamamos religião, as várias formas de dogma, o desejo de segurança na observância de certas fórmulas de ritual e de crença. Um indivíduo dessa qualidade liberta-se da estrutura da religião organizada, do dogma, da crença, para buscar o que está acima de tudo; e êsse indivíduo é que é verdadeiramente revolucionário, visto que qualquer outra forma de revolução é fragmentária e, por conseguinte, cria, inevitàvelmente, ulteriores problemas. Entretanto, o homem que visa ao descobrimento do que é a Verdade, do que é Deus, é o verdadeiro

revolucionário, porquanto o descobrir da verdade é uma reação integral e não uma reação fragmentária.

Mas é possível, à mente, estar cônscia de seu próprio condicionamento, de maneira que possa libertar-se dêle? O condicionamento da mente é impôsto pela sociedade, pelas várias formas de cultura, religião e educação, bem como pelo processo da ambição, sob todos os aspectos, pelo esfôrço de vir a ser alguma coisa, o qual é também um padrão impôsto a cada um de nós pela sociedade; e há, além disso, o padrão que o indivíduo cria para si mesmo, em sua reação à sociedade.

Agora, podemos nós, como indivíduos, estar cônscios do nosso condicionamento, e tem a mente a possibilidade de quebrar tôda esta limitação, para ficar livre e poder descobrir o que é a verdade? Porque, parece-me, se não libertarmos a mente do seu condicionamento, todos os nossos problemas sociais, nossos conflitos da vida de relação, nossas guerras e outras tribulações, forçosamente haverão de aumentar e de multiplicar-se; e é isso, exatamente, o que está acontecendo no mundo, não só nas nossas vidas particulares, mas também nas relações entre os indivíduos e os grupos de indivíduos, que chamamos a sociedade.

Atendendo a esta situação e compreendendo-lhe o significado, haverá possibilidade de a mente ficar cônscia do seu condicionamento e libertar-se dêle? Porque só na liberdade pode haver ação criadora; mas a liberdade não é uma reação a alguma coisa. A liberdade não é reação à prisão em que a mente está cativa, não é o oposto da escravidão. A liberdade

não é um "motivo". (1) Certo, a mente que busca a verdade, Deus — ou o nome que lhe quiserdes dar — não é impelida por "motivo" algum. Nós, em geral, temos um "motivo", porque em tôda a nossa vida, na educação e em tudo o que fazemos, nossa ação está baseada num "motivo" de auto-expansão ou de autodestruição. E pode a mente ficar bem cônscia disso e libertar-se de tôdas estas prisões que a si mesma impôs, para se ver em segurança, para ter satisfação, para alcançar um resultado pessoal ou nacional?

A meu ver, a revolução a que me refiro só é possível quando a mente se acha muito tranqüila, completamente silenciosa. Entretanto, essa quietação da mente não se obtém por meio de esfôrço; vem ela, com tôda a naturalidade e facilidade, quando a mente compreende o seu próprio "processo" de ação, isto é, quando compreende completamente o significado do pensar. Assim, pois, o comêço da liberdade está no autoconhecimento e o autoconhecimento não se acha na fuga à vida, mas, sim, nas relações de nossa existência de cada dia. As relações são o espelho em que nos podemos ver como de fato somos, sem desfiguração alguma; e é só quando, graças ao autoconhecimento, podemos ver-nos exatamente como somos e não desfigurados por interpretações ou juízos de qualquer espécie, só então a mente se torna quieta, silenciosa. Mas, não se pode procurar ou demandar essa tranqüilidade; se procuramos e estabelecemos a

---

(1) "motive": Any idea, need, emotion or organic state that prompts to an action. (Tôda *idéia,* necessidade, emoção ou estado orgânico que impele à ação).
(Cf. Dicionário Webster)

tranqüilidade da mente, há então, nessa tranqüilidade, um "motivo", e por conseguinte a mente nunca pode estar quieta e, sim, sempre em movimento, visando a alguma coisa e fugindo de alguma coisa.

Como dissemos, só há liberdade no autoconhecimento, que é a compreensão do processo total do pensar. Nosso pensar é atualmente apenas uma reação, a reação da mente condicionada, e tôda ação baseada num tal pensar, redundará inevitàvelmente em catástrofe. Para se descobrir o que é a verdade, o que é Deus, necessita-se de uma mente que tenha compreendido a si própria, e, portanto, de uma investigação completa do problema do autoconhecimento. Só então pode haver a revolução total, a única revolução que gera a ação criadora, e essa ação criadora reside no percebimento do que é a verdade, do que é Deus.

Creio ser sempre importante fazerem-se perguntas fundamentais. Mas acontece que, ao fazermos uma pergunta fundamental, estamos quase sempre em busca de uma resposta, e, nesse caso, tal resposta terá de ser inevitàvelmente superficial, porque não há resposta "sim" ou "não" para a vida. A vida é movimento, movimento infinito, e se desejamos investigar, nos seus inúmeros aspectos, essa coisa extraordinária que se chama a vida, temos de fazer perguntas fundamentais e nunca nos satisfazermos com as respostas, por mais satisfatórias que elas sejam, uma vez que, no momento em que *temos* uma resposta, a mente formou uma conclusão e nenhuma conclusão é a vida: é um estado estático. O importante, pois, é que se faça a pergunta correta, mas que

nunca nos satisfaçamos só com a resposta, por mais engenhosa e lógica que seja, pois a verdade que a pergunta busca reside além da conclusão, além da resposta, além da expressão verbal. A mente que faz uma pergunta e se satisfaz com uma simples explicação, uma asserção verbal, permanece superficial. Só a mente que faz uma pergunta fundamental e é capaz de investigar até o fim a questão respectiva, só essa mente pode descobrir o que é a verdade.

PERGUNTA: *Nota-se hoje em dia, na Índia, um crescente desprêzo da sensibilidade e sua expressão. Culturalmente, somos uma nação debilitada e imitativa; nosso pensar é comodista e superficial. Existe uma possibilidade de rompermos tôdas as prisões e entrarmos em contacto com a fonte da criação? Podemos criar uma nova cultura?*

KRISHNAMURTI: Senhor, esta não é uma questão de interêsse apenas dos hindus: é uma questão humana; a mesma coisa se pergunta na América, na Inglaterra, em tôda a parte. Como fazer nascer uma nova cultura, uma ação criadora "explosiva", abundante, para que a mente não seja imitativa? Todo poeta, todo pintor aspira a isso; vamos, pois, investigar a questão. Não posso, naturalmente, discuti-la com tantos, mas vamos investigá-la e tende, portanto, a bondade de escutar.

Que é civilização, que é cultura, tal como a conhecemos atualmente? E' o resultado da ação coletiva, não? A cultura que conhecemos é a expressão

de muitos desejos unificados pela religião, por um código moral tradicional, por sanções de tôda ordem. A civilização em que vivemos é resultado da vontade coletiva, de muitos desejos aquisitivos e, por essa razão, temos uma cultura, uma civilização também aquisitiva. Isto é bastante claro.

Ora, dentro dessa sociedade aquisitiva, que é o resultado da vontade coletiva, podem operar-se muitas reformas e, ocasionalmente, revoluções sangrentas, mas tudo isso ocorre sempre dentro do padrão, porque nossa reação a todo desafio, que é sempre novo, é limitada pela cultura em que fomos educados. A cultura da Índia é òbviamente imitativa, tradicional, constituída de inúmeras superstições, de crença e dogma, repetição de palavras, adoração de imagens feitas pela mão e pela mente. Tal é a nossa cultura, tal a nossa sociedade, dividida em várias classes, tôdas baseadas no impulso de aquisição; e se nos tornamos não ávidos das coisas dêste mundo, tornamo-nos ávidos das coisas do outro mundo, ávidos de Deus, etc. Nossa cultura, pois, está baseada essencialmente na avidez, tanto no sentido mundano, como no sentido espiritual; e se, ocasionalmente, surge um indivíduo que se libertou completamente da avidez e sabe o que é ser criador, prontamente começamos a endeusá-lo, elegendo-o nosso guia ou instrutor espiritual e sufocando, assim, a nós mesmos.

Enquanto pertencermos à cultura coletiva, à civilização coletiva, não poderá haver criação. Só o homem que compreende, na íntegra, o processo do coletivo, com tôdas as suas sanções e crenças, e que deixa de ser ávido, positiva ou negativamente, só

êsse homem conhece o significado da criação, e não o *sanyasi* que renuncia ao mundo e busca a Deus, já que isso é meramente sua forma especial de avidez. O homem que percebe o inteiro significado do coletivo e dêle se liberta, por saber qual é a verdadeira religião, tal homem é um indivíduo criador e sua ação produz novas culturas. Sem dúvida, é sempre assim que acontece, não é verdade?

O homem verdadeiramente religioso não é o que pratica a chamada religião, que está apegado a certos dogmas e crenças, executando certos ritos ou cultivando o saber, porquanto êste busca, tão-sòmente, uma outra forma de satisfação. O homem verdadeiramente religioso é completamente independente da sociedade, não tem nenhuma obrigação para com a sociedade; poderá estabelecer uma relação com a sociedade, mas a sociedade não está em relação alguma com êle. Sociedade é a religião organizada, a estrutura econômica e social, o ambiente em que fomos educados; e essa sociedade ajuda o homem a encontrar Deus, a verdade (o nome que lhe derdes pouco importa), ou o indivíduo que busca a Deus cria uma sociedade nova? Isto é, não deve o indivíduo soltar-se da atual sociedade, cultura ou civilização? Sem dúvida, justamente quando se liberta, descobre êle o que é a verdade, e essa verdade é que cria a nova sociedade, a nova cultura.

Esta — parece-me — é uma questão importante, e merece ser meditada. Pode, em algum tempo, o homem que pertence à sociedade — não importa qual sociedade — descobrir a verdade, Deus? Pode a sociedade ajudar o indivíduo nesse descobrimento, ou

deve o indivíduo — vós e eu — libertar-se da sociedade? Por certo, é precisamente no processo de libertar-se da sociedade que há para o indivíduo a compreensão do que é a verdade, e a verdade gera então o movimento que edifica a nova sociedade, a nova cultura. O "sannyasi", o monge, o eremita renuncia ao mundo, renuncia à sociedade, mas o seu padrão de pensar continua totalmente condicionado pela sociedade; êle é ainda o cristão ou o hinduísta em busca do ideal do cristianismo ou do hinduísmo. Suas meditações, seus sacrifícios, suas práticas, são essencialmente condicionadas e, por conseguinte, o que êle descobre como sendo a verdade, Deus, o Absoluto, é apenas, na realidade, sua própria reação condicionada. Daí se infere que a sociedade não pode ajudar o homem a descobrir o que é a verdade. A função da sociedade é limitar o indivíduo, contê-lo dentro das barreiras da respeitabilidade. Só o homem que compreende, na íntegra, êsse processo, e cuja ação não é uma reação, só tal homem pode descobrir o que é a verdade; e a verdade é que cria uma nova cultura, e não o homem que quer alcançar a verdade.

Creio que tudo isso é bastante claro e simples; pode parecer complicado, mas não é. A verdade traz sua ação própria; mas o homem que está buscando a verdade e agindo, êsse homem, por mais nobre e digno, só pode criar mais confusão e sofrimentos. Êle é como o reformador, cuja única preocupação é de adornar as paredes da prisão, melhorar-lhe a iluminação, ampliar-lhe as instalações, etc. Se, ao contrário, compreenderdes na íntegra o problema de como a mente está condicionada pela sociedade e deixardes

a verdade atuar, em vez de vós mesmos atuardes de acôrdo com o que pensais ser a verdade, vereis, então, que essa ação produz sua cultura própria, sua civilização própria, um novo mundo não baseado na avidez, no sofrimento, na luta, na crença. A verdade é que criará uma nova sociedade, e não os comunistas, os cristãos, os hinduístas, os budistas ou os maometanos. O correspondermos a cada desafio de acôrdo com nosso condicionamento, significa, meramente, ampliar a prisão ou enfeitar-lhe as grades. Só quando a mente, compreendendo as influências condicionadoras que lhe foram impostas ou que ela própria criou para si, delas se ilberta, só então vem a percepção da verdade; e a ação da verdade faz nascer uma nova sociedade, uma nova cultura.

Eis porque é muito importante uma nação como a nossa não imponha a si própria a cultura superficial do Ocidente, nem tampouco, no seu atual estado de confusão, retorne a sua velharias — os *Puranas*, os Vedas. Só a mente confusa pode desejar voltar a uma coisa morta, e o importante é compreender-se porque existe a confusão. Há confusão, é òbvio, quando a mente não compreende, quando não reage total e integralmente, diante de uma coisa nova, de um dado fato.

Tomemos, por exemplo, o fato da guerra. Se, perante êle, reagis como o hinduísta que crê em *ahisma*, dizeis: "Tenho de exercitar-me na não violência"; e se porventura fordes nacionalista, vossa reação será nacionalista. Entretanto, o homem que percebe a verdade a respeito da guerra, o fato de que a guerra é intrìnsecamente destrutiva, e deixa essa verdade

atuar, tal homem não reage de acôrdo com uma dada sociedade, uma data teoria ou reforma. A verdade não é vossa nem minha e, enquanto a mente não cuidar senão de interpretá-la ou traduzi-la, cria-se apenas confusão. E' isso, precisamente, o que fazem os reformadores e fizeram todos os santos que já tentaram a reforma de uma dada ordem social. Porque traduzem a verdade para promoverem suas reformas, estas acarretam mais sofrimentos e, por conseguinte, tornam necessárias novas reformas.

Para percebermos o que é a verdade, precisamos estar completamente em liberdade, independentes da sociedade, quer dizer, livres da ânsia de aquisição, da ambição, da inveja, do "processo" de vir a ser. Nossa civilização, afinal de contas, baseia-se no desejo de cada indivíduo de se tornar *alguém*, pessoa importante; está edificada sôbre o princípio hierárquico: o homem que sabe e o homem que não sabe, o homem que tem e o homem que não tem. O homem que não tem está sempre a lutar para ter, e o homem que não sabe, perenemente empenhado em adquirir saber. O homem que não pertence a nenhum dêsses grupos, porém, êsse homem tem a mente muito tranqüila, completamente silenciosa, e só nesse estado pode a mente perceber o que é a verdade e deixar a verdade operar pela sua maneira própria. Essa mente não atua em conformidade com uma reação condicionada, não diz: "Tenho de reformar a sociedade". O homem verdadeiramente religioso não tem preocupações concernentes a reformas sociais, não lhe importa melhorar as condições da velha e apodrecida sociedade, porque é a verdade, e não as reformas, que há

de criar uma nova ordem. Parece-me, se pudermos ver com tôda a simplicidade e clareza esta verdade, daí decorrerá naturalmente a própria revolução.

A dificuldade está em que nós não vemos, não *escutamos*, não percebemos direta e simplesmente as coisas tais como são. Afinal de contas, só a mente que está purificada — ainda tendo vivido mil anos e tido experiências incontáveis — só essa mente é criadora, e não a mente sutil, a mente repleta de conhecimentos e de técnica. Quando a mente percebe a verdade com relação a um fato qualquer, e deixa essa verdade operar, tal verdade cria sua técnica própria. A revolução não se opera dentro da sociedade, mas fora dela.

PERGUNTA: *O problema fundamental que se depara a todo indivíduo é a dor psicológica que está a corroer o nosso pensar e o nosso sentir. A menos que possais dar uma resposta a êste respeito e ensinar o modo de pôr fim à dor, tôdas as vossas palavras pouco significarão.*

KRISHNAMURTI: Senhor, que é ensinar? É uma simples comunicação, consiste meramente em palavras? Porque desejais ser ensinado? Pode uma outra pessoa ensinar-vos a pôr fim à dor? Se se vos ensinasse o modo de pôr fim à dor, a dor acabaria? Podeis aprender uma técnica de pôr fim à dor, física ou psicológica, mas no processo mesmo de pôr fim a dor, vem à existência uma nova dor.

Qual é então o verdadeiro problema, senhores? Ora, o verdadeiro problema não é o de como pôr fim à dor. Posso dizer-vos: não deveis ser ávidos, não deveis ser ambiciosos, não deveis ter crenças, e deveis libertar a mente de todo e qualquer desejo de segurança e viver na incerteza completa; mas tudo isso são meras palavras. O problema é o de experimentar diretamente o estado de completa incerteza, e não ter nenhum sentimento de segurança, e isso será possível, apenas, se compreenderdes o processo total de vosso próprio pensar, ou se souberdes escutar com todo o vosso ser, com atenção plena e sem resistência alguma. Para se pôr fim ao sofrimento, à dor, é necessário se compreendam os movimentos da mente, do desejo, da vontade, da escolha, examinando-os de maneira completa, ou que se escute, para descobrir a verdade. O inegável é que, enquanto houver na mente um ponto a mover-se para outro ponto, i.e., enquanto a mente estiver em busca da segurança sob qualquer forma, nunca estará livre da dor. Segurança é dependência, e a mente dependente não tem amor. Sem necessidade de percorrer todo o "processo" de exame, observação e percebimento, basta que escuteis o fato e deixeis operar a verdade relativa ao fato — e vereis, então, a mente estará livre da dor. Nós, porém, não fazemos nem uma coisa nem outra: nem vemos e observamos para descobrir a verdade, nem escutamos o fato com todo o nosso ser, sem o traduzir, sem o torcer, sem o interpretar. Isto é, nem buscamos o autoconhecimento, que também põe fim à dor, nem observamos simplesmente o fato, sem desfiguração, tal como vemos o nosso

rosto ao espelho. Queremos, tão-sòmente, saber *como* pôr fim à dor; desejamos uma fórmula já pronta, que sirva para acabar com a dor: isto, em verdade, significa, que somos indolentes, que nos falta aquela energia extraordinária de que se necessita na busca da compreensão do "eu". Só quando se compreende o "Eu" — não de acôrdo com Sankara, Buda ou Cristo, mas tal como êle existe, dentro de cada um de nós, em relação com pessoas, com idéias e com coisas — é só então que tem fim a dor.

16 de fevereiro de 1955.

SEGUNDA CONFERÊNCIA DE BOMBAIM

UM DOS nossos maiores problemas é o referente à compreensão do desejo. Para a maioria de nós o desejo se tornou uma exigência que precisa ser controlada, guiada, moldada e impulsionada numa certa direção; nesta tarde, porém, pretendo falar sôbre êle de um ponto de vista totalmente diverso e que para mim representa a verdade. Se pudermos compreender o desejo, que, com efeito, é muito complexo, é bem provável possamos então fazer nascer, em nossa vida diária, uma ação de ordem completamente diferente. Se, em vez de procurarmos controlar, sublimar ou transcender o desejo, pudermos encarar, frente a frente, o fato que é o desejo, e começar a compreender a sua índole, creio surgirá então uma ação de qualidade totalmente diversa. Mas a dificuldade que vamos encontrar é que quase todos nós temos opiniões a respeito do desejo e queremos reprimi-lo, a fim de alcançarmos um estado de não desejo, ou nos deixamos assenhorear por êle, com tanta veemência e persistência, que a nossa mente se torna um confuso campo de batalha de pensamentos contraditórios.

Pois bem. Não vou, agora, patrocinar nenhuma teoria ou especulação, mas ocupar-me, tão só, com

o fato, deixando de parte tudo o mais. Assim sendo, permiti-me sugerir-vos fiqueis apenas a escutar o que se está dizendo aqui, sem o pordes em relação com vossas conclusões prévias; deixai vossa mente acompanhá-lo sem interferir, e, assim me parece, vereis acontecer uma coisa extraordinária, não buscada por vós. Se fordes capazes de escutar dessa maneira, pondo-vos frente a frente com o fato e sem traduzirdes o que ouvis em têrmos correspondentes ao que sabeis ou ao que a respeito do desejo foi dito por Sankara, Buda ou outro, vereis que acontecerá uma coisa singular: o próprio fato produz ação. A mente pode dar opiniões ou idéias a respeito do fato, mas não pode atuar sôbre o fato. O mais que ela pode fazer é encarar, observar o fato, e nesse próprio processo de observação, no próprio percebimento do fato, tem início uma transformação radical. É o próprio fato que altera a maneira de pensar, e não a multiplicação de opiniões ou conclusões a respeito do fato.

Examinemos com vagar êste problema do desejo. O desejo, afinal de contas, é energia, energia dirigida para o exterior, e, sendo o desejo positivo, dominador, potente, a sociedade procura controlá-lo e moldá-lo. A sociedade é produto dêsse mesmo desejo, o qual procura ajustar-se, em ordem a se tornar mais eficiente e funcionar dentro dos limites da moral social. Êste também é um fato simples. Êsse desejo, que se dirige para o exterior e que é energia, tem de ser controlado, moldado, guiado, disciplinado — é isso, pelo menos, o que exige a sociedade, o que exigem as religiões e nossas próprias premências. Mas, no próprio processo de disciplina-

mento do desejo, há frustração, pois tudo aquilo cujo caminho se barra tem de achar uma saída.

Sim, senhores, em tôda parte se erguem barreiras ao desejo, barreiras estabelecidas pela sociedade: deveis fazer *isto* e não *aquilo, isto* é correto, *isto* é errado, etc. Todos os livros religiosos, todos os instrutores, e nosso próprio arbítrio determinam que o desejo seja moldado, controlado, disciplinado; mas acontece que, nesse próprio processo, há frustração, há conflito, não só no nível superficial, mas também nos níveis mais profundos da nossa consciência. Se não houvesse barreiras, se se desse liberdade a êsse desejo, a essa energia que se projeta para o exterior, não haveria frustração; a sociedade, porém, a moral convencional, a nossa educação, em todos os setores, bem como nossos próprios temores, moldam, controlam e bloqueiam o desejo, e êsse próprio bloqueio significa frustração. Isto é um fato psicológico muito simples de nossa vida de cada dia; não é especulação filosófica.

Nessas condições, aquela energia dirigida para o exterior esbarra numa muralha de moralidade social, de suposta religião, etc., e volta para dentro, ao seu ponto de partida. Êsse retrocesso não é um movimento livre: é simples reação. Isto é, a energia, que tende a exteriorizar-se, chocando-se, na sua progressão, com um obstáculo, produz interiormente uma reação que nos faz dizer: "Preciso ser nobre, preciso ser bom, preciso ser generoso, preciso achar Deus". Superficial ou profundo, êsse movimento para dentro é sempre uma regressão, e todo êsse "processo", êsse movimento da energia "para fora" e "para dentro", é o

movimento do "eu", do "ego". Êste é também um fato observável, possível de experimentar, e não mera teoria ou opinião. Êsse movimento do desejo, para fora e para dentro, cria uma sociedade, uma civilização, uma religião, e uma vida de relação baseadas no "eu", no "ego", e nesse movimento, a energia diminui gradativamente, já que se torna um processo egocêntrico. O desejo, quando controlado, disciplinado, poderá atuar eficientemente, mas perde a sua extraordinária vitalidade.

Tende a bondade de escutar simplesmente o que estou dizendo, sem o traduzirdes de acôrdo com as coisas que aprendestes. Nosso problema é êste: Na continuação dêsse movimento de vaivém (para fora e para dentro), aquela energia extraordinária que é o desejo, acaba sendo sufocada, porque o "eu", por efeito da dor e do prazer, aprende a controlar, moldar, guiar o desejo; isto é, pela sua própria atividade, a energia se condiciona a si mesma. Observai como êsse processo está realmente operando em vós mesmos, pois, observando-o, percebereis ràpidamente o seu significado. Quando o pensamento diz: "Preciso reprimir, moldar, disciplinar o desejo, canalizar a energia, a fim de torná-la eficiente, moral, socialmente respeitável, etc. — nesse mesmo processo a energia é diminuída e destruída; e nós necessitamos de uma espantosa soma de energia livre, energia não disciplinada, para descobrirmos o que é verdadeiro, o que é Deus. Releva, pois, não o reprimir, sublimar ou controlar o desejo, mas, sim, que êsse movimento "para dentro" e "para fora" do desejo finde totalmente.

Está parecendo muito difícil isso, senhores? Não o creio difícil. Como sabeis, a nossa mente quer exemplos, pormenores, aplicações práticas; isso, porém, não é de importância primordial. De primordial importância é que se compreenda por inteiro êsse "processo", depois do que se poderá atender aos pormenores. Tratemos, pois, de examinar essa coisa no seu todo, sem indagarmos como torná-la eficaz. Uma vez compreendido o significado dêsse extraordinário fenômeno, dêsse movimento "para fora" e "para dentro" do desejo, que é energia, vereis como essa própria compreensão traz sua ação peculiar, muito mais eficaz do que a nossa "eficácia" atual.

Que estamos fazendo, presentemente? Há uma energia, dirigida para fora, a qual é desejo, pensamento; e no seu movimento para o exterior, essa energia é obstada: daí resulta frustração, dor, sofrimento. Por conseguinte, o desejo se recolhe e busca interiormente um estado em que não haja dor, um permanente estado de paz. Essa introversão da mente em busca de um estado em que não seja perturbada, em que se sinta em paz e segurança, é uma simples reação; e, destarte, criam-se os opostos. Vendo-se frustrado no seu movimento para fora, o desejo volta-se para dentro e põe assim em ação o processo dual do exterior e do interior, ou seja o conflito da dualidade.

Ora, não deve cessar êsse movimento do desejo, de dentro para fora e de fora para dentro, para essa energia ser libertada numa direção completamente diversa? Entendeis esta pergunta, senhores? Eu tenho um desejo, e êsse desejo é frustrado pela sociedade e pelas próprias sanções morais; frustrando-se

o desejo, há mêdo, há dor, sofrimento e êle busca, então, interiormente, um estado livre de sofrimento, um estado de paz, de permanente tranqüilidade, etc. Primeiro, êsse movimento se dirigiu para fora; agora, está a recolher-se, para dentro; mas, sem embargo, é o mesmo movimento do desejo. Êsse movimento é o "eu", o "ego"; e sendo, pois, um movimento egocêntrico, a sua energia está a diminuir gradativamente. O desejo, em vez de libertar energia, como um rio, em vez de criar uma vitalidade inaudita, uma completa ausência de contrôle, o desejo, pela sua própria autodisciplina, destrói a energia, sendo isso o que está acontecendo, no mundo, com a maioria das pessoas. Necessita-se, todavia, de completo abandono de todo contrôle, necessita-se de uma portentosa energia, de tôda atenção, para se descobrir o que é a verdade, o que é Deus.

Nosso problema, pois, não é de como ser livre do desejo, ou como reprimi-lo ou sublimá-lo, mas, sim, de compreender êsse movimento do desejo "de dentro para fora" e "de fora para dentro", criador da sua própria disciplina, uma disciplina limitativa, representada pelas sanções individuais e sociais, e dessa maneira se destrói, a pouco e pouco, aquela extraordinária energia. É isto que está acontecendo em nossa vida de cada dia, não é exato? Estendo amigàvelmente a mão a alguém, e êle a fere; mas, como tenho ideais, não ataco êsse homem, e recolho a mão, e começo a cultivar a compaixão, a bondade, a benevolência. A energia, por conseguinte, não foi libertada e está sendo dissipada num conflito interior.

Nosso problema, por conseguinte, é de como criar um estado de energia completamente imóvel, de modo que essa energia possa ser empregada, pela realidade, em qualquer direção desejada. Atualmente só conhecemos êsse movimento do desejo, dirigido ora para o exterior, ora para o interior, que tem produzido sofrimentos e malefícios de tôda ordem, alegrias passageiras, e uma civilização baseada na busca da segurança; e quer o desejo esteja dirigido para o interior, quer para o exterior, o movimento é o mesmo. Ora, êsse movimento de dentro para fora e de fora para dentro pode terminar? Tende a bondade de escutar. A mente não pode fazê-lo terminar, pois todo esfôrço, por parte da mente, para pôr fim a êsse movimento, é sempre o mesmo desejo a mover-se noutra direção, e, conseqüentemente, uma dissipação de energia. A mente, portanto, caiu num círculo vicioso. Mas, se essa energia que está perenemente a dirigir-se para o exterior ou a recolher-se no interior, puder imobilizar-se, sob nenhuma compulsão, puder ficar quieta, livre de qualquer movimento para o exterior ou para o interior, vereis então que, qual um rio, essa energia cria sua ação própria, porque está livre do "eu". Estando imóvel, a energia percebe o que é a verdade; então, a própria energia é a verdade, e essa verdade cria seu movimento peculiar, que não é movimento para fora nem para dentro.

Se isso tiver sido bem compreendido, então a disciplina terá uma significação de todo diversa; mas, atualmente, a disciplina é mero conflito, ajustamento, e por conseguinte está destruindo a energia. Vêde o que aconteceu a quase todos nós. A tal ponto nos

temos ajustado, que já não nos resta nenhuma energia criadora, nenhuma iniciativa; e só o homem que tem essa energia criadora, essa descomunal iniciativa, só tal homem descobre o que é a verdade; e não aquêle que ajusta, disciplina e amolda os seus desejos.

O que estou expondo é um fato e não uma teoria ou mera idéia, e se escutardes o fato, o perceberdes tal como é, sem formardes nenhum juízo ou conclusão, sem nenhuma intenção de resistência, então o fato operará por si mesmo, e isso é a verdadeira revolução. A revolução promovida por uma mente de um Marx, um Sankara ou um Buda, não é revolução, absolutamente. Só há revolução quando aquêle movimento de vaivém, do desejo, terminou, sem o emprêgo de compulsão. Qualquer forma de compulsão, qualquer esfôrço da mente para moldar e orientar o desejo numa certa direção, faz ainda parte do mesmo movimento. Só quando cessa o movimento, apresenta-se uma tranqüilidade cheia de riqueza, plenitude, vitalidade, e, nessa placidez, há abundância de energia e não diminuição da energia. Porque o que está imóvel é o real, e o real produz sua ação própria, sua atividade própria.

Nessas condições, o importante não é reprimir o desejo; mas não pergunteis imediatamente: "posso então fazer o que entender?" Experimentai fazer o que entenderdes, para verdes como isso é difícil. Vossos pais, vossos avós, vossos vizinhos, vossa religião, vossa sociedade, todos estão a dizer-vos "fazei isto", "não façais aquilo", e, portanto, a vossa mente já está condicionada; e todo movimento da mente con-

dicionada, seja "para fora", seja "para dentro", faz sempre parte do seu condicionamento. Só quando cessa o movimento — mas não à fôrça de disciplina ou dos decretos da sociedade — só então há liberdade. A liberdade não é uma reação, não significa estar livre *de uma coisa;* a liberdade é um "estado de ser" e só nesse estado aquela energia é livre para criar.

Isto é muito simples de compreender, não requerendo muita preparação mental, nem a leitura de livros de filosofia; e se o apreenderdes realmente, vereis entrar em vigor, em vossa vida, uma ação de qualidade completamente diferente. Então, não há mais conflito, e onde não há conflito há mais energia, maior vitalidade. Na mente que está livre dêsse movimento "para fora" e "para dentro", há uma atenção imensa, não fixada em ponto algum. A atenção dirigida para um ponto não é atenção, é concentração; mas a atenção sem ponto fixo é percebimento total, e nesse estado a mente é criadora, está desperta. E, para encontrar o real, a mente necessita dessa energia criadora, a qual, com efeito, é a capacidade de dar atenção completa, desacompanhada de qualquer incentivo. Nossa atenção, atualmente, é sempre movida por um incentivo, um "motivo", e nisso há temor, conflito, tensão e, conseqüentemente, dissipação da energia.

PERGUNTA: *Tende a bondade de dizer-nos claramente quem sois e com que autoridade falais. Vossa presença e vossas palavras me embriagam. A embriaguez, sob qualquer forma, não é coisa má?*

KRISHNAMURTI: Ora, senhor, não é muito importante saber quem é o orador, nem com que autoridade está falando. Não há autoridade nenhuma; êle está meramente a explicar o fato, tal qual. Não vos está dando nenhum sistema de filosofia, nenhum método de meditação, nenhuma panacéia, mas, sim, tão-sòmente, expondo um fato, porque o fato é a verdade. Nossa mente, em geral, é incapaz de olhar os fatos sem os desfigurar; entretanto, a mente que é capaz de considerar um fato, sem ter um juízo, uma conclusão, essa mente está livre, e a mente livre é sua própria autoridade. Isso não significa devais obedecer-lhe, segui-la ou deixar-vos embriagar por ela; pelo contrário, não deveis seguir, não deveis embriagar-vos, porque, nesse caso, tanto vale tomar uma bebida. Só a mente preguiçosa se embriaga com tanta facilidade, por ação de um ritual, de um discurso, ou de uma pessoa "autorizada".

"A embriaguez, sob qualquer forma, não é coisa má?" É, decerto. Mas por que razão olhamos as coisas sempre com essas limitações de "bom" e "mau"? O que é importante é perceber que a embriaguez, sob qualquer forma, desfigura-nos o pensar, seja a embriaguez provocada por um Hitler ou outro, seja a embriaguez de uma Utopia nos moldes comunistas, ou a embriaguez do álcool. E se escutais essa verdade, sem a deixardes operar, ela vos envenenará. Tende a bondade de seguir o que estou dizendo. Se escutardes e verdes por vós mesmos a verdade, mas não lhe derdes liberdade para operar, êsse próprio percebimento irá então gerar o veneno do conflito, que causará a vossa destruição. Isto é, se perceberdes a

verdade e fizerdes outra coisa, essa contradição será um veneno que destruirá tôda a vossa energia. Eis porque, senhores, seria muito melhor não virdes a estas reuniões, se desejais continuar como sois. É bom estar-se livre da aflição do conflito, da contradição, da dor, do sofrimento; mas, para terdes aquêle outro bem, aquela tranqüilidade em que não existe conflito, tendes de deixar a verdade atuar, pois não sois vós que deveis atuar sôbre a verdade. O seguir outra pessoa, o deixar-se mesmerizar por palavras, por livros, por uma personalidade forte, cria conflito e dissipa aquela energia extraordinária, indispensável para se descobrir o que é a verdade. O que importa é descobrir o que é a verdade e deixá-la produzir sua ação própria.

PERGUNTA: *Que é êsse autoconhecimento que preconizais e como posso adquiri-lo? Qual é o ponto de partida?*

KRISHNAMURTI: Agora, mais uma vez, tende a bondade de escutar atentamente, pois tendes idéias extravagantes a respeito do autoconhecimento: que para terdes autoconhecimento precisais exercitar-vos, meditar, fazer tôda sorte de coisas. É muito simples, senhor. No autoconhecimento o primeiro passo é o último passo, o comêço é o fim. O primeiro passo tem tôda a importância, pois o autoconhecimento não é uma coisa que se possa aprender de outra pessoa. Ninguém pode ensinar-vos "autoconhecimento": vós tendes de descobri-lo sòzinho; tem de ser um desco-

brimento feito por vós mesmo, e êsse descobrimento não é nada de tremendo, de fantástico; é uma coisa muito simples. Afinal de contas, conhecer a vós mesmo é observar o vosso próprio comportamento, as palavras que usais, as ações que praticais, em vossas relações diárias — e só. Começai por aí, e vereis como é extraordinàriamente difícil estar vigilante, observar as vossas maneiras de proceder, as palavras que usais com vosso criado, com vosso patrão, as vossas atitudes com relação a pessoas, idéias e coisas. Procurai observar os vossos pensamentos, os vossos "motivos" no espelho das relações e vereis que, no mesmo instante em que os observais, quereis corrigi-los, dizendo: "isto é bom, isto é mau, devo fazer isto, não devo fazer aquilo". Ao vos mirardes no espelho das relações, vossa atitude é de condenação ou de justificação, e, dêsse modo, desfigurais o que vêdes. Mas se observardes com simplicidade, naquele espelho, a vossa atitude com relação a pessoas, idéias e coisas, se encarardes o fato simplesmente, sem julgamento, sem condenação ou aceitação, verificareis que essa mesma percepção tem ação própria. Tal é o comêço do autoconhecimento.

Observar a vós mesmo, observar o que fazeis, o que pensais, observar os vossos "motivos" e incentivos, isso é coisa dificílima, já que a vossa formação está tôda baseada na condenação, no julgamento e na avaliação; fôstes educados pelo princípio do "fazei isto e não façais aquilo". Se fordes, porém, capaz de olhar-vos no espelho ds relações, sem criardes o "oposto", vereis então que o autoconhecimento não tem fim.

A busca do autoconhecimento é um movimento para fora que, posteriormente, se volta para dentro; olhamos primeiramente as estrêlas e, depois, para dentro de nós mesmos. Pela mesma maneira buscamos a realidade, Deus, a segurança, a felicidade, no mundo objetivo, e, não os achando lá, voltamo-nos para dentro. Essa busca do deus interior, do "eu" superior (ou como quiserdes chamá-lo) cessa completamente com o autoconhecimento e a mente se torna então muito quieta, não à fôrça de disciplina, mas por ação da compreensão, da vigilância, do percebimento de si mesma, sem escolha, em cada minuto que passa. Não digais: "Preciso estar vigilante cada minuto", já que isso é apenas uma outra manifestação de nosso insensato desejo de chegar a alguma parte, de alcançar um determinado estado. Releva estardes cônscio de vós mesmo, e continuardes cônscio, sem acumular, pois no mesmo instante em que acumulais está criado o centro de onde julgais. O autoconhecimento não é processo de acumulação; é um processo de descobrimento, momento por momento, na vida de relação.

PERGUNTA: *Estou velho e não escaparei por muito tempo mais da iminente aproximação da morte. Como enfrentar a morte sem mêdo?*

KRISHNAMURTI: Êste — parece-me — não é um problema que interessa só aos velhos, e sim um problema que interessa a todos nós. Ora, que é a morte e porque há mêdo da morte? Êste mêdo existe, ou por

causa do desconhecido de amanhã, ou porque a morte significa que temos de abandonar o conhecido. Compreendeis? Ou temos mêdo do futuro desconhecido, do que existe além, ou temos mêdo de perder o conhecido, que é "minha família", "minha virtude", "minha conta corrente do banco", "meus amigos", de perder tôdas as coisas que juntamos, prezamos e a que estamos apegados. Tudo isso é o conhecido, e temos mêdo de abandoná-lo; ou temos mêdo de algo desconhecido que existe além. Tal é o fato.

Pois bem. Desejamos, sempre, saber o que acontece depois da morte, se há sobrevivência ou aniquilamento. Tal pergunta me parece incorreta. A pergunta correta é sôbre se é possível conhecermos a morte enquanto vivos, entrarmos na mansão da morte conscientemente, enquanto estamos cheios de vitalidade, em pleno gôzo da saúde e não quando já insensibilizados pela doença, ou quando vamos perdendo a lucidez, no inevitável processo da velhice. Pode-se saber agora o que é a morte, enquanto estamos vivos, conscientes, enquanto temos vitalidade, energia, enquanto não temos uma doença arrasadora? Esta é a questão, senhores; porque, quando soubermos o que é a morte, não haverá mais mêdo à morte, e tôdas as teorias, crenças, esperanças e temores se reduzirão a nada. Examinemos, pois, juntos, esta questão, vós e eu. Não vamos indagar como será a vida no futuro desconhecido, se continuaremos a existir depois da morte, ou como nos separarmos do conhecido, mas, sim, se é possível conhecermos a morte enquanto vivos, entrarmos na mansão da morte em plena consciência, com pleno percebimento. Esta é

a questão, e ela é extraordinàriamente importante, não achais?

O homem velho, carregado de anos, e o homem moço que se tornará velho, ambos terão o mesmo fim, e podem êles saber agora o que significa a morte? Fazei-vos esta pergunta, senhor. Eu vo-la estou fazendo; fazei-a também vós mesmos; porque se vo-lo perguntardes com vigor, com atenção, com vivo interêsse, achareis a resposta.

Que significa a morte? Tende a bondade de escutar. Que significa a morte? Ela não significa o desconhecido, mas o têrmos de deixar definitivamente o conhecido, sendo o conhecido os milhares de dias passados, com tôdas as suas lembranças, experiências, conhecimentos, alegrias e dores. Deixar tudo isso significa "ficar só", completamente só — o que não é o mesmo que a solidão com seus temores e sua fealdade, mas sim um estado de completa dissociação do passado. Êsse estado de desprendimento é a morte, que tememos. Temos mêdo de desprender-nos do conhecimento, de nossas famílias, nossos amigos, de tôdas as coisas que nos são úteis. Mas "estar só" não é mero isolamento, e sim um estado extraordinàriamente rico, um estado de incorruptibilidade, porque "estar so" significa o abandono de todo conhecimento, tôda experiência, sendo a experiência uma forma de continuidade por meio da memória.

Escutai, senhores, mas não digais "Eu devo estar só e como posso pôr-me nesse estado?". É a mente insensata, a mente preguiçosa que pergunta "como?". Entretanto, a mente que está deveras atenta ao que se está dizendo, que se não deixa mesmerizar por pa-

lavras, achar-se-á naquele estado em que a mente não mais está contaminada pelo passado nem pelos decretos e compulsões da sociedade. Acha-se a mente, então, num estado de completa pureza, fresca, nova, e só assim a mente não teme a morte.

Se escutastes tudo isso realmente, vereis que, singelamente e sem problema de espécie alguma, vem um despertar e, observareis então, vossa mente é purificada pelo extraordinário milagre que se opera quando escutamos uma coisa que é um fato. Escutando o fato, sem resistência, tereis uma mente nova, mente não mais enredada nas conclusões do passado, e só essa mente é sem temor. Estando *só*, essa mente é o eterno, o real, porque a verdade está *só*, a cada momento. A verdade não é contínua. No momento em que pensamos em têrmos de continuidade começa a acumulação de fatos. Só a mente que está fresca, purificada, *sòzinha*, pode ver a verdade, e essa mente se acha num estado de descobrimento, constantemente renovado, da verdade.

20 de fevereiro de 1955.

TERCEIRA CONFERÊNCIA DE BOMBAIM

UM DOS nossos problemas fundamentais alude à escolha entre "o bom" e "o mau". Escolha significa conflito, e o conflito, sem dúvida, é um elemento destrutivo, desperdício de energia. Conhecemos êsse conflito existente em nossa vida de cada dia, essa luta incessante para conservar "o bom" e evitar "o mau"; e a mim me parece não só ser êsse conflito uma dissipação de energia, mas também que a própria luta de escolher e conservar "o bom" destrói o impulso criador. E é possível não escolhermos e ficarmos, assim, livres de conflito, mas conservando sempre "o bom"?

Não sei se já pensastes neste problema alguma vez. Quase todos andamos às voltas com o conflito criado pela escolha entre "o bom" e "o mau", mas se qualquer de nós estiver alertado e vigilante para o problema, poderá observar ser êste conflito um contínuo desperdício de energia; e, decerto, necessita-se de uma grande abundância de energia, para se descobrir o que é a verdade. A tentativa de conservar "o bom", por meio de esfôrço, de luta, pela escolha, essa tentativa dissipa, invariàvelmente, a energia, e "o bom" se torna então uma ação estéril, não cria-

dora, uma reação ao "mau", ou seja uma forma de frustração.

Vemos, pois, que o conflito entre "o bom" e "o mau" é destrutivo, causador de degeneração, como o são todos os conflitos; e é possível não têrmos mais o conflito entre "o bom" e "o mau", e conservarmos sempre "o bom", sem intromissão do elemento escolha? Esta é, com efeito, uma questão importantíssima, pois a conservação do "bom", com abstenção de escolha, faculta a plenitude da energia, e só nesta plenitude pode a mente estar tranqüila. Isto é, para têrmos a mente quieta, imóvel, necessitamos de uma grande abundância de energia e essa energia imensa não pode ser gerada enquanto houver dissipação de energia em conflitos de qualquer ordem. Qualquer forma de escolha é conflito, e é possível vivermos uma vida em que não haja escolha, em circunstância alguma?

Ora bem, como é que se pode conservar "o bom", sem conflito? É provável jamais tenhais feito esta pergunta a vós mesmos, porque já estais habituados com a luta incessante entre o "mau" e "o bom". Tôda a vossa perspectiva das coisas, a vossa carreira na vida, a vossa estrutura social e religiosa, tudo isso vos condiciona a mente para a escolha entre "o bom" e "o mau"; e é possível não têrmos nunca esta luta, mas, ao mesmo tempo, conservarmos o que é bom?

Entendeis a pergunta? Quase todos nós estamos habituados aos conflitos, e, òbviamente, todo conflito é desperdício de energia. Necessita-se de uma energia colossal para que a mente possa imobilizar-se, e só a mente que está imóvel pode descobrir o que é a ver-

dade, o eterno, a suprema realidade. A tranqüilidade, a imobilidade da mente não resulta de exercícios, de escolha, de luta visando a um resultado; mas tôda a nossa existência, da infância até à morte, é uma batalha constante entre "o bom" e "o mau", entre *o que é* e *o que deveria ser*. Nossa vida é um esfôrço incessante, empregado em "vir a ser alguma coisa"; e é possível à mente existir sem êsse conflito? Esta — parece-me — é uma pergunta importante que devemos fazer a nós mesmos: não *como* obter e conservar "o bom", mas se é possível conservar "o bom" e ao mesmo tempo estar livre do conflito dos opostos. Isso só é possível ao compreendermos que coisa extraordinàriamente destrutiva é o conflito, não só o conflito interior, senão também o exterior. Afinal de contas, o conflito exterior é uma "projeção" do conflito interior. Todavia, não percebemos a falsidade do conflito. Aceitamos o conflito como uma coisa que faz parte da nossa vida e, por várias razões, acreditamos ser êle necessário — necessário ao progresso, à investigação, a tôda e qualquer realização; estamos habituados com êle, e estamos condicionados para pensar de tal maneira.

Ora, é possível ação sem conflito de espécie alguma? Sem dúvida, tal ação só é possível quando amamos aquilo que fazemos; mas em nossos corações não temos amor a coisa alguma, e, por isso, a nossa ação é êsse incessante processo de conflito. Não sei se já notastes que, quando gostais de fazer certa coisa, não há conflito nenhum, a ação está completamente livre de elementos contraditórios; pode haver várias formas de obstrução, mas aquela ação anula tôda obstrução.

É possível, pois, amarmos "o bom", e não têrmos êsse incessante conflito entre "o bom" e "o mau"? Notai: Não há método nenhum para isso. No momento em que temos um método, êsse próprio método passa a ser um processo de luta pela obtenção de um resultado. O mais importante é dar à mente a possibilidade de estar suficientemente quieta, para ser capaz de receber o que é verdadeiro. Ora bem. Afirmo que tôda espécie de luta é destrutiva, que no conflito não há amor e que, quando amamos completamente uma coisa, cessa todo conflito. Escutai, só isso, vêde o fato como é, sem o aceitardes nem rejeitardes; deixai vossa mente investigá-lo, perceber a verdade que êle encerra, sem esfôrço, sem resistência. Vereis, então, que a conservação do "bom" não é uma coisa tão extraordinária, e que é possível amar e conservar "o bom" sem conflito; e isso implica atenção. Quando amais uma coisa ou uma pessoa, sois todo atenção, e essa atenção é que encerra a qualidade de "bom".

O desejo é energia, e quando o consideramos como coisa má, que é necessário reprimir, controlar, moldar de acôrdo com as sanções da religião e da sociedade, o desejo se torna destrutivo — o que não significa devamos ceder a tôda e qualquer forma de desejo. O mero contrôle do desejo, sem se compreender todo o processo do desejo, destrói aquela energia extraordinária que é indispensável para se encontrar o eterno. Na energia criadora está contida uma vida repleta do "bom", uma vida de onde não está ausente o eterno; tal vida, porém, só é possível quando compreendemos, por inteiro, o processo do conflito.

Existe conflito enquanto existe o "movimento para fora", do desejo, que, encontrando frustração, se recolhe. Êsse movimento, com sua frustração e recolhimento, põe em ação o conflito entre "o bom" e "o mau", e, enquanto prosseguir êsse movimento, não haverá "o bom". "O bom" só pode tornar-se existente quando a mente está de fato muito tranqüila, e só pode vir essa tranqüilidade havendo abundância de energia. Eis porque é tão importante a questão da disciplina.

Servimo-nos da disciplina como meio de alcançar um resultado. Psicològicamente, interiormente, disciplinamo-nos, a fim de conservarmos o que é bom, e a disciplina, em si, é um processo de conflito. E' o conflito entre um desejo que está oposto a outro desejo, e êsse conflito do desejo é dissipação de energia. Nessas condições, pode a mente investigar, examinar e perceber a verdade de tudo isso, e deixar então a verdade atuar, sem querer pegar a verdade ou sôbre ela atuar? Êsse processo, no seu todo, é que constitui a meditação.

Senhores, por que razão fazemos perguntas? E' para têrmos uma resposta, uma solução do problema, ou é para investigarmos o problema? Se a mente está apenas interessada na resposta, na busca de uma solução para o problema, ela, a mente, está limitada e portanto incapacitada para investigar o problema. Ao considerarmos estas perguntas só nos interessará a investigação de cada problema, pois nesta própria investigação o problema se soluciona por si. Não há necessidade de buscar a solução de um problema, pois

no próprio processo de investigar, explorar o problema, se acha a solução. E é isto o que vamos fazer: explorar, investigar o problema, juntos. Mas, para ser capaz de explorar qualquer problema, tem a mente de estar livre de conclusões, não pode estar acorrentada a nenhuma forma de experiência ou de crença. E quando livre de conclusões, de experiências, quando já não está acorrentada a uma crença, tem a mente então algum problema? E' só a mente que está apegada a uma crença, que tem uma conclusão, que busca o contacto com a vida através de uma série de experiências que são as reações de determinado condicionamento — só essa mente cria problemas. Entretanto, se a mente está cônscia de como se criam os problemas e é capaz de explorar, investigar um problema, sem estar armada de uma conclusão e sem estar em busca de solução, nesse caso, com tôda a certeza, o problema desaparece.

PERGUNTA: *Dizeis que para se ser criador há necessidade de um estado de completo abandono e, no entanto, a austeridade é também necessária. Podem as duas coisas existir juntas?*

KRISHNAMURTI: Senhor, que é a beleza e como nasce o estado de beleza criadora? Òbviamente, é necessária a existência do amor. E o amor significa abandono completo, não é verdade? Não o estado de abandono criado pelo desejo, mas aquêle abandono sem restrições, sem esperança de resultados, em que, por conseguinte, não há mêdo. Só pode haver êsse abandono completo quando não existe o "eu", o "ego";

e quando já não existe "eu", não há, no estado de abandono, austeridade, simplicidade?

Para a maioria das pessoas, austeridade significa a destruição de tudo o que é belo ao redor delas. Exteriormente, essas pessoas rejeitam tôdas as coisas mundanas e só possuem umas poucas coisas, mas interiormente não são elas simples, absolutamente; pelo contrário, são extraordinàriamente complexas, consumidas de desejos, ansiando por um certo resultado. Isto, por certo, não é austeridade. Ora, senhor, ser austero não significa negar o desejo. Tende a bondade de escutar. Só há estado de abandono quando não existe "eu", mas o "eu" não pode ser destruído pelo simples expediente de reprimir o desejo. Afinal de contas, o desejo é energia, e se fôsse destruído o desejo, nada mais seria possível. Necessitamos de uma energia extraordinária para que a mente tenha a possibilidade de estar quieta e de descobrir o que é Deus, o que é a verdade, e se aquela energia está sendo controlada, moldada, pelo mêdo, por influência de um condicionamento qualquer, ela não pode fluir "com abandono", não pode ser livre; e, no entanto, essa energia, quando livre, criará sua peculiar austeridade.

É êsse estado de abandono, com austeridade, que leva à beleza, e êsse estado é amor. Se não temos amor, como podemos apreciar a beleza ou criar o que é belo? Mas, não pode haver amor enquanto não houver aquêle abandono, que só se tornará existente quando não mais existir o "eu", o "ego". Está visto, pois, que êsse estado criador só pode surgir ao existir

amor, "abandono" e austeridade; mas a mera austeridade sem abandono, sem amor, nada significa.

O problema, por conseguinte, não é de como ser austero, de como abandonar ou expulsar o "eu", mas, sim, de investigar o que é que se entende por amor. Como sabeis, dividimos o amor em coisa divina e coisa terrena, e criamos assim uma batalha entre as solicitações da carne e a ânsia do divino, entre o amor virtuoso e o amor físico. Mas é possível amar, não sentimental ou fisicamente, mas amar com aquela bondade e aquêle perfume do amor no nosso coração, esvaziado de tôdas as coisas da mente? Ora, por certo, isto só é possível quando entregamos completamente o nosso coração a uma coisa; não há então conflito: há abandono, e êsse estado de abandono cria sua peculiar austeridade, assim como um rio cria os barrancos que o contêm.

Mas a respeitabilidade que a sociedade confere nada tem que ver com êsse austero estado de abandono. O que a sociedade exige é respeitabilidade, contrôle, mediocridade; a mente medíocre, porém, não pode "abandonar-se"; ela não é nem ardente nem fria; é cheia de temores, apreensões e, por conseguinte, não pode de modo nenhum conhecer o que é o amor. Os mais de nós nos deixamos meramente controlar pelas sanções da sociedade, pela moralidade social que diz "Isto é bom e aquilo é mau"; estamos apanhados no meio do conflito entre *o que é* e *o que deveria ser*, e tal é a razão por que já não sabemos amar. Somos simples máquinas imitativas e, assim sendo, não podemos conhecer aquêle estado de abandono em que existe austeridade e que é o único estado

criador. Não podeis achar Deus, a verdade, sem aquêle total abandono, sem estardes livres de tôdas as crenças, todos os dogmas e temores — e isso significa abrir o coração de par em par e não o deixar encher-se com as coisas da mente. Só pode haver bondade, generosidade, quando a mente está quieta; a beleza, essa coisa que realmente é Deus, é amor, é a bondade, só pode tornar-se existente pelo completo abandono do "eu". Mas o "eu" não pode ser abandonado mediante a observância de determinados preceitos, determinadas práticas, nem pela meditação. O "eu" deixará de existir pelo percebimento de sua própria limitação, da falsidade da sua própria existência. Por mais profundo que se torne, por mais que se amplifique, o "eu" é sempre limitado, e enquanto não fôr abandonado, a mente nunca será livre. O simples percebimento dêsse fato é o fim do "eu", e só quando êle finda é possível vir à existência o real.

PERGUNTA: *Falastes há dias sôbre a urgência de atenção total. Tende a bondade de explicar o que entendeis por atenção total.*

KRISHNAMURTI: Não importa saber o que entendo por atenção total: investiguemos juntos esta questão, pois, assim fazendo, talvez possamos descobrir o que é a atenção total.

Que se entende por atenção? Escutais o que estou dizendo e tendes, ao mesmo tempo, outros pensamentos; vossa mente se põe a "viajar" e vós a fazeis voltar, para que escute. Isto é atenção? Tendes vontade de olhar pela janela, porque vos sentis en-

fastiado aqui dentro, e ordenais aos vossos pensamentos que voltem do "alto mar", para escutar. Isto é atenção? Existe atenção quando estais fazendo algum esfôrço para escutar, quando tentais concentrar-vos, a fim de compreender, de descobrir? E' isto o que estais fazendo, não é? Fazeis um esfôrço para escutar, e êsse processo de concentração significa, efetivamente, exclusão; quereis pensar noutras coisas, mas obrigais vossa mente a voltar, porque desejais chegar a uma certa parte, alcançar um certo resultado.

Existe atenção enquanto há algum incentivo? Um colegial presta atenção, quando o professor lho ordena, porque tem o incentivo de passar nos exames. Tal atenção é esfôrço, é concentração, que significa exclusão de qualquer outro pensamento e fixação da mente num determinado pensamento com o fim de alcançar um resultado. Há, pois, um incentivo, um "motivo". Enquanto houver êsse incentivo à obtenção de uma coisa, há atenção? Tal é a concentração que todos conhecemos e na qual, evidentemente, há exclusão, rejeição das demais coisas, a fim de nos concentrarmos num único assunto. Ora, isto não é atenção, é? Se há esfôrço, há atenção? E tem de haver esfôrço, enquanto houver qualquer incentivo.

Ora bem, é possível a atenção sem incentivo, sem "motivo"? Conhecemos a atenção ou a concentração determinada por um motivo; eu quero meditar, quero passar nos exames, quero alcançar uma certa posição e, portanto, excluo tudo o mais, para me concentrar. Se nada rejeito ou excluo, meus pensamentos se dispersam e, assim, para não me dispersar, obrigo-me a concentrar-me, o que é um processo de exclusão.

Isto implica um esfôrço constante, um constante desperdício de energia, porque é resistência; e onde há resistência, há atenção? A atenção, por certo, significa um estado de espírito em que não há resistência alguma. No momento em que criais a resistência, estais apenas a concentrar-vos, que é uma coisa muito diferente da atenção.

Pois bem. Se estais escutando o que se está dizendo, não com o propósito de encontrardes Deus ou de chegardes a alguma parte, ou de alcançardes um resultado, mas sem incentivo algum, de modo que não haja esfôrço de espécie alguma, descobrireis, então, vossa mente estará tão amplamente cônscia, que estareis escutando também as vozes dos corvos, os barulhos dos trens e dos ônibus, os sons mais variados; e esta atenção sem "motivo", sem incentivo, pode tornar-se concentração sem exclusão — que é: olhar, observar, estar atento, sem resistência.

Experimentai e vereis por vós mesmos que, enquanto há mera concentração, tem de haver esfôrço; ainda que a coisa que fazeis vos interesse tanto que estejais completamente absorvido nela, uma tal concentração é "processo" de exclusão e nela há, portanto, resistência. Absorção não é atenção, porque na absorção há exclusão. Concentração não é atenção, pois encerra incentivo, "motivo"; e onde há incentivo, motivo, tem de haver resistência. Mas se escutardes bem isto, que é um fato óbvio, e compreenderdes a sua verdade, vereis que há então atenção sem incentivo, atenção sem ponto fixo; a mente não está resistindo, está aberta de par em par; e essa mente, cheia

de atenção, será capaz de concentrar-se sem resistência.

Senhores, num momento de criação, num momento de grande alegria, não há resistência. Nesse momento de realidade criadora a mente está quieta e atenta de todo, não tem "motivo" algum. A tradução daquilo que ela viu, em palavras, num poema ou outra forma de comunicação, poderá exigir concentração, enfocamento — deixemos de parte a palavra "concentração" — mas êsse enfocamento não é resistência. O que conhecemos é só resistência, o que realmente significa que estamos fazendo coisas que não gostamos de fazer; nosso coração não está na coisa que estamos fazendo e, por isso, a mente tem de inventar "motivos" ou incentivos, a fim de levá-la a cabo. Mas se compreenderdes na íntegra o processo do incentivo, da concentração, do esfôrço, se perceberdes o fato real a que êle se prende, perceberdes como a vossa mente opera, podereis então, também, ver que coisa extraordinária é essa de têrmos atenção sem "motivo', têrmos uma mente completamente desperta, plenamente cônscia, sensível. Só essa mente pode focar-se sem resistência.

PERGUNTA: *Que entendeis por "estar só"?*

KRISHNAMURTI: Investiguemos, senhor. Mas tende a bondade de prestar atenção — atenção não apenas ao que digo, mas ao funcionamento da vossa própria mente. Tomai consciência de vossa própria mente, não com o fim de alterá-la, torná-la mais bela, mais *isto* ou mais *aquilo*; estai simplesmente vigilante,

atento, e nós descobriremos, juntos, o que significa "estar só".

Acho que os mais de nós sabemos o que é a solidão — êsse mêdo extraordinário, essa ansiedade resultante do processo egocêntrico da mente. Nunca tivestes, na vida, o sentimento de completo isolamento? Surge uma certa barreira, um sentimento de destruição, de frustração, ou da cessação de tôdas as relações. Sem dúvida, todos nós já experimentamos essa solidão; e, tendo-a experimentado, a tememos, a evitamos, apelando para as religiões. Tende a bondade de observar as vossas mentes, pois não estais aqui apenas para me escutar. Isto é o que de fato está acontecendo com todos nós, com os entes humanos, em tôda parte. Vendo-nos sòzinhos, queremos ser amados; sentindo-nos solitários, ligamos o rádio, vamos ao cinema, buscamos tôda sorte de distrações, nobres e ignóbeis, religiosas e não religiosas. Tal é a nossa vida. Não queremos fazer frente ao estado de solidão, que é medonho — pelo menos o achamos medonho — e escapamo-nos, pomo-nos em fuga daquela solidão. Buscamos companhias, buscamos amor, tomamos marido ou espôsa, prostramo-nos aos pés de uma autoridade, etc., pomo-nos, de alguma forma, na dependência de outro, apegamo-nos à pessoa de outro, porque então não temos de enfrentar, dentro em nós mesmos, aquêle estado de solidão, aquêle estado de vazio, que tão completamente se cerra em tôrno do "eu". O fato real é êste, quer o admitais, quer não; é o que, psicològicamente, está acontecendo à maioria das pessoas.

Agora, se puderdes enfrentar o vazio, êsse estado de isolamento de tôdas as relações, se puderdes en-

frentá-lo sem fugir, permanecer na sua presença sem mêdo, sem fazer esfôrço algum para preenchê-lo ou alterá-lo, estareis então só, num estado de completo abandono da sociedade; e êsse "estar só" não é fuga à sociedade, mas não necessita de reconhecimento por parte da sociedade. Compreendeis o que isso significa? A sociedade é um "processo" de reconhecimento; eu sou reconhecido como um santo, um escritor, como um homem bom, um homem mau, um capitalista, um comunista, qualquer coisa, enfim. Tornando-se independente de tudo isso, a mente fica completamente *só* — não solitária, porém *só*. Não está mais sendo influenciada pela sociedade — está completamente dissociada de qualquer espécie de reconhecimento, e é capaz, portanto, de "estar só". Ora, é necessário o "estar só", para que a realidade tenha existência na nossa mente. Só a mente que está só, não corrompida, que é pura, embora tenha a experiência de milênios, só essa mente é capaz de perceber o que é Deus, a verdade. E essa possibilidade nos é dada apenas quando enfrentamos a solidão, aquela solidão que achamos em nosso coração e procuramos preencher por todos os meios: pelo suposto amor, pela distração, pela devoção, pelos divertimentos, pelo saber.

Quando, percebendo a futilidade de tudo isso, a mente se deixa ficar em presença dêsse processo, completamente egocêntrico, limitante, vazio, então, êsse próprio vazio lhe dá a oportunidade de "estar só". A mente é então nova, única, pura; só nesse estado a mente é capaz de receber o "eterno".

23 de fevereiro de 1955.

QUARTA CONFERÊNCIA DE BOMBAIM

A GRANDE maioria de nós deve interessar sumamente o problema da ação. Vendo-nos em presença de tantos problemas — pobreza, pletora de população, o extraordinário desenvolvimento da máquina, a industrialização, a decomposição que se observa, tanto interna como externamente — que nos cabe fazer? Qual o dever ou a responsabilidade de um indivíduo, nas suas relações com a sociedade? Isto deve ser um problema para tôda pessoa que reflete; e, quanto mais inteligente, quanto mais enérgica a pessoa, tanto mais deseja lançar-se à atividades de reforma social desta ou daquela natureza. Qual é, pois, a responsabilidade real do indivíduo? Tal pergunta — parece-me — só poderá ser respondida em cheio e de maneira significativa, vital, se compreendermos a verdadeira finalidade da civilização, da cultura.

Afinal de contas, construímos a presente sociedade, ela é o produto de nossas relações individuais; e essa sociedade ajuda fundamentalmente o homem a achar a realidade, Deus (ou o nome que quiserdes)? Ou dá-nos apenas um padrão que determina a espécie de ação que devemos adotar em nossas relações com a sociedade? Se a atual cultura ou civilização não

ajuda o homem a encontrar Deus, a verdade, ela constitui então um obstáculo; e se é um obstáculo, qualquer espécie de reforma, qualquer atividade visando ao seu melhoramento é mais um passo para a deterioração, mais um empecilho ao descobrimento da realidade, e só esta poderá produzir a ação verdadeira.

Acho de muita importância compreender isto, em vez de nos preocuparmos meramente com a espécie de reforma social, a espécie de atividade com que devemos identificar-nos. Positivamente, o problema não é êste. Qualquer de nós pode, com muita facilidade, absorver-se numa dada atividade ou num trabalho de reforma social, e tal atividade é pura e simplesmente uma fuga, uma maneira de esquecermos ou sacrificarmos a nós mesmos por meio da ação; não creio, porém, possa isso resolver os nossos múltiplos problemas. Nossos problemas são muito mais profundos e necessitamos, pois, de uma solução profunda, a qual — parece-me — encontraremos, se investigarmos a questão de se a nossa atual cultura — cultura significando religião, tôda a estrutura social e moral — ajuda o homem a achar a realidade. Se não ajuda, então a simples reforma desta cultura ou civilização é pura perda de tempo; mas, se ela é útil ao homem, no verdadeiro sentido, então todos devemos aplicar-nos de todo o coração a reformá-la. Daí depende, acho eu, o resultado que desejamos.

Quando falamos de cultura, estamo-nos referindo ao problema do pensamento, sob todos os seus aspectos, não é verdade? No nosso caso — da maioria de nós — o pensamento é o resultado de várias formas de condicionamento, educação, conformismo, das

pressões e influências a que cada um está sujeito, dentro da estrutura de uma dada civilização. No presente, o nosso pensamento é moldado pela sociedade, e a menos que seja possível uma revolução no nosso pensar, a mera reforma de uma superficial cultura ou sociedade me parece uma distração, um fator que, no final de tudo, acarretará maiores sofrimentos.

Afinal de contas, o que chamamos civilização é um processo de educar o pensamento pelos moldes hinduístas, cristãos ou comunistas, etc.; e pode o pensamento que assim foi educado promover, em algum tempo, uma revolução fundamental? A coerção, sob qualquer forma, a moldagem do pensamento, pode levar ao descobrimento ou à compreensão daquilo que é a verdade? Não há dúvida de que o pensamento tem de libertar-se de tôda espécie de coerção, o que realmente significa libertar-se da sociedade, de tôda e qualquer influência, para poder descobrir o que é a verdade; então essa verdade trará a ação que lhe é própria e que produzirá uma cultura de ordem completamente diferente.

Isto é, a sociedade existe para a revelação da realidade, ou devemos estar livres da sociedade para encontrarmos a realidade? Se a sociedade existe para ajudar o homem a achar a realidade, qualquer reforma que se opere dentro dela é de essencial importância; mas se a sociedade é um obstáculo àquele descobrimento, não deve então o indivíduo libertar-se da sociedade, para investigar a verdade? Só o indivíduo que assim procede é verdadeiramente religioso, e não aquêle que observa rituais ou estuda a vida através de padrões teológicos; e quando um indivíduo se li-

berta da sociedade para investigar a realidade, não produz com essa própria investigação uma cultura diferente?

Parece-me muito importante esta questão, porquanto os mais de nós só estamos interessados em reformas. Vemos pobreza, superpovoamento, desintegração em todos os sentidos, divisão e conflito; e, diante de tudo isso, que se deve fazer? Devemos começar unindo-nos a um determinado grupo ou trabalhando em prol de alguma ideologia? E' esta a função de um homem religioso? O homem religioso, não há dúvida, é aquêle que busca a realidade, e não aquêle que lê e cita o *Gîta* ou que vai à igreja todos os dias. Isto, òbviamente, não é religião, mas efeito de coerção, do condicionamento do pensar pela sociedade. Que deve então fazer o homem ardoroso, o homem que percebe a necessidade de uma revolução imediata e deseja levá-la a efeito? Deverá êle trabalhar pela reforma da estrutura social? A sociedade é uma prisão, e deverá êle aplicar-se meramente a reformar a prisão, decorar-lhe as grades, empenhar-se para que se façam coisas mais bonitas atrás de suas muralhas? Ora, sem dúvida, o homem que sente um empenho muito sério, o homem verdadeiramente religioso, êsse é o único revolucionário, e nenhum outro; e êsse homem é quem está buscando a realidade, quem está interessado em descobrir o que é Deus ou a verdade.

Ora bem, qual deve ser a ação dêsse homem? Que deve fazer? Deve trabalhar dentro da sociedade presente, ou libertar-se dela e não ter preocupação alguma a seu respeito? Libertar-se não significa tor-

nar-se *sannyasi*, eremita, um homem que se isola por meio de peculiares sugestões hipnóticas. Mas, por outro lado, o homem verdadeiramente ardoroso não pode ser um reformador, pois o mero trabalho de reforma é, para êle, desperdício de energia, de pensamento, de ação criadora. Que deve então fazer o homem ardoroso? Se êle não quer adornar as paredes da prisão, retirar algumas grades, melhorar a iluminação, se nada disso o interessa, e se, ao mesmo tempo, êle percebe a importância de se realizar uma revolução fundamental, uma mudança radical nas relações entre os homens — essas relações que criaram esta horrorosa sociedade em que há gente imensamente rica e gente que nada tem de seu — que lhe cumpre fazer? Parece-me importante que cada um faça a si mesmo esta pergunta.

Afinal de contas, a cultura resulta da ação da verdade, ou a cultura é feita pelo homem? Se ela é feita pelo homem, então, é evidente, não nos levará à verdade. E nossa cultura é feita pelo homem, uma vez que está baseada na ambição sob tôdas as formas — ambição das coisas mundanas ou das coisas ditas espirituais; ela é produto do desejo de posição, sob qualquer forma, desejo de glorificação de si mesmo, etc. Esta cultura, é bem óbvio, não pode levar o homem ao conhecimento daquilo que está acima de tudo; e, se percebo isto, que devo fazer? Que ireis fazer, senhores, se perceberdes realmente que a sociedade é um empecilho? A sociedade não é meramente umas poucas atividades, mas sim a estrutura total das relações humanas, relações em que cessou tôda criação, em que há imitação constante; é uma estrutura de

mêdo, onde a educação é simples ajustamento e onde não existe amor e sim, só, atividades de acôrdo com um padrão que se diz ser amor. Nesta sociedade, os principais fatôres são o reconhecimento e a respeitabilidade, já que é isso, precisamente, o que todos buscamos com afinco — o reconhecimento de nossos méritos. Nossa capacidade, nosso saber, têm de ser reconhecidos pela sociedade, para que sejamos membros importantes dela. Quando um homem ardoroso compreende tudo isso e vê tanta pobreza, tanta miséria e fome, e a fragmentação da mente em várias espécies de crença, que deve fazer?

Ora, se estamos escutando verdeiramente o que se está dizendo, escutando com a intenção de descobrir o que é verdadeiro, de modo que não haja o conflito da vossa opinião contra a minha opinião, do vosso temperamento contra o meu temperamento; se podemos pôr para o lado tudo isso e interessar-nos pelo descobrimento da verdade, que requer amor, creio, então, nesse amor mesmo, nesse sentimento de bondade, encontraremos a verdade que cria uma cultura nova. Então está livre o indivíduo da sociedade, e não tem interêsse em reformar a sociedade. Mas o descobrimento do que é a verdade requer amor, e nossos corações estão vazios, isto é, estão cheios das coisas produzidas pela sociedade. Cheios, que estamos, dessas coisas, só queremos fazer reformas e as nossas reformas não têm o perfume do amor.

Nessas condições, que deve fazer um homem que tem muito empenho? Deve procurar a verdade, Deus (ou o nome que quiserdes) ou deve aplicar-se de

corpo e alma ao melhoramento da sociedade, o qual vem a ser, com efeito, o melhoramento de si mesmo? Compreendeis, senhores? Deve êsse homem investigar o que é a verdade, ou deve melhorar as condições da sociedade, quer dizer, melhorar as suas próprias condições? Deve melhorar a si mesmo em nome da sociedade, ou deve buscar a verdade, em que não há melhoramento nenhum? Melhoramento exige tempo, tempo para "vir a ser", enquanto a verdade nada tem que ver com o tempo, já que deve ser percebida imediatamente.

O problema, pois, é de extraordinária importância, não achais? Podemos falar sôbre reforma da sociedade, mas a reforma é de nós mesmos. E, para o homem que busca o que é real, o que é a verdade, não há reformação do "eu"; pelo contrário, há tão-sòmente a completa cessação do "eu", que é a sociedade, e portanto não lhe interessa, a êsse homem, a reforma da sociedade.

A estrutura da sociedade baseia-se, tôda ela, num processo de reconhecimento e de respeitabilidade; e, positivamente, senhores, um homem sério, ardoroso, não pode empenhar-se na reforma da sociedade, que significa melhoramento de si mesmo. No reformar a sociedade, no identificar-se com uma causa boa, êle poderá pensar que se está sacrificando, mas, sem embargo, está promovendo o melhoramento de si mesmo. Entretanto, para o homem que busca a realidade suprema, que está acima de tudo, para êsse não há melhoramento de si mesmo; para o homem a caminhar nessa direção, não há melhoramento do "eu", não há "vir a ser", não há prática nenhuma,

nenhum pensamento de "eu serei". Significa isso, com efeito, a cessação de tôda coerção do pensamento; e quando não há coerção do pensamento, há pensar? A coerção do pensamento é o próprio processo do pensar, pensar sob a influência de uma dada sociedade, ou pensar em reação a essa sociedade; e se não há tal coerção ou pressão, há pensamento? Só a mente em que não há movimento de pensamento sob pressão da sociedade, só essa mente pode achar a realidade; e na sua busca da realidade suprema, essa mente cria a nova cultura. Isto é que é necessário: fazer nascer uma cultura de ordem completamente diferente, e *não* reformar a sociedade atual. E uma tal cultura não poderá surgir, a não ser que o homem ardoroso esteja empenhado com todo o seu ser, tôda a sua energia, com amor, na busca do real. O real não se pode encontrar em nenhum livro, nem com a ajuda de nenhum guia; êle aparece quando o pensamento se imobilizou, e essa imobilidade não se consegue por meio de disciplina. Vem a imobilidade, a tranqüilidade, quando existe o amor.

Ao considerarmos algumas destas perguntas, parece-me importante experimentemos diretamente o que se está dizendo, o que não é possível quando só nos interessa a resposta à pergunta. Se temos de examinar o problema juntos, não podemos ter opiniões a seu respeito, minha teoria contra vossa teoria, porque teorias e especulações são obstáculos à compreensão de um problema. Se vós e eu, entretanto, pudermos entrar no problema com tôda a calma e vagar, para penetrá-lo profundamente, então é bem possível que o compreendamos. Na realildade, não existe

problema, pois é a mente que cria problemas. Compreendendo o problema, estamos compreendendo a nós mesmos, às operações de nossa própria mente. Afinal de contas, só existe um problema quando alguma questão ou perturbação lançou raízes no solo da mente. Mas não será a mente capaz de encarar com uma questão, de estar claramente consciente de qualquer perturbação, sem deixar essa perturbação aprofundar raízes nela própria? A mente é como uma película sensível: percebe, sente e registra várias modalidades de reação, mas não é possível perceber, sentir, reagir com amor, de modo que a mente não se torne o solo em que a reação possa arraigar-se e tornar-se um problema?

PERGUNTA: *Dissestes que a atenção total é uma coisa boa; que é, então, uma coisa má?*

KRISHNAMURTI: Existirá alguma coisa má? Prestai tôda a atenção, acompanhai-me, investiguemos juntos. Dizemos que existe o bem e o mal. Há inveja e há amor, e dizemos que a inveja é má e o amor, bom. Porque é que dividimos a vida, chamando boa uma coisa e má outra, e criando assim o conflito dos opostos? Não estou dizendo que não existe a inveja, o ódio, a brutalidade, na mente e no coração do homem, falta de compaixão e falta de amor; mas, porque dividimos a vida numa parte que se chama o bem e noutra parte que se chama o mal? O que existe realmente não é um única coisa: a mente que não está vigilante, atenta? Sem dúvida, quando existe atenção completa, isto é, quando a mente é tôda percebimento, vigilância, observação, não existe o mal e o

bem, existe só um estado de alertamento. A bondade, portanto, não é uma qualidade, uma virtude, ela é o "estado de amor". Quando há amor, não há nem o bem nem o mal, há só amor. Quando amais realmente uma pessoa, não estais a pensar no bem ou no mal; o vosso ser está todo repleto dêsse amor. Só quando cessa a atenção completa, o amor, surge o conflito entre o que eu sou e o que deveria ser. Então aquilo que sou é "mau" e o que desejo ser é "bom".

Ora, é possível pensar-se sem ser em têrmos de fragmentação, sem se estar dividindo a vida em bem e mal, sem se estar envolvido em conflito? O conflito do bom e do mau é a luta para "vir a ser alguma coisa". No momento em que a mente deseja vir a ser algo, tem de haver esfôrço, tem de haver o conflito entre os opostos. Isto não é uma teoria. Observai vossa própria mente, para verdes que, no mesmo instante em que a mente deixa de pensar em têrmos de "vir a ser algo", ocorre a cessação da ação. Mas êsse estado não é de estagnação, e sim um estado de atenção total — que é bondade. Mas essa atenção total não é possível enquanto a mente está entregue ao esfôrço de "vir a ser alguma coisa".

Tende a bondade de *escutar,* não só ao que estou dizendo, mas também às operações da vossa própria mente, pois essa *escuta* vos revelará a extraordinária persistência com que o pensamento luta para se tornar alguma coisa, como está êle perenemente a lutar para ser coisa diferente do que é — estado que se chama "descontentamento". Êsse lutar no sentido de "vir a ser alguma coisa" é que é mau, porque êle é uma atenção parcial, não é atenção total. Quando há aten-

ção total, não há pensamento de "vir a ser"; há tão-sòmente um "estado de ser". Todavia, no momento em que perguntais "como hei de chegar a êsse estado de ser, como hei de tornar-me totalmente vigilante?" — nesse momento já enveredastes pelo caminho do "mal", porque desejais alcançar um resultado. Mas se se reconhecer, simplesmente, que quando existe vir a ser, luta, esfôrço para ser alguma coisa, estamos no caminho do mal, se se puder perceber essa verdade, perceber o fato, simplesmente, tal como é, achar-nos-emos, então, no estado de atenção total; e êsse estado é bondade, nêle não existe luta.

PERGUNTA: *As grandes culturas ou civilizações sempre se basearam num padrão, mas falais de uma nova cultura livre de padrão. É possível uma cultura sem padrão?*

KRISHNAMURTI: A mente não precisa estar livre de todos os padrões para achar a realidade? E, estando livre para descobrir o que é real, não criará ela seu padrão peculiar, o qual pode não ser reconhecido pela presente sociedade? Pode a mente aprisionada num padrão, condicionada pela sociedade, descobrir o imensurável, que nenhum padrão tem? Estamos falando esta língua; o inglês é um padrão que se desenvolveu através de séculos. Se existe o impulso da criação, o qual está livre dos padrões, então êsse impulso criador, esta liberdade, poderá servir-se da técnica da linguagem; mas, através da técnica, do padrão da linguagem, nunca será encontrada a realidade. Através da prática, através de uma dada

espécie de meditação, de saber, de qualquer espécie de experiência — coisas essas que estão dentro de um padrão — a mente nunca compreenderá o que é a verdade. Para compreender o que é a verdade, a mente deve libertar-se dos padrões. A mente assim é uma menta tranqüila, e, então, aquilo que é criador pode criar sua própria atividade. Vêde, porém, em geral, jamais nos libertamos dos padrões. Não há nunca um momento em que a mente está completamente livre do mêdo, do conformismo, do hábito de "vir a ser" alguma coisa neste mundo ou no chamado mundo psicológico, espiritual. Quando se detém de todo o processo de vir a ser, em qualquer direção, manifesta-se então aquilo que é Deus, que é a verdade, e cria um novo padrão, uma cultura que lhe é própria.

PERGUNTA: *O problema da mente e o problema social da pobreza e da desigualdade precisam ser estudados e compreendidos, ambos simultâneamente. Porque só dais importância a um dêles?*

KRISHNAMURTI: Eu estou dando importância a um único problema? E existe algum problema social de pobreza e desigualdade, de decomposição e sofrimento, independente do problema da mente? Foi a mente que criou o problema social; e depois de criá-lo, ela quer tentar resolvê-lo, sem alterar a si própria, fundamentalmente. Nosso problema, por conseguinte, é a mente, a mente que quer sentir-se superior e cria, por conseqüência, o problema social da desigualdade; a mente que é ambiciosa de aquisições de tôda ordem, porque se sente protegida pela pro-

priedade, pelas relações, pelas idéias, pelo saber. E' esta exigência constante de segurança que cria a desigualdade, um problema que nunca será resolvido enquanto não compreendermos a mente que cria a diferença, a mente sem amor. A legislação não poderá resolver êste problema ,nem tampouco êle será resolvido pelos comunistas ou pelos socialistas. O problema da desigualdade só poderá ser resolvido quando existir o amor, e o amor não é uma simples palavra que nos serve de joguete. O homem que ama não está interessado a respeito de quem é superior nem de quem é inferior; para êle não existe igualdade nem desigualdade: só há um "estado de ser", que é amor. Nós, porém, não conhecemos êsse estado, nunca o sentimos. Nessas condições, como pode a mente, inteiramente absorvida nas suas atividades e ocupações que tantas misérias já produziram neste mundo, e continuarão produzindo malefícios cada vez piores, espalhando a destruição — como pode essa mente produzir, dentro em si mesma, uma revolução total? O problema, sem dúvida nenhuma, é êste. E não poderemos realizar esta revolução por meio de nenhuma reforma social. Mas, quando a mente perceber, por si mesma, a necessidade desta redenção total, teremos então a revolução.

Senhores, só vivemos falando sôbre a pobreza, a desigualdade e a necessidade de uma reforma, porque os nossos corações estão vazios. Quando existir o amor, não teremos mais problemas. Todavia, o amor não pode ser criado por meio de exercícios ou práticas; êle só aparecerá se deixardes de ser, isto é, se deixardes tôda preocupação a respeito de vós mesmos,

vossa posição, vosso prestígio, vossas ambições e frustrações, se cessardes completamente de pensar só em vós mesmos — não amanhã mas hoje, agora. Esta ocupação consigo mesmo é da mesma qualidade, quer estejamos ocupados com a busca do que chamamos Deus, quer trabalhando em prol de uma revolução social; a mente assim ocupada nunca conhecerá o amor.

PERGUNTA: *Falai-nos de Deus.*

KRISHNAMURTI: Creio preferível, em vez de falar-vos sôbre o que é Deus, verifiquemos se sois capazes de perceber êsse estado extraordinário, não amanhã ou num futuro distante, mas agora mesmo, enquanto estamos aqui reunidos, conversando calmamente. Isto, por certo, é muito mais importante. Mas, para se descobrir o que é Deus, qualquer espécie de crença tem de desaparecer. A mente que deseja descobrir o que é verdadeiro não pode *crer* na verdade, não pode ter teorias ou hipóteses a respeito de Deus. Prestai atenção, por favor. Tendes hipóteses, tendes crenças, dogmas, e estais cheios de especulações; lêstes êste ou aquêle livro a respeito da verdade ou de Deus e vossa mente se acha num extraordinário estado de agitação. A mente que está repleta de saber é uma mente agitada — ela não está quieta e, sim, pejada, carregada de bagagem; seu pesadume não indica que a mente está quieta. Quando está cheia de crença, a crença de que há Deus ou a crença de que não há Deus, a mente está pejada, e uma mente pejada jamais descobrirá o que é verdadeiro. Para descobrir o que é verdadeiro, a mente tem de ser livre,

livre de rituais, livre de crenças e dogmas, livre de saber e experiência. Só aí a mente é capaz de perceber o que é verdadeiro, porque ela está então quieta, não mais em movimento para fora ou em movimento para dentro, que é o movimento do desejo. Pelo contrário, para que a mente esteja tranqüila, necessita-se de uma grande abundância de energia; mas não pode haver a madureza, a plenitude da energia, enquanto existir qualquer forma de movimento para o exterior e conseqüente reação para o interior. Quando todos êstes movimentos se acalmaram, a mente está tranqüila. Não vos estou hipnotizando para pôr-vos em quietação. Tendes de ver, por vós mesmo, a importância de abandonar, de pôr de parte, sem esfôrço, sem resistência, tôdas as acumulações dos séculos, as superstições, os conhecimentos, as crenças; deveis perceber a verdade de que qualquer espécie de carga torna a mente agitada, dispersa a energia. Para que a mente possa estar tranqüila, é necessária grande abundância de energia e essa energia deve achar-se em quietação. E se alcançardes verdadeiramente êsse estado em que não há esfôrço, vereis que a energia deixada tranqüila tem seu movimento próprio, que não resulta de compulsões ou pressões sociais. Já que dispõe de abundante energia, tranqüila e silenciosa, a mente se torna, ela própria, o sublime; não há "experimentador" do sublime, não há entidade que diz "Experimentei a realidade". Enquanto existir um experimentador, não pode existir a realidade, porque o experimentador é o movimento de acumular experiência ou de eliminar experiência; é portanto necessária a cessação completa do experimentador. Escutai

isso, simplesmente, sem fazerdes esfôrço algum; percebei, simplesmente, que o experimentador, que é o movimento mental "para fora" e "para dentro", tem de ter fim. Necessita-se da cessação total dêsses movimentos, o que requer uma energia extraordinária, e não supressão da energia. Quando a mente está completamente tranqüila, quando a energia não é dissipada nem alterada pela disciplina, essa energia é então amor; e então aquilo que é real não está separado da própria energia.

27 de fevereiro de 1955.

QUINTA CONFERÊNCIA DE BOMBAIM

SERÁ interessante, creio, considerarmos a questão do saber, bem como compreender o que é criação; porque, no sentido mais profundo, a criação e o saber estão ìntimamente relacionados. Para a maioria de nós, a palavra "criação" significa muito pouca coisa — pintar um quadro, escrever um poema, gerar filhos, ou apreciar o pôr do sol. Ora, por certo, a criação não é a mera expressão de um sentimento ou de uma técnica. Criação é coisa completamente diferente. E' um estado mental em que o pensamento cessou de todo, estado que pode ser chamado a realidade, Deus, ou como quiserdes; e, — parece-me — êsse estado de criação surge ao compreendermos isso que se chama saber. Tende, pois, a bondade de me acompanhar na investigação do problema.

Aprendemos alguma coisa? E que é que aprendemos? Profundamente, fundamentalmente, existe alguma coisa para aprender? Não achais importante considerar esta questão do ensinar e do aprender? Além de tôda expressão, além de tôda asserção e explicação verbal, além da incansável atividade da mente, existe algo para se saber, para se aprender? E que entendemos por "saber"?

Saber é acumulação de experiência, é habilidade posta em ação. Uma pessoa aprende uma língua, uma arte, uma habilidade, aprende a guiar um carro, desenhar, construir um dínamo, ou pilotar um navio. O saber é também acumulação de conhecimento, conhecimento de várias filosofias, ciências, etc. E há mais alguma coisa para aprender? Pode-se aprender a conhecer a si mesmo? Ou a compreensão, o conhecimento de si mesmo é uma coisa que ocorre momento por momento, e não como resultado de acumulações? Não deve a mente compreender, no seu todo, êsse processo de acumular saber, com sua capacidade imitativa, e transcendê-lo?

Que é que sabemos realmente? O que chamamos saber é a educação que nos foi dada, em diferentes níveis da nossa existência, pela sociedade, pela religião e, com a ajuda dêsse saber, procuramos manter-nos vivos. No processo de nos mantermos vivos, nossas vidas são cheias dos horrores da ambição, da corrupção, da competição, da luta para sermos alguma coisa; há uma batalha constante, um conflito perene dentro em nós mesmos e ao redor de nós. A existência moderna, baseada que está na sobrevivência do indivíduo, na ganância, no ciúme, na violência, na guerra, é uma luta perene, que todos nós conhecemos. Tal é a nossa vida, e aprendemos a conservar-nos vivos dentro dessa civilização de ambição, de crueldade, crença, disputas, e pensamento fragmentário; aprendemos a manobrar através dêste caos, desta desordem. E que foi que aprendemos? Aprendemos várias técnicas, vários modos de expressão. Estamos sempre a acumular e a expressar o que temos acumulado.

Uma pessoa aprende a técnica de pintar ou de construir uma ponte, e dessa fonte de conhecimento vem a expressão. Estamos constantemente a aprender, a acumular conhecimentos e informações. Isto é um fato evidente. E, além dessas coisas, que é que sabemos? Sabemos alguma coisa? Sabemos a distância entre as estrêlas, sabemos construir aeroplanos, dividir o átomo, etc.; mas, afora isso, sabemos alguma coisa? Conhecemos alguma coisa a não ser técnica, artes, fatos, e não deve a mente transcender todo o conhecimento, todo o saber?

Ora bem, se, sem nos deixarmos hipnotizar por palavras, pudermos escutar a descrição daquilo que está atrás dessa luta extraordinária pela aquisição de saber, de cultura, e fizermos terminar essa luta, creio se apresentará, então, um estado completamente diferente e descobriremos o que é a verdadeira criação. Temos adquirido muitas variedades de técnica, estamos familiarizados com o complexo mecanismo do viver, do sobreviver, e podemos ter estudado filosofias várias e ser capazes de sustentar controvérsias acadêmicas com homens eruditos; mas, enquanto nos limitarmos a praticar uma técnica ou a viver segundo uma dada filosofia, estaremos vivendo de acôrdo com um padrão e, portanto, não pode deixar de haver imitação, cópia. E é possível experimentar-se aquêle estado em que não há cópia, imitação? Por certo, temos de começar por investigar o que é que sabemos.

Já considerastes alguma vez o que são essas coisas que sabeis? Podeis ser acadêmicos, pessoas muito inteligentes e lidas e estudadas, e ter também sofrido nas batalhas da vida; mas, que é que sabeis? Sabeis

de fato algo? Sabeis como garantir vossa subsistência, desempenhar uma dada função, conheceis uma certa técnica, e adquiristes a habilidade que a experiência proporciona. Mas, além disso, sabeis alguma coisa? Pode a mente fazer esta pergunta e ficar-se com ela, sem tentar justificar-se ou responder à pergunta? Porque, no momento em que tendes explicações, no momento em que respondeis à pergunta, já estais dentro do terreno do conhecido. Não é importante, pois, que a mente investigue e permaneça nesse estado de investigação, que não significa buscar uma resposta, mas simplesmente ver se sabeis alguma coisa, além dos conhecimentos já acumulados? Espero que me esteja fazendo claro.

Tudo o que aprendemos e tudo o que sabemos é acumulação. E' a memória cumulativa que opera, e isso significa imitação. Mas é possível acharmos um "estado de ser" em que todo o saber haja cessado completamente e só exista êsse "estado de ser"? Parece-me importante averiguarmos isso, pois costumamos apreciar a existência, não com o desconhecido, mas sempre com o conhecido. Traduzimos tôdas as experiências em têrmos relativos ao conhecido, em têrmos do passado e, por esta razão, o viver se torna uma série de reações baseadas no conhecimento; e como o conhecido é mera imitação, mera cópia, as nossas vidas se tornam muito insípidas e vazias.

Ora, é possível, à mente, viver num estado de "não saber"? Afinal, que é que sabemos? Tudo o que sabemos se baseia na experiência, na acomodação, no mêdo; sabemos para podermos manter-nos vivos, e, com a mesma mentalidade, queremos aproximar-

nos da realidade, de Deus, etc. E pode a mente ficar totalmente livre do conhecido?

Senhores, não vos parece ser esta uma pergunta importante que devemos fazer a nós mesmos? Pois estamos sempre satisfeitos com o conhecido; mas, se arranhamos a crosta do conhecido, não encontramos nada, depara-se-nos o vazio, o vácuo. E, por certo, é muito importante saiba a mente viver de modo integral dentro dêsse vazio, dêsse silêncio e, lá, pensar e expressar-se, fomentar o pensamento e conseqüentemente a ação. Eis porque devemos compreender o que significa "aprender". Além de um certo limite, nada mais podemos aprender, pois nada há que aprender, não há instrutor que possa ensinar-nos. E a êsse ponto temos de chegar — o que significa, realmente, ser completamente livre de todo desejo de nos tornarmos alguma coisa, todo desejo de mais. Só quando a mente se acha nesse estado de vazio em que não há conhecimento, em que não há mais o experimentador, aprendendo, acumulando — só então existe aquêle esfôrço criador, podendo expressar-se através de vários talentos e artes, sem causar mais sofrimentos.

O que estou dizendo não é difícil. O difícil é fazermos a pergunta e persistirmos em fazê-la. Se esperais uma resposta à pergunta, não estais absolutamente interessado na questão.

Está visto, pois, que devemos chegar àquele ponto em que nada há para aprender, porque lá a mente está livre da sociedade, livre de tôdas as mistificações, livre da luta pelo reconhecimento de nossa posição social, etc.; e, só nesse estado de liberdade, fora

do alcance da sociedade, se pode criar uma nova cultura, inaugurar uma nova civilização. Podemos aprender como reformar uma dada sociedade, como ajustar-nos à prisão de uma determinada cultura — e é com isso que estamos ocupados os mais de nós e, por êsse motivo, nossa reação ao desafio é sempre limitada, inadequada. Se, entretanto, a mente está de todo livre da sociedade, de tôdas as formas de condicionamento social, o que significa ser ela verdadeiramente religiosa — então, a mente se acha num estado de silêncio, em que não há aquisição de saber, em que não há "experimentador"; e é a ação de uma tal mente que produz uma nova cultura, uma nova civilização.

PERGUNTA: *Posso ficar livre do passado?*

KRISHNAMURTI: Ora, se soubermos escutar realmente o que se diz, escutar para acharmos a verdade a respeito da questão, sem contestações verbais nem as complicações criadas pela mente sutil, então esta verdade mesma libertará a mente do passado.

Investiguemos, pois. Pode a mente ficar livre do passado? Afirmar-se que ela pode ficar livre, ou que não pode ficar livre, tem pouco valor, porquanto não o sabemos. Pode-se, tão-sòmente, investigar. Certas pessoas dirão que a mente nunca pode ficar livre, e outras dirão que ela será livre no final de tudo, no futuro. Entretanto, um homem que deseja realmente descobrir, por si mesmo, terá uma atitude completamente diferente, atitude que não é nem de aceitação nem de negação.

Que é a mente? A mente é na essência o produto do tempo, de muitos milhares de dias passados; ela é o resultado da tradição, e no seu desenvolvimento, pelo desejo de sobrevivência, criou várias formas de cultura, acumulou saber, conhecimentos. Sendo produto do tempo, tem a mente a possibilidade de crescer, passando de um alvo a outro, de um desígnio a outro, modificando-se dentro do padrão do conhecido; ela se desenvolve através do tempo e da modificação dos objetos do desejo. Uma criança deseja brinquedos; posteriormente, seus desejos serão os desejos do homem ou da mulher jovem; e mais tarde ainda, com o amadurecimento do espírito, quer o homem saber o que existe além dos limites da existência de cada dia. Êsse processo de indagação, êsse desejo de mais, é o que consideramos como crescimento, progresso. Sendo produto do tempo, a mente se desenvolveu, movimentando-se do conhecido para o conhecido.

Ora bem, o interrogante deseja saber se a mente pode ficar livre do passado. Mas, que é o passado? O passado é tradição, memória, várias imposições, sanções, compulsões da sociedade; o passado é todo o saber acumulado, sôbre como operar um motor, construir uma estrada de ferro, dividir o átomo, etc. Para ser criador, para criar qualquer coisa nova, mesmo o técnico precisa estar livre do passado; do contrário, permanecerá um mero técnico. E pode a mente, resultado do tempo, deixar de pensar em têrmos de tempo? Ora, por certo, é isto que significa "estar livre do passado". Pode a mente deixar de pensar em têrmos de tempo, sendo o tempo a perse-

guição do *mais*, sendo o tempo todo o "processo" de movimento de um objetivo para outro ou de uma conclusão para outra?

Senhores, a vossa mente, que é, de tôda evidência, o resultado de muitos milhares de dias passados, só é capaz de funcionar dentro da esfera do conhecido; e quando essa mente pergunta "posso ficar livre do conhecido?" — qual é a sua resposta? A sua resposta só pode ser: "Não sei". Isto é, quando a mente pergunta a si própria se pode ficar livre dos resultados de todos os dias volvidos, das suas lembranças, suas dores, suas alegrias, suas experiências, suas virtudes, seu dinheiro, sua posição, decerto a sua única resposta é que ela não o sabe.

Ora bem, pode a mente permanecer, de fato, não teòricamente, no estado em que ela diz "não sei"? Podeis conhecer, como experiência real, o fato de que não sabeis? Compreendeis o que estou dizendo, senhores? Estou-vos fazendo esta pergunta: Pode a mente ficar livre das lembranças, de tôdas as acumulações do passado? Se vos abstiverdes de teorias e especulações, de asserções positivas ou negativas, então só podereis achar-vos num estado de "não saber". Pois bem. Se a mente puder permanecer nesse estado, não apenas verbalmente, mas experimentando como uma realidade o estado de "não saber", não estará ela então livre do passado? E' muito interessante investigar esta questão; porque, se a mente se deixa ficar na esfera do conhecido, que é ela própria, sem ter a experiência do estado de "não saber", sem conhecer e sentir profundamente êsse estado, então tôda sua investigação será uma reação do conhecido e, por con-

seguinte, um desdobramento mais amplo do conhecido. Por outras palavras: a mente deve estar quieta, completamente em silêncio; e, no momento em que está em silêncio, a mente se acha no estado de "não saber". Todo movimento da mente é reação do passado, e só quando está em silêncio, imóvel, tem a mente a possibilidade de ser pura, nova, e totalmente lúcida.

Perguntareis, porventura, que relação êsse estado pode ter com a nossa vida de cada dia, nossos conflitos diários, nossas aflições, disputas e ambições. Não pode ter relação nenhuma. Não podeis utilizá-lo como meio de dominar êsses conflitos etc. Para experimentardes êsse estado, é necessária a cessação total da ambição, da ganância, da inveja, de tôdas as atividades de competição pela sobrevivência pessoal, que constituem a base em que está edificada esta sociedade corrompida, que está a desintegrar-se e para a qual não há mais remédio. O homem verdadeiramente religioso é aquêle que prescinde da sociedade e de reconhecimento por parte da sociedade, aquêle que, na sua investigação sôbre se se pode ser livre da sociedade, chegou àquele estado mental em que não existe mais movimento algum. Só a mente que se acha em tal estado é capaz de criar uma nova cultura. Reformar a velha cultura significa, meramente, adornar a prisão.

PERGUNTA: *Que tendes a dizer sôbre a possibilidade da integração da personalidade?*

KRISHNAMURTI: Não me parece que o que eu possa dizer a êsse respeito valha muita coisa; mas se

vós e eu pudermos investigar juntos o que significa "ser integrado", se pudermos conhecer, como experiência real, o estado de integração, e não meramente defini-lo ou descrevê-lo, isso, então, terá certa importância.

Ora, para se experimentar, para se conhecer o que é o estado de integração, devemos primeiramente perceber que nos estamos desintegrando — o que é um fato. Estamos sendo divididos pelos nossos desejos, em contradição entre si. Há o conflito do bem e do mal, da distração e da atenção. Eu sou *isto* e quero ser *aquilo,* — do que resulta a eterna luta entre o que sou e o que deveria ser, entre o fato e o ideal. Esta entidade fragmentada, que chamamos "eu", com suas diferentes máscaras, suas contraditórias atrações e ocupações, é o que somos, realmente, e cuidar apenas de emendar os fragmentos não é integração. Os desejos contraditórios podem ser ajustados pelo conformismo, enfeixados pelo mêdo, pelo incentivo; isso, porém, não é integração. Assim sendo, o que devemos fazer, em primeiro lugar, é tornar-nos cônscios do fato de sermos constituídos de diferentes entidades com diferentes máscaras, diferentes atitudes; e "estar cônscio" não é meramente dizermos que estamos cônscios, e sim percebermos com tôda a clareza esta coisa extraordinàriamente contraditória que somos nós mesmos, sem fazermos esfôrço para transformá-la ou controlá-la. Porque, no momento em que percebemos que estamos em contradição, queremos estabelecer um estado de não contradição, o qual é uma outra forma de contradição; isso significa, simplesmente, estar com uma outra máscara, um outro

desejo. E é possível estarmos simplesmente cônscios de que somos constituídos de diferentes entidades? O "eu superior", o "eu inferior", o *Atman*, o *Paramatman*, e as ambições, os temores, as rivalidades, as invejas — tudo isso está dentro da esfera da mente, da esfera do pensamento. Um desejo está em oposição a outro desejo, e todo esfôrço visando a promover a integração dentro do campo da contradição, é, êle próprio, contradição. No momento em que a mente deseja ser alguma coisa, já existe uma divisão, um processo de esfôrço e, evidentemente, êsse processo é um processo de desintegração.

Esta questão diz também respeito a tudo o que está contido no inconsciente, não é verdade? Com um pouco de atenção, podemos saber como somos contraditórios no nível consciente. Quando não preenchemos os nossos desejos, há frustração, sofrimento. E o inconsciente é também contraditório? No inconsciente, nas muitas camadas da mente, abaixo do nível consciente, existem também ambições, incentivos, impulsos contraditórios, ou há só uma propulsão constante? O inconsciente é também o resultado de séculos de acumulação, também êle foi moldado pelas influências raciais e culturais, pelas crenças, pelos temores; e neste vasto campo de consciência meio imaginada, meio sentida, não há também contradição? A totalidade da consciência não é um campo em que se chocam desejos contraditórios? E quando há conflitos, seja no nível consciente, seja nos níveis mais profundos, não há atenção, há? A atenção, a atenção total, é "o bom", e não pode haver essa atenção total enquanto existirem desejos contraditórios. Se os desejos contraditórios forem reunidos por um esfôrço

de vontade, essa vontade resulta, ela própria, de um outro desejo, e, por conseguinte, cria mais uma contradição.

Ora, pode a mente perceber êsse processo, no seu todo, mas não apenas verbal, descritiva, imaginativamente, mas estando realmente cônscia de tôda essa massa de desejos opostos, cujo campo de batalha é a própria mente? Pode ela estar cônscia e sem desejar estabelecer um estado de integração? Pode estar simplesmente cônscia e deixar-se ficar aí, sem esperar nem desesperar, observando simplesmente o fato? Então, uma vez que está cônscia da confusão e não faz esfôrço algum para alterá-la nem para produzir um estado integrado, nem deseja mais produzir, alcançar resultado algum — não está então a mente tranqüila? E esta imobilidade, esta tranqüilidade, não representa a quietação de tôda energia, a energia dos desejos contraditórios, em luta uns com os outros? E esta cessação completa de todo movimento não é um estado de integração do qual resulta ação não contraditória e que, por conseqüência, não dissipa energia?

Mas vêde bem, senhoras e senhores, a menos que experimenteis tudo isso diretamente, a menos que sintais a verdade aqui contida, o que se está dizendo pouca significação terá para vós.

PERGUNTA: *Que é meditação correta?*

KRISHNAMURTI: A pergunta correta — parece-me — devia ser: "Que é meditação?" — e não "Que é meditação *correta?*" — pois, sem dúvida, é muito importante investigar o que é meditação, porque ela

pode produzir uma ação positiva em nossa vida de cada dia.

Ora, para se descobrir o que é a meditação, não deveis verificar, antes de tudo, o que pensais que ela seja? Quando empregais a palavra "meditação", tendes já várias conclusões a respeito desta palavra, não é verdade? Meditais em conformidade com um padrão, de acôrdo com o que disse um certo instrutor ou um certo livro. Portanto, já sabeis o que é meditação; e se já o sabeis, nesse caso, não investigais verdadeiramente.

Compreendeis o que estou dizendo, senhores? Se estais investigando o que é a meditação, nesse caso tôdas as formulações, recitações, *japams* e demais coisas que praticais têm de ser postas de parte, e a mente precisa estar tôda tranqüila. O que atualmente fazeis pode ser meditação e pode não ser. Se é meditação, então não há problema algum. Entretanto, para descobrirdes se o que fazeis é meditação, precisais estar livre para observá-lo, contestá-lo, pois não deveis aceitá-lo pura e simplesmente. Por certo, para se investigar o que é meditação, aquela liberdade é a primeira necessidade.

Nessas condições, podeis ficar livre de tôdas as vossas práticas, vossas disciplinas, vossas várias conclusões e compulsões? E se vos estais libertando destas coisas por estardes a investigar o que é a meditação, então êsse próprio investigar é meditação, não é?

Porque disciplinais a vossa mente e quem a disciplina? Quem é que medita e sôbre o *que* medita? Qual o "motivo", o interêsse, o incentivo a meditar? Deveis investigar bem isso, não achais? Se tendes o incentivo de achar Deus e vossa meditação é re-

sultado dêsse incentivo, que é uma espécie de compulsão, nesse caso, jamais descobrireis Deus. A mente disciplina, controla e molda a si mesma, porque já concebeu o que é Deus, o que é a verdade, e pensa que, se percorrer um certo caminho, se executar certos atos, alcançará os seus fins e, aí chegada, encontrará a felicidade perfeita. Mas, enquanto a mente diligencia alcançar um resultado, não encontrará aquilo que é a verdade, a realidade, Deus, aquilo que é imensurável, atemporal, visto ser a mente, ela própria, resultado do tempo. A meditação, pois, tem significação inteiramente diferente. Quando a mente já não é disciplinada por incentivo, condicionada por disciplina, quando já não busca resultado, não se acha ela então num estado de meditação?

Não é importante, também, investigar *quem* é o meditador e sôbre que coisa está meditando? Existe meditador separado da meditação? Quando disciplinais a vós mesmo, quem é a entidade que exerce o disciplinamento? Podeis dizer que é o "eu superior". E' exato isso? Ou isso é simples invenção do pensamento — um pensamento a controlar outro pensamento? Podeis chamar "eu superior" ao pensamento que exerce o contrôle, mas êste "eu superior" continua dentro da esfera do pensar e, portanto, na esfera do tempo. Por um rápido momento podeis ter uma experiência do que pensais ser a realidade, a felicidade, a bem-aventurança; apegar-se, porém, a isto é manter a mente dentro dos limites do tempo e, conseqüentemente, torná-la incapaz de qualquer maior experiência do que é a verdade. Assim sendo, para investigar o que é meditação não deve a mente inves-

tigar, em primeiro lugar, se ela própria está livre de todos os métodos de meditar que aprendeu? A mente aprendeu a praticar certos exercícios, porque deseja alcançar um resultado e êsse resultado ela já o concebeu de antemão. Todavia, o que a mente concebeu de antemão não é o real, e o seu meditar a respeito dessa coisa preconcebida, o seu esfôrço de controlar e disciplinar a si mesma com o fim de alcançar isso que ela imaginou — que não passa de mera especulação ou de reação de seu próprio passado — é completamente inútil e destituído de significação; é um processo de auto-hipnose. Mas se a mente se põe a investigar a significação de suas várias práticas, percebendo com lucidez os seus próprios incentivos e desígnios, sua investigação é então meditação. Ver-se-á, então, que a mente se tornou repleta de energia, desde que não há dissipação de energia devida a esfôrço, contrôle, ajustamento em vista de um determinado fim. Para se descobrir o que é verdadeiro, necessita-se de abundante energia e essa energia não deve estar em movimento, de modo nenhum — deve estar totalmente quieta. A quietude vem à existência quando a mente está livre de todo esfôrço, quando já não está subordinada ao padrão da disciplina, do mêdo, da realização de um fim. Não há então acumulação de lembranças, não há resíduo algum, não há experimentador: só há um "estado de experimentar". Quando a mente se acha tranqüila, quando não há movimento de esfôrço, nem exigência de *mais*, nem acumulação de memória, só então se manifesta a verdade, presente momento por momento.

2 de março de 1955.

SEXTA CONFERÊNCIA DE BOMBAIM

NÃO VOS parece importante investigarmos o que é que estamos buscando, e porque buscamos alguma coisa? Porque existe em nós esta extraordinária ânsia de procurar e achar, e porque desperdiçamos tanta energia nesta luta? Que é que, individual ou coletivamente, andamos buscando? Se pudermos examinar com todo o cuidado esta questão, é bem provável venhamos a descobrir que todo o processo de busca da verdade, de Deus, etc., constitui um empecilho; é bem possível que essa busca seja apenas uma distração. E' bem provável que a mente só possa descobrir o que se acha além das medidas do tempo quando não está mais a buscar, — mas isso não significa deva ela estar contentada, satisfeita. Por isso, creio, importa examinar esta questão.

Na sua ânsia de achar, na sua incansável atividade de descobrir o que é a verdade, nunca está a mente quieta; e justamente êsse processo de busca não é um obstáculo ao descobrimento? Não é possível, à mente, estar quieta e, ao mesmo tempo, cheia de vigor, estar intensamente vigilante, sem esta luta constante para encontrar, esta ânsia de encontrar? E que é que andamos procurando tão ansiosamente? Cada um poderá interpretar a intenção, o impulso que

está na base dessa busca; mas, fundamentalmente, que é isso que todos nós desejamos achar, que é isso que esperamos obter, no fim da nossa busca?

Nesse movimento de busca, aderimos a uma sociedade, a uma organização religiosa, esperando encontrar algum alívio, alguma tranqüilidade, e não tardamos a ver-nos apanhados, emaranhados nos dogmas, nas crenças, nos rituais, nos tabus e sanções dessa religião. Nessas condições, a busca não conduziu a parte alguma, e tão só a uma série de conflitos interiores e exteriores, ajustamentos a um dado padrão e, nesse processo de luta e ajustamento, envelhecemos. Ou se já pertencemos a um determinado grupo ou padrão, desligamo-nos dêle e vamos aderir a outra coisa, isto é, saímos de uma gaiola, de uma escravidão, para entrar noutra. E assim continuamos, ano por ano, lutando, submetendo-nos, fazendo votos de devoção, ajustando-nos, na esperança de acharmos o que buscamos. Os que têm disposições sérias põem-se a ler o *Gita*, a Bíblia, isto ou aquilo, para acharem o que procuram; e os despreocupados, os que não levam as coisas a sério, buscam num nível diferente; para êles o importante é freqüentar o clube, escutar o rádio, ter um bom emprêgo e algum dinheiro. Todos somos inexoràvelmente impelidos a buscar; e que é que desejamos achar? Considero relevante cada um de nós investigue o que é que está buscando. Posso, porventura, desenvolvê-lo de diferentes maneiras, mas a expressão verbal não é a realidade de vossa própria percepção da coisa que buscais. Assim sendo, permiti-me sugerir-vos escuteis o que se está dizendo, não concentradamente, mas naquele silêncio que existe

entre dois pensamentos. Quando a mente está empenhada em *escutar* só um dado pensamento, muitos outros pensamentos se insinuam, e procuramos, então, expulsá-los. Mas, em vez disso, talvez haja a possibilidade de *escutarmos* no intervalo entre dois pensamentos, quando estamos apenas atentos e, portanto, aptos a escutar sem esfôrço.

Por outras palavras: O importante não é escutarmos meramente o que se está dizendo, mas têrmos conhecimento, estarmos cônscios do que pensamos quando estamos *escutando*, e pensar êsse pensamento de princípio a fim. Se vossa mente está ocupada com resistir a um pensamento com outro pensamento, não estais *escutando* verdadeiramente. Acho que há uma arte de escutar, que é escutar sem incentivo nenhum, pois todo incentivo é distração, quando se está *escutando*. Se fordes capazes de escutar com atenção completa, não haverá então resistência alguma nem ao vosso próprio pensamento nem ao que se está dizendo — o que não significa vos deixareis mesmerizar por palavras. Entretanto, só a mente que está muito silenciosa, muito tranqüila, descobre o que é verdadeiro, e não a mente que se acha furiosamente ativa, pensando, resistindo, opondo suas próprias opiniões e conclusões.

Nessas condições, é possível escutarmos com aquela atenção tranqüila da ausência de "motivo"? Se puderdes escutar por essa maneira, — parece-me — encontrareis então, por vós mesmo, a resposta exata à pergunta "Que é que estais buscando?". Há muitas respostas superficiais a esta pergunta, abundantes de palavras, de frases, de conclusões, mas a

resposta verdadeira se encontra num nível muito mais profundo do que a resposta imediata. Se fordes capazes de escutar em silêncio, isto é, sem a intensa atividade daquela mente que está incessantemente a projetar os seus próprios pensamentos, talvez então possais descobrir o que é que estais buscando.

É óbvio, todos desejamos ser felizes, porque a nossa vida é cheia de perturbações, ansiedades e temores. Nada existe de permanente e, para a maioria de nós, a vida é uma série de conflitos, na luta pela conservação da existência. O próprio desejo de conservar a existência tem seus resultados peculiares, destrutivos. E que é que desejamos encontrar? O humilde funcionário que tem de ir ao escritório todos os dias, a dama endinheirada que freqüenta o seu clube ou as corridas, a mulher casada, mãe de muitos filhos, o homem com uma certa capacidade para aprender — que buscam todos êles? E porque é que buscamos? E' por nos sentirmos muito perturbados, muito descontentes com o que somos? Se somos feios, queremos ser belos; se somos ambiciosos, queremos preencher a nossa ambição; se temos talento, queremos tornar êsse talento mais vigoroso; se somos bons, queremos ser melhores; se somos medíocres, queremos brilhar; se somos intelectuais, queremos dar significação à vida; se somos religiosos, queremos achar o que reside além da mente, indagando, rogando, rezando, sacrificando, cultivando, disciplinando, etc. Êsse esfôrço intenso, êsse processo de ajustamento é a nossa vida, não é? Nossa vida é um perpétuo campo de batalha, de manhã à noite, e, ignorando a significação dessa luta, recorremos a outra pessoa, pedindo-

lhe que nos diga qual é o alvo, a finalidade, o significado da vida. Entregamo-nos às crenças, aos livros, aos guias e, embora nos satisfaçam temporàriamente as promessas que nos dão, mais cedo ou mais tarde começamos a desejar outra coisa.

Assim, pois, que é que desejamos? Vendo-nos atribulados, queremos paz, vendo-nos em conflito, queremos acabar com o conflito. Se estamos atentos, vigilantes, percebemos a futilidade de todo o pensar, de tôdas as Utopias ideológicas, dos diferentes sistemas de filosofia, e, no entanto, continuamos a buscar, a buscar algo que seja real, algo que não traga confusão, algo que não seja criação do homem ou criação da mente, algo além das nossas ansiedades imediatas, dos nossos temores, nossas guerras. Lutamos para obter uma coisa, e, depois de obtê-la, seguimos avante, queremos mais. Nossa vida é uma série de exigências de confôrto, de segurança, posição, preenchimento, felicidade, reconhecimento, e temos também raros momentos em que desejamos descobrir o que é a verdade, o que é Deus. E, assim, Deus ou a verdade se tornam sinônimos de satisfação para nós. Queremos ver-nos satisfeitos e, por conseguinte, a verdade se torna o alvo final da nossa busca, da nossa luta, e Deus o nosso derradeiro pouso. Andamos de um padrão para outro, de uma gaiola para outra, de uma filosofia ou sociedade para outra, esperando encontrar a felicidade, não só a felicidade nas relações com pessoas, mas também a felicidade de um retiro tranqüilo, onde a mente nunca mais seja perturbada, nunca mais seja torturada pelo seu próprio descontentamento. Podemos expressar-nos com palavras

diferentes, usar diferentes têrmos filosóficos, mas o que todos buscamos é isto: um sítio onde a mente encontre descanso, onde não seja torturada pelas suas próprias atividades, onde não exista o sofrimento. Por isso, a nossa vida é uma busca incessante, não é verdade? E achamos que, se não buscarmos, iremos deteriorar-nos, estagnar-nos, que nos tornaremos como animais, que morreremos.

Qual é a intenção de vossa busca? Não há dúvida de que dessa intenção depende o que ireis achar. Se a intenção é de encontrar a paz, encontrá-la-eis; mas não será a paz, pois vossa mente se verá torturada no próprio processo de achá-la e conservá-la. Para terdes paz, tendes de disciplinar, de controlar, de moldar a vossa mente em conformidade com um determinado padrão — pelo menos foi isso que se vos ensinou. Tôda religião, tôda organização, todo livro, instrutor, *guru*, vos diz, deveis ser bom, sujeitar-vos, ajustar-vos, aquiescer, disciplinar a mente para não divagar; e, por esta razão, há sempre restrições, repressão, mêdo. Lutais, por terdes de alcançar o que desejais, o vosso alvo.

Ora, não vos parece de todo fútil esta busca? Estar-se cativo na gaiola de uma dada disciplina, o ser impelido de uma gaiola, de um sistema, de uma disciplina para outra, isso, evidentemente, não tem significação alguma. Assim sendo, devemos investigar, não o que é que estamos buscando, mas *porque* buscamos. A busca pode ser um "processo" totalmente errôneo. Pode ser justamente um desperdício de energia, e nós necessitamos de tôda essa energia, para achar. Vossa maneira de proceder parece,

pois, completamente errônea, e creio que o é, de fato, não importa o que diga o vosso *Gita*, o vosso *guru*, ou outro qualquer. Sois disciplinados, meditais, enceleirais virtude como quem enceleira grãos, e, no entanto, não sois felizes, não encontrastes e não existe em vós alegria interior, revolução criadora. Bem pode ser que Deus nunca possa ser encontrado pela mente que está a buscar, porque a intenção dessa mente é de fugir da tortura da existência de cada dia. Mas a mente que deixa de lutar por ter compreendido o problema do buscar; que afasta para o lado o conflito da busca por perceber de quanta energia ela necessita para estar aberta ao que é atemporal — é bem provável possa essa mente encontrar, descobrir ou receber aquilo que é a verdade, que é Deus.

Nessas condições, é possível têrmos uma mente que esteja muito vigilante, mas ao mesmo tempo tranqüila, não buscando? Sem dúvida, a mente que está a buscar não é tranqüila, pois o seu "motivo", sua intenção, é ganhar alguma coisa. Enquanto há um motivo na busca, essa busca não é da realidade, mas só daquilo que desejamos. Tôda a nossa indagação, todos os nossos esforços humanos para descobrir, estão baseados num "motivo", e enquanto estivermos a buscar com um "motivo", bom ou mau, consciente ou inconsciente, a mente nunca estará livre e, portanto, jamais se achará tranqüila. Buscar a felicidade significa nunca encontrar a felicidade, porque a buscamos com um "motivo" e, por isso, não há cessação do mêdo.

Ora, pode-se perceber e compreender imediatamente que é vã tôda busca em que há "motivo"? Po-

deis escutar o que se está dizendo, apreendê-lo, alcançar-lhe o significado, imediatamente, e não numa data futura? A verdade não se acha no futuro, e se no próprio ato de escutar descobrirdes a inutilidade da vossa busca, então êsse próprio ato de escutar é o experimentar da verdade, e a busca cessará então. Vossa mente já não estará subordinada a "motivos", intenções.

Nessas condições, a questão não é de como libertar a mente do "motivo". A mente não pode, em tempo algum, libertar-se do "motivo", porque a mente, em si, é causa e efeito, é resultado do tempo. Quando a mente pergunta "Como poderei libertar-me do motivo?", eis que se inicia de novo a busca com um "motivo", de novo entrais no terreno do esfôrço, da disciplina, do contrôle, desta luta infindável que não leva a parte alguma. Mas se puderdes escutar e ver a verdade de que, enquanto houver um "motivo" na busca, essa busca é tôda vã, sem significação, conduzindo apenas a mais aflições e sofrimentos — se estais percebendo e compreendendo essa verdade, agora, que escutais, vereis que a vossa mente susta a busca, porque já não tem "motivo" algum. Não estais sendo mesmerizados por palavras ou por uma pessoa. Percebestes, por vós mesmo, a futilidade desta eterna busca com um "motivo" e, por conseguinte, a vossa mente está silenciosa, quieta, não há movimento algum de busca; e essa total tranqüilidade da mente pode ser o estado em que se torna existente o atemporal.

Como sabeis, a mente é muito inquieta e tem mêdo de estar quieta, tem mêdo de ignorar as últimas novidades, tem mêdo de não existir, de ser sim-

plesmente *nada*; mas só do nada pode vir a sabedoria e não de uma grande massa de conhecimentos. A sabedoria se apresenta apenas à mente que está em silêncio. A mente repleta de seus próprios conflitos e seu saber prático só pode produzir sofrimentos para si própria.

PERGUNTA: *Como posso deixar de ser medíocre?*

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, precisais saber o que é "mediocridade", não? Que é mediocridade? Os homens medíocres podem possuir carros luxuosos, residências suntuosas, ou podem viver num cortiço. Podem ter uma certa possança mental, e em geral a têm. Que é, pois, essa mediocridade de que desejais livrar-vos, fugir? Se reconheço que sou medíocre, estúpido, obtuso, e quero tornar-me menos medíocre, mais inteligente, mais instruído, essa própria exigência de *mais*, êsse esfôrço para tornar-me *mais*, não denota um estado mental medíocre? Tende a bondade de escutar, sem concordar, nem discordar.

A mente que tem um motivo, que persegue o ideal, a coisa que ela acha deveria ser, a mente que se está disciplinando, controlando, moldando, lutando para ser diferente do que é — essa mente não é medíocre? Compreendeis? Reconhecendo-se medíocre, estúpida, obtusa, ávida, invejosa, ambiciosa, cruel, etc., a mente diz: "Preciso tornar-me não medíocre"; e êsse esfôrço para se tornar não medíocre não é a essência mesma da mediocridade? No esfôrço para se tornar alguma coisa, a mente foge do fato real para o ideal, e foi isso que todos vós fizestes. Estais a perseguir,

a adorar o ideal que "projetastes". Por essa razão, nunca há um transbordamento, uma riqueza criadora, com austeridade, já que vossa energia está sendo dissipada constantemente, na luta para vos preencherdes, chegardes a ser alguma coisa.

Tal é o nosso modo de vida, não é verdade? Somos ambiciosos e desejamos preencher-nos, e, pelo próprio esfôrço para alcançarmos o que desejamos, nos estamos tornando medíocres. A virtude é essencial, mas o "processo" de adquirir virtude é medíocre. O homem que se exercita incessantemente na virtude, que deliberadamente disciplina a sua mente para ser virtuosa, êsse homem torna-se meramente respeitável, e isso é o que a sociedade quer. A sociedade deseja sejais respeitável, submisso a ela, e não trasbordante de pujança criadora, revolucionário no verdadeiro sentido da palavra. A verdadeira revolução não é a revolução comunista ou qualquer outra revolução estúpida, de subversão da ordem econômica e social: é a revolução do pensamento, que só pode vir quando vos emancipardes completamente da sociedade. Nesta liberdade a vossa mente já não está a submeter-se, ajustar-se, defender-se, refrear-se, e, por conseguinte, é verdadeiramente religiosa; e o homem verdadeiramente religioso é o único revolucionário. Então é a verdade que atua, e sua ação não está ajustada ao padrão de determinada cultura ou civilização.

Vemos, pois, que a mediocridade não pode ser transformada numa coisa mais bela. Se percebeis que sois estúpido e vos esforçais por vos tornardes inteligente, nesse processo mesmo de vos tornardes inte-

ligente existe mediocridade, e, portanto, todo esfôrço dessa natureza é desperdício de energia. Mas se, ao contrário, puderdes viver com *isso* que percebeis que é estúpido, e compreendê-lo, penetrá-lo completamente, sem o julgardes nem condenardes, vereis, então, há de surgir um estado completamente diferente; isso, porém, exige atenção total, e não a distração que é o esfôrço de "vir a ser alguma coisa".

PERGUNTA: *Como posso compreender a significação dos meus sonhos?*

KRISHNAMURTI: O que importa não é compreender a significação dos sonhos, mas, sim, *porque* sonhais. Por certo, êste é que é o problema, e não como interpretar os símbolos, as imagens projetadas pela mente inconsciente, quando se acha adormecida a mente consciente. Porque a vossa mente consciente está tôda ocupada durante o dia, sonhais quando adormecido; e ao despertardes dizeis: "Como traduzir êstes sonhos?" Há várias maneiras de traduzir os sonhos. Podeis traduzi-los de acôrdo com a filosofia freudiana ou outra qualquer, e vos empenhardes completamente no estudo dos símbolos, a correr de uma autoridade para outra — que é uma coisa de todo em todo fútil. Mas se vos perguntardes porque sonhais, isso, sim, — parece-me — terá alguma significação.

Que é um sonho, e porque sonhais? Já refletistes a êste respeito? Sem recorrermos a nenhuma filosofia, nenhum livro, nenhum especialista em sonhos, vamos investigar juntos porque sonhais.

Afinal, vossa consciência não é só a mente superficial que vai todos os dias ao escritório, que possui algumas virtudes, algumas vestes e mais isto e mais aquilo; vossa consciência é, também, o inconsciente. Quando dormis, a mente superficial está mais ou menos em repouso e, assim, o inconsciente atua e tendes sonhos; e, ao despertardes, perguntais: "Que fazer agora?". Se perguntardes a vós mesmo, porém, porque sonhais e se é inevitável sonhar, não tardareis a perceber que há algo mais importante do que interpretar sonhos.

Durante o dia, a vossa mente está ocupada com trivialidades: a luta pela subsistência, a luta para serdes alguma coisa, preencherdes as vossas funções, serdes amado, etc.; nunca vem um momento de tranqüilidade, de observação, de percebimento das coisas, não como gostaríeis que fôssem, na vossa imaginação, mas como realmente são. Mas se, ao contrário, durante as horas de vigília, puderdes estar cônscio de tôdas as coisas que vos cercam e de vossas reações a elas; se puderdes observar vossos próprios pensamentos e deixardes a vossa mente mover-se com mais lentidão, para que possa, fàcilmente e sem atritos, observar cada emoção, cada reação e o respectivo significado, vereis então que deixareis de sonhar, porque vossa mente estará ocupada em compreender, a tôdas as horas, e não apenas quando estais dormindo; e os símbolos, por conseguinte, já nada significarão. Se, durante o dia, ficardes passivamente vigilante para cada pensamento, cada sentimento, cada reação, observando-os sem interpretá-los, condená-los ou julgá-los, de modo que sejam compreendidos, a mente se

tornará, então, muito tranqüila e, ao dormirdes, não tereis mais sonhos. Nesse sono sem sonhos, a mente pode descer a profundidades muito maiores e experimentar algo completamente inacessível à consciência desperta.

Nessas condições, para se experimentar o que se acha além da mente, esta deve estar tranqüila durante o dia e ter compreendido todos os conflitos do dia, sem repressão, nem julgamento, nem fuga; e tereis, inevitàvelmente, de reprimir, de sublimar, de fugir, enquanto estiverdes condenando, julgando, avaliando, traduzindo. Assim, se puderdes simplesmente observar, de modo que vossa observação acompanhe o fluir do vosso pensamento, vereis, então, que a vida não é um processo tortuoso e que dela dimana uma grande energia que vos habilita a libertar-vos da sociedade com todos os seus absurdos. Isto não significa tenhais de vos tornar um eremita ou um *sannyasi*. Um homem dêsses não se emancipou da sociedade, porquanto continua subordinado à sua mente condicionada. Mas, se puderdes emancipar-vos da sociedade, no verdadeiro sentido, nessa própria libertação encontrareis aquilo que é eterno.

PERGUNTA: *Parece que contestais a validade do tempo como meio de alcançar a perfeição. Qual é então o vosso método?*

KRISHNAMURTI: Vêde, a própria idéia de alcançar a perfeição, e o método de alcançá-la, implica o tempo, e, desejando saber qual é o meu método de chegar a ela, o interrogante está pensando em têrmos de tempo. Investiguemos a questão.

Que entendemos por "tempo"? Vamos pensar a êste respeito, não filosòficamente, mas com tôda a simplicidade, calma e tranqüilidade. Existe, é evidente, o tempo cronológico. Preciso de tempo para pegar um trem, preciso de tempo para voltar daqui para minha residência, tempo para receber uma carta, tempo para falar, tempo para contar uma história, escrever um poema ou esculpir uma estátua de mármore. Mas existe alguma outra forma de tempo? Dizeis que sim, porque existe a memória. Se tive ontem uma experiência que me deleitou, ela deixou uma lembrança, e eu desejo repetir aquêle deleite, "quero mais". Assim sendo, *o mais* é o tempo, no sentido psicológico. Preciso de tempo para preencher-me, aperfeiçoar-me, acumular, "vir a ser"; preciso do tempo como ponte sôbre o intervalo existente entre mim, que não sou perfeito, e o que é perfeito, "do outro lado" — sendo que êste "outro lado" está na minha mente. Há, pois, na minha mente um espaço, uma distância entre o que é e o *que deveria ser*, o perfeito ideal. Há um ponto fixo, que é o que eu *sou*, e outro ponto fixo que é o que *não sou* e que chamo "perfeição", "eu superior", Deus, ou o que quiserdes; e para mover-me de um ponto fixo para outro — do que sou para o que não sou — necessito de tempo. Assim sendo, a mente tem, não só o tempo cronológico, necessário para pegar o trem ou para ir a um encontro marcado, mas também o tempo psicológico, o tempo de que necessito para preencher-me, alcançar a perfeição. Se sou ambicioso, necessito de tempo para atingir os meus fins, tornar-me famoso, etc., e da mesma maneira pensamos com respeito à

perfeição. Tendo-se separado como coisa imperfeita, a mente concebe um estado de perfeição e determina a distância entre ela própria e aquêle estado; e, então, pergunta: "Como passar daqui para lá?". Compreendeis, senhores?

Sinto-me muito infeliz e, penso, preciso de tempo para me tornar perfeito, encontrar a felicidade, se não nesta vida, pelo menos em alguma existência futura; a mente, porém, está sempre dentro da esfera do tempo, por mais que se dilate ou estreite essa esfera. Todos os livros sagrados, tôdas as religiões dizem que necessitais do tempo para vos tornardes perfeito e que deveis fazer voto de castidade, de pobreza, resistir às tentações, disciplinar-vos, controlar-vos, para alcançardes êsse estado. A mente, pois, inventa o tempo como meio de chegar à perfeição, a Deus, à verdade, e, pensando dessa maneira, poderá, no ínterim, ser ávida e brutal, pois, segundo diz, ela ir-se-á polindo, pouco a pouco, e, com o tempo, se tornará perfeita. Eu digo que tal caminho é completamente errado, não é caminho algum. E' meramente uma fuga. A mente aprisionada na imperfeição, na luta, só pode conceber o que seja a perfeição e o que ela concebe no meio de sua confusão, sua miséria, não é a perfeição; é tão-sòmente desejo.

Assim, pois, no esfôrço que faz para ser aquilo que ela acha deveria ser, a mente não está a caminhar para a perfeição, mas, simplesmente, fugindo do que é, fugindo do fato de que ela é violenta, ávida. Bem pode ser que a perfeição não seja um ponto fixo, e, sim, uma coisa totalmente diferente. Enquanto a mente tem um ponto fixo, de onde parte, de onde

atua, ela tem de pensar em têrmos de tempo, e tudo o que ela "projetar", por mais nobre e por mais idealmente perfeito que seja, está sempre dentro da esfera do tempo. Tôdas as suas especulações sôbre o que disse Krishna, Buda, Sankara ou outro, tôdas as suas imaginações, seus desejos de perfeição, tudo isso está dentro da esfera do tempo, sendo, por conseguinte, completamente falso, destituído de valor. A mente que tem um ponto fixo só pode pensar em têrmos de outros pontos fixos e cria a distância entre ela própria e o ponto fixo a que chama "perfeição". Embora possais desejar o contrário, pode ser que não haja pontos fixos de espécie alguma. Na realidade, não existe nenhum "vós" fixo, nenhum "eu" fixo, existe? O "eu" é constituído de muitas qualidades, experiências, condicionamentos, desejos, temores, amores, ódios, — várias máscaras. Não há nenhum ponto fixo, mas a mente tem horror a êsse fato e, por isso, está em movimento de um ponto fixo para outro, levando consigo a carga do conhecido para o conhecido.

O tempo, pois, é uma ilusão, quando pensamos em têrmos de perfeição. O desejo tem o tempo, a sensação tem o tempo, mas o amor nada tem que ver com o tempo. O amor é um "estado de ser". Amar completamente, simplesmente, sem pedir nem rejeitar, não é pensar em têrmos de perfeição ou de se tornar perfeito. Entretanto, não conhecemos êsse amor e, por isso, dizemos: "Preciso de outra coisa, preciso de tempo para alcançar a perfeição". Disciplinando-nos, acumulamos virtudes, e, se não acumu-

íamos o suficiente nesta vida, há sempre a outra vida; e se dá, assim, início ao movimento de vaivém.

Quando pensais em têrmos de tempo, estais na realidade a buscar o *mais*, não é exato? Quereis mais amor, mais bondade, mais prazer, mais meios de evitar a dor, mais experiências deleitáveis, portadoras de uma efêmera felicidade; e, no momento em que a mente exige "mais", ela necessita do tempo, tem necessàriamente de criar o tempo. Esta exigência de *mais* é uma fuga da realidade, do fato real. Quando a mente diz "preciso ser mais inteligente", esta própria asserção implica o tempo. Mas se a mente puder observar *o que é*, sem condenação, sem comparação, se puder observar simplesmente o fato, não haverá então, nesse percebimento, nenhum ponto fixo. Assim como não há no universo nenhum ponto fixo, assim também não existe em nós coisa tal. A mente, porém, gosta de ter um ponto fixo, e cria, assim, um ponto fixo: no nome, na propriedade, no dinheiro, na virtude, nas relações, nos ideais, nas crenças, nos dogmas; êste ponto fixo se torna a corporificação de suas próprias invenções, seus próprios desejos. A idéia que a mente tem da perfeição é ela própria tornada mais pacífica, mais nobre, tranqüila. Mas a perfeição não é o oposto do *que é*. A perfeição é aquêle estado da mente em que cessou tôda e qualquer comparação. Já não há pensar em têrmos de *mais*, e portanto já não há luta. Se puderdes simplesmente conhecer a verdade a êsse respeito, se puderdes *escutar*, simplesmente, e descobrir por vós mesmos, ver-vos-eis então completamente livre do tempo. A criação é, então, uma coisa que ocorre, momento

por momento, sem acumulação dos momentos, porquê a criação é a verdade, e a verdade não tem continuidade. Pensais na verdade como uma continuidade no tempo, mas a verdade não é contínua, não é uma coisa permanente que se tornará sabida com o tempo. Não é nada disso, é algo totalmente diferente, algo incompreensível pela mente que se acha prisioneira na esfera do tempo. Tendes de morrer para tôdas as coisas de ontem, tôdas as acumulações do saber e da experiência, e, só então, se tornará existente aquilo que é imensurável, atemporal.

6 de março de 1955.

SÉTIMA CONFERÊNCIA DE BOMBAIM

A MEU ver, os mais de nós estamos como que perdidos num labirinto, cheios de confusão, não só no tocante ao que cumpre fazer, mas, principalmente, na questão atinente ao pensar correto, e estamos a lutar, procurando uma saída desta confusão. Queremos um guia, alguém que nos ajude a livrar-nos de nossos embaraços. Porque estamos confusos, somos muito crédulos, e é muito fácil sermos induzidos a aceitar coisas que são irracionais; ou recorremos aos instrutores do passado, Cristo ou Buda, os Vedas, a Bíblia, esperando encontrar uma solução para os nossos problemas. Penso, porém, uma tal orientação do pensar torna a confusão pior ainda. A confusão, com efeito, aparece quando somos incapazes de dar atenção a um fato, sem têrmos uma opinião a respeito dêsse fato. Nunca encaramos o fato diretamente, mas sempre nos chegamos a êle munidos de uma conclusão, e o resultado é a confusão. Se pudermos ver êste fato tão simples, creio ficaremos habilitados a compreender o problema muito mais complexo e muito mais vasto de descobrir o que é religião, o que é a verdade, o que é Deus.

Estamos confusos, sem sabermos porque ou como nasce a confusão. A confusão, por certo, só existe

quando não somos capazes de considerar o fato sem estarmos munidos de nossas medidas de avaliação, isto é, quando não temos a capacidade de reconhecer o fato sem têrmos uma opinião, sem as medidas tradicionais com que o avaliamos. E' o valor tradicional, a opinião, o julgamento que formulamos em presença do fato, que produz a confusão. Se considerardes bem isso, vereis ser exato o que estou dizendo. Jamais somos capazes de ver um fato tal como é, mas sempre nos aproximamos dêle com juízos, com avaliações, e daí resulta confusão.

Ora bem, pode a mente considerar o fato sem o fator estimativo? O fato é sempre novo, ao passo que o fator estimativo é sempre velho. Quando a mente observa o fato com os valores, as opiniões, os juízos que adquiriu e que são, todos, produtos do passado, tem de haver inevitável confusão.

Nosso problema, pois, é o de encararmos o fato sem avaliação; e isso requer um profundo senso de humildade. Mas ninguém, dentre nós, é humilde; todos *sabemos*, todos temos valores, nunca nos chegamos ao fato sem o nosso *saber*. "Não saber" é um estado de humildade, e parece-me muito importante compreender isto. O saber não está em nenhuma relação com a sabedoria. A sabedoria vem à existência quando não há saber, isto é, quando a mente não está munida do fator estimativo, quando não é a entidade que avalia, que julga, que compara. A humildade é necessária para a compreensão de um fato, e para se ter êsse senso de humildade é necessária uma liberdade total, um estado completamente livre do saber; porque o saber é o "processo" de ava-

liação e, sendo o fato "o novo", se vos chegais a êle com a mente carregada de saber, daí vem confusão.

Ora, se a mente puder ser despojada instantâneamente de todo o passado, para que possa ir ao encontro do presente sem a carga do passado, não haverá mais confusão. Ela é então como o médico que observa o doente; êle não se aproxima do doente com conclusões antecipadas, com um juízo já formado sôbre a doença do paciente. Nós, porém, em geral, nos abeiramos do fato com conclusões. Temos certas crenças, certos dogmas, certas fórmulas, e, quando vamos examinar o problema, já temos claramente definida em nossa mente a maneira de resolvê-lo; por essa razão, a nossa mente nunca é nova e, em tempo algum, é capaz de chegar-se a um problema de maneira nova.

Dizemos que necessitamos de tempo para libertar a mente de todo o saber cumulativo, com que nos protegemos, que precisamos do tempo para aliviar-nos de tôdas as nossas tristezas, misérias e lutas. Mas — parece-me — o tempo não é necessário, absolutamente. Pelo contrário, o tempo é meramente um resultado; êle existe porque não nos encontramos com o fato desprovidos do nosso saber. Há séculos, a mente vem adquirindo o saber com que enfrentamos o fato e criamos a confusão. Ora, pode a mente ficar livre de todos os valores que acumulou e enfrentar de maneira nova o desafio — sendo o desafio o fato? E' por não enfrentarmos o fato em cheio, sem conclusões, que existe a confusão, o sofrimento. Para ficarmos livres do sofrimento dizemos que necessitamos do tempo, e, por isso, inventamos filosofias, disciplinas e vários meios e modos de dominar o sofri-

mento. Mas o sofrimento é justamente o "processo" de enfrentar o fato com uma conclusão.

Assim sendo, para ficar livre do sofrimento, não deve a mente aproximar-se do fato sem estar munida de uma crença, de uma conclusão? Isto é, não deve haver imediatamente um estado livre da memória, do fator estimativo? Quando, por exemplo, me encontro convosco, se já vos conheço, trago, comigo, a respeito de vós, certos valores, opiniões, juízos que a memória guardou e que estão baseados em minhas anteriores experiências convosco. Ora, posso olhar-vos e ter a lembrança de vós, estando livre, ao mesmo tempo, de todo e qualquer juízo? Posso encontrar-me convosco e reconhecer-vos, sem ter, ao mesmo tempo, avaliações, opiniões a respeito de vós? Não há dúvida de que são as nossas avaliações, os nossos juízos que causam a confusão e o sofrimento; e vendo-nos confusos, vendo-nos no sofrimento, dizemos que precisamos do tempo para vencer o sofrimento. Mas é exato isso? O tempo resolverá o nosso sofrimento?

Compreendeis, senhores, o que é o sofrimento? O sofrimento é nossa incapacidade de encontrar-nos com o fato de maneira completa, sem julgamento, sem crença. E' por não enfrentarmos o fato de maneira nova e com êle nos movermos, que existe o sofrimento. Vendo-nos sofrer, como acontece com a maioria das pessoas, precisamos de tempo para nos livrarmos do sofrimento e temos, por essa razão, várias filosofias, várias escolas de pensamento, disciplinas, meditações, para o dominarmos. Não me parece que o sofrimento possa ser dominado por meio de qualquer disciplina, por meio do tempo, porque o sofrimento é

resultado e não causa, e, enquanto ficarmos meramente a atender ao sintoma e não à sua causa, o que temos é o prolongamento da confusão, do conflito e do sofrimento.

Assim sendo, pode o sofrimento ser superado imediatamente? Acho que esta é uma pergunta importante que deveis fazer a vós mesmos, pois o homem que é feliz não é anti-social. O homem que se vê frustrado, confuso, infeliz, e também o homem que está em busca de Deus, êsses é que são anti-sociais, porque a verdade não pode ser encontrada enquanto a mente está a buscar. Nessas condições, para o homem que busca a verdade, e bem assim para aquêle que está confuso, que sofre, o problema é êste: Pode a causa do sofrimento ser dissipada imediatamente? Existe alguma maneira completamente diferente de o encararmos, de pensarmos a seu respeito, de modo que êle seja compreendido, não num futuro distante, mas agora? Por certo, só termina o sofrimento quando liberto a minha mente de tôda avaliação, de tôda comparação, de tôdas as sanções sociais, quando a despojo de tôdas as suas acumulações, de modo que ela fique num estado de humildade, o estado em que a mente está vigilante e lúcida, mas nada sabe, estando por conseguinte habilitada a encarar o fato sem julgamento.

Afinal, que entendemos por religião? Religião não é crença, não é a capacidade de citar os livros sagrados, não é adoração de uma imagem ou de um símbolo, e nada tem que ver com a execução de um dado ritual. Religião é o estado da mente em que já não há busca nenhuma, movimento algum, como

causa. E, sem dúvida, já que estamos confusos, o nosso problema não vai ser resolvido pelo retôrno ao passado, ao que disse Sankara, Buda, Cristo, ou vosso próprio *guru;* êle só será resolvido se formos capazes de enfrentar a vida, com todos os seus desafios, de maneira nova. E não podereis enfrentar por essa maneira o desafio, o fato, enquanto vossa mente tiver qualquer padrão de valores. Quando enfrentamos o fato com apreciação, cria-se confusão e sofrimento. Assim, pois, pode a mente ter a memória, a lembrança, e estar no entanto tranqüila, para enfrentar o fato sem estimativas? Pode a mente ficar livre de todos os seus dias passados?

Agora, não há método de ser-se livre, há? Não há método, porque o próprio método aprisiona a mente e, por conseguinte, a mente já não é livre. A observância de um método, do "como", tem uma causa, e enquanto houver causa, incentivo, "motivo", a mente é incapaz de se encontrar com o fato de maneira nova, e, por isso, há confusão, sofrimento. Não há, pois, meio, método, sistema de libertar a mente.

Tende a bondade de escutar sem concordar nem discordar. Não estou dizendo coisas que vos obrigam a refletir de maneira complicada, como se fôssem uma filosofia. Estou-vos apenas descrevendo um fato, e se não enfrentardes diretamente o fato que descrevo, ireis ficar mais confusos ainda. Estou dizendo que não há meio nem método de libertar a mente, porque todo método, tôda disciplina, tôda prática, escraviza a mente, condiciona-a mais ainda. Quando sofreis, apenas vos interessa encontrar uma saída do sofrimento, e essa saída é o método, o sistema, a disciplina,

a prática, com que estais armado, no vosso encontro com o fato; por conseguinte, sois incapaz de compreender o fato e, portanto, vossa confusão e vosso sofrimento aumentam.

O importante, pois, é que se perceba a verdade num súbito clarão, que se esteja sensível num tão alto grau, que o fato revele instantâneamente a verdade. Mas isso requer muita humildade; e o homem que experimentou, que estudou, o homem que pratica devoções e exercícios, não tem humildade e, por conseguinte, a sua guia, o seu conselho, o seu saber, ocasionam mais sofrimentos e maior confusão no mundo.

Nossa questão, pois, é esta: Pode a vossa mente despojar-se de todo, agora, neste minuto, em que me estais ouvindo, dos fatôres estimativos, de todos os dias passados, para que possa ver o que é a verdade? A percepção da verdade não é um estado de experiência, porque para se experimentar tem de haver o "experimentador", o avaliador. Escutai, por favor, isto é muito simples. A verdade não tem continuidade; só o avaliador, o observador, o experimentador tem continuidade, mas a verdade não tem. O que continua é o processo de avaliação.

Ora, é possível, quando estamos tranqüilamente aqui sentados, à tarde, ou quando estamos passeando ou a esperar o ônibus, é possível percebermos tôda esta vasta confusão e aflição existentes no nosso coração e em nossa mente, e, percebendo todo o processo do "sofrimento", não lhe proporcionarmos um terreno propício para arraigar-se — o terreno do saber, da avaliação — mas encararmos os fatos sem julgamento? E isso, com efeito, significa observar os fatos

com perfeita humildade. Se disserdes "preciso ser humilde, preciso afastar da minha mente a compreensão de antes, e ficar livre de todo o saber e avaliação", nesse caso, o "como" se tornará importante e nunca resolvereis o problema. Mas se perceberdes, agora, enquanto estais a escutar, a verdade de que a mente só pode ficar livre do sofrimento quando encara o fato sem julgamento, sem avaliação, isto é, quando corresponde ao desafio completamente, totalmente, vereis então que se dará a cessação do sofrimento. Não importa se a pessoa é instruída ou ignorante, se ela puder escutar simplesmente o que se está dizendo e perceber a verdade respectiva, então êsse próprio ato de escutar é a libertação do sofrimento.

Todavia, para a maioria de nós, a dificuldade é que queremos que uma experiência de alegria ou de êxtase continue; depois de percebermos uma coisa com clareza, queremos ter uma clareza permanente, e o desejo de mais é o comêço da vaidade. E só na humildade completa — que é um estado em que não sabemos nada, um estado em que não há experimentador, não há avaliador — só na humildade completa a mente pode receber, instantâneamente, a verdade. Não há caminho para a verdade, não há sistema de a alcançarmos. Podeis ler o "Gita", a Bíblia, todos os livros sagrados do mundo, ou mesmo Marx; nada disso, porém, vos levará à verdade. A mente que alcançou algo, a mente que sabe, que se exercitou, que experimentou, que está tôda enfunada de seu próprio saber — essa mente nunca descobrirá a verdade ou Deus; mas só achará a verdade ou Deus a mente

que é muito simples, a mente que é realmente humilde e está, portanto, habilitada a encontrar-se com o fato sem apreciação. O importante é observar a vida, cada momento da vida, sem a carga de muitos dias passados; dêsse modo, deixamos de criar confusão e sofrimento.

PERGUNTA: *Como posso ficar livre do mêdo?*

KRISHNAMURTI: Que é o mêdo? O mêdo só existe em relação com alguma coisa, êle não existe sòzinho. O mêdo vem à existência em relação com uma idéia, uma pessoa, em relação com a perda dos nossos bens, etc. Pode-se ter mêdo da morte, que é o desconhecido. Há o mêdo da opinião pública, do que diga "o povo", mêdo de perder um emprêgo, mêdo de ser repreendido, contrariado. Há várias formas de mêdo, profundas e superficiais, mas todo mêdo está em relação com alguma coisa; assim sendo, quando digo: "Como posso ficar livre do mêdo?" — isso significa, realmente, "Posso ficar livre de tôda e qualquer relação?". Compreendeis? Se são as relações que causam o mêdo, então, perguntar se se pode ficar livre do mêdo equivale a perguntar se se pode viver no isolamento. Òbviamente, nenhum ente humano pode viver no isolamento. Não há possibilidade de se viver no isolamento; só se pode viver em relação. Nessas condições, para ficar livre do mêdo, a pessoa tem de compreender as relações — as relações da mente com suas próprias idéias, com certos valores, as relações entre marido e mulher, entre o homem e seus haveres, entre o homem e a sociedade.

Se posso compreender as minhas relações convosco, não há mais mêdo; porque o mêdo não existe sòzinho, êle se cria automàticamente nas relações. Nosso problema, por conseqüência, não é de dominar o temor, mas de descobrir, antes de tudo, de que natureza são as nossas relações atuais, e o que são relações corretas. Não precisamos estabelecer relações corretas, porque na própria compreensão das relações vêm à existência as relações corretas.

Releva que se perceba que nada pode viver no isolamento. Podeis tornar-vos *sannyasi*, cingir uma tanga, segregar-vos, isolar-vos numa crença, mas nenhum ente humano pode viver no isolamento. A mente, entretanto, busca o isolamento na clausura do "eu", dentro do círculo de "minha experiência", "minha crença", "minha mulher", "meu marido", "minha propriedade" — o que é um processo de exclusão. A mente busca o isolamento em tôdas as suas relações, e, por isso, há o mêdo. Nosso problema, pois, se refere à compreensão das relações.

Ora bem, que é relação? Quando dizeis "Estou em relação" — que significa isso? Afora as relações puramente físicas da convivência, do parentesco, da hereditariedade, as nossas relações estão baseadas em idéias, não é verdade? Estamos examinando *o que é*, e não *o que deveria ser*. Nossas relações estão atualmente baseadas em idéias, nas idéias que temos sôbre isso que pensamos ser "relações". Isto é, as nossas relações com tôdas as coisas são um estado de dependência. Creio numa certa idéia, porque esta crença me dá confôrto, segurança, um sentimento de bem-estar; ela atua como meio de disciplinamento, de

contrôle, de manutenção do meu pensamento na direção correta. Assim sendo, a minha relação com essa idéia está baseada na dependência, e se me retiram a minha crença nela, estou perdido, não sei como pensar, como ajuizar. Sem a crença em Deus ou na idéia de que não existe Deus, sinto-me inseguro, e, por isso, dependo de tal crença.

E as nossas relações de uns com os outros não são um estado de dependência psicológica? Não me estou referindo à interdependência fisiológica, que é coisa completamente diferente. Dependo de meu filho, por desejar seja êle algo que eu não sou. Êle representa o preenchimento de minhas esperanças, de meus desejos; é minha imortalidade, minha continuidade. Assim, as minhas relações com meu filho, minha mulher, meus vizinhos, são um estado de dependência psicológica, pois tenho mêdo de me ver num estado de não dependência. Não sei o que êsse estado significa, e, por conseguinte, dependo da propriedade, que me dá segurança, posição, prestígio. E, se não dependo de nenhuma dessas coisas, dependo então das experiências que tive, de meus próprios pensamentos, da elevação de meus próprios objetivos.

Psicològicamente, pois, as nossas relações estão baseadas na dependência e, por isso, existe o mêdo.

O problema não é *como* não depender, mas tão só: perceber o fato de que dependemos. Onde há apêgo, não há amor. Porque não sabeis amar, dependeis, e por isso há mêdo. O importante é que se veja o fato, e não que se pergunte como amar ou como ser livre do mêdo. Podeis esquecer momentâneamente o vosso

mêdo, por meio de várias distrações, escutando o rádio, lendo o *Gita* ou entrando num templo; mas tudo isso são fugas. Não há diferença entre o homem que dá para beber e o homem que dá para ler livros religiosos, entre os que vão à suposta casa de Deus e os que vão ao cinema; porque todos estão a fugir. Mas se, ao contrário puderdes, ao mesmo tempo que escutais, perceber realmente o fato de que, quando há dependência nas relações, tem de haver mêdo, tem de haver sofrimento; de que onde há apêgo, não há amor — se puderdes, agora, que estais aqui escutando, perceber tão só êste simples fato e compreendê-lo instantâneamente, vereis então ocorrer uma coisa extraordinária. Escutai, pois, sem refutar, sem aceitar, sem dar opiniões, sem citar êste ou aquêle — escutai, simplesmente, o fato de que onde há apêgo não há amor, e onde há dependência há mêdo. Refiro-me à dependência psicológica e não à vossa dependência do homem que vos traz o leite, vossa dependência da estrada de ferro, de uma ponte, etc. É esta dependência interior, esta dependência psicológica, das idéias, das pessoas, da propriedade, que gera o mêdo. Não podeis, pois, estar livre do mêdo enquanto não compreenderdes o estado de relação; e o estado de relação só poderá ser compreendido quando a mente observar tôdas as suas relações — o que é o comêço do autoconhecimento.

Ora, podeis escutar o que se está dizendo com facilidade, sem esfôrço? Só há esfôrço quando estamos tentando obter alguma coisa, quando estamos tentando ser algo. Mas se, não tentando livrar-vos do temor, fordes capaz de *escutar* o fato de que o apêgo destrói o amor, então, êsse próprio fato libertará, de

pronto, a mente do temor. Não se pode estar livre do temor enquanto não houver a compreensão das relações, o que significa, com efeito, enquanto não houver autoconhecimento. O "eu" só é revelado nas relações. Quando observo a maneira como falo ao meu próximo, a maneira como olho a propriedade, a maneira como estou apegado à crença, à experiência, ao saber, i.e., quando descubro a minha própria dependência, começo a despertar para o "processo" do autoconhecimento.

Por conseguinte, a questão importante não é como dominar o temor. Podeis tomar uma bebida e esquecê-lo. Podeis entrar na igreja e vos absorverdes na prosternação, no recitar de palavras, na devoção, mas o mêdo está, por perto, esperando a vossa saída. Só há cessação do temor quando compreendemos as nossas relações com tôdas as coisas, e esta compreensão não pode nascer sem o autoconhecimento. O autoconhecimento não é uma coisa que está muito longe; êle começa aqui, agora, ao observardes a maneira como tratamos os nossos criados, a nossa espôsa, os nossos filhos. As relações são o espelho em que podeis ver a vós mesmo como sois. Se sois capaz de olhar a vós mesmo tal como sois, sem fazerdes apreciação alguma, dá-se a cessação do mêdo, nascendo, então, um extraordinário sentimento de amor. O amor é uma coisa que não pode ser cultivada; o amor é algo que não pode ser comprado pela mente. Se dizeis "vou fazer exercícios para ser compassivo" — vossa compaixão, nesse caso, é uma coisa da mente e, por conseguinte, não é amor. O amor nasce misteriosamente, sem sabermos como, em tôda a sua pleni-

tude, quando compreendemos integralmente o "processo" das relações. A mente está então quieta, não está enchendo o coração com as coisas que ela própria criou, e, por conseguinte, é possível o nascimento do amor.

PERGUNTA: *Postulais uma compreensão que é absoluta. Para vós, não há lugar para os "gradualistas". Como podemos, com nossa mente limitada, apreender o vosso ensino?*

KRISHNAMURTI: Senhor, nós inventamos essa coisa de gradualismo, para nossa conveniência. Quando ides a um médico para serdes operado, quereis que a causa que tornou necessária a operação seja extirpada gradualmente? Quando tendes um dente em mau estado, quereis que êle seja extraído gradualmente? Quando procurais o dentista, quereis uma extração imediata, e quando ides ao cirurgião quereis ser pôsto na mesa de operações e operado imediatamente. Mas, como sabeis, não pensamos dêsse modo. Queremos ao mesmo tempo prazer e dor, e, por isso, existe o "gradualismo". Inventamos uma filosofia da vida, um chamado "caminho do amor", que nos dá ao mesmo tempo prazer e dor, de onde o conflito entre o bem e o mal. Dizeis: "Sou violento e preciso de tempo para dominar esta violência" — e temos assim o ideal da não volência; e, por um processo de "gradualismo", esperamos, com o tempo, tornar-nos não violentos, o que afinal é o caminho do absurdo. Ou somos violentos, ou não somos violentos; não se pode "vir a ser" não violento.

Ora, se somos violentos, o importante é têrmos a capacidade de enfrentar a violência imediatamente, sem lhe dar tempo a que lance raízes na mente e se torne um problema. Compreendeis, senhores? Para ficar livre da violência tenho de enfrentar a violência dentro em mim mesmo e compreendê-la imediatamente, e esta instantaneidade da compreensão não é possível, se eu penso em têrmos do tempo, que é o solo em que o problema aprofunda suas raízes. Mas, como não temos capacidade para enfrentar a nossa violência, a nossa avidez, inventamos uma maneira de atender ao problema, a qual não tem realidade, não é um fato, apenas ideação.

Nessas condições, é possível, a vós e a mim, enfrentarmos a cólera, a violência, ou seja o que fôr, sem fazermos dela um problema, i.e., sem darmos ao problema a possibilidade de arraigar-se na mente? Só nasce o problema quando não somos capazes de atender ao fato com presteza e lhe proporcionarmos assim o solo onde êle criará raízes e se tornará um problema. E quando o problema surge, dizemos "Como livrar-me dêle?" — Assim inventamos o "gradualismo", a idéia de que ficaremos livres do problema gradualmente. Espero me esteja fazendo claro.

Se sou capaz de atender prontamente à cólera, ao ciúme, à violência, se sou capaz de enfrentá-los imediatamente, realmente, não há então problema nenhum. Só aparece o problema quando, não sabendo atender a êsse sentimento, dou-lhe abrigo na minha mente, ou seja o solo onde êle criará raízes, e alego que, para ficar livre dêle, é necessário o "gradualismo".

Nossa questão, pois, é esta: Podemos, vós e eu, enfrentar o fato imediatamente, sem fazermos dêle um problema? Tende a bondade de escutar. Posso encarar simplesmente o fato da cólera, da inveja, da ambição, ou o que quer que seja, sem apreciação, sem condená-lo, nem aceitá-lo? Isto é, posso observar a cólera sem lhe dar nome? Apresenta-se um sentimento e imediatamente o denominamos "cólera"; e esta própria palavra "cólera" é uma condenação. Posso, pois, encarar êsse sentimento sem lhe dar nome, sem condená-lo, julgá-lo ou compará-lo, sem identificar-me com êle? Isso, com efeito, significa encarar o fato e conservar a memória do fato sem nenhum dos fatôres estimativos.

Consideremos a questão de outra maneira. Diz o interrogante: "Falais de uma compreensão absoluta, mas não podemos compreender imediatamente, necessitamos do tempo". Vejamos se isso é exato. Pensais que em algum lugar está Deus, a verdade, essa coisa extraordinária que o homem busca incansàvelmente, e que entre essa coisa e *mim* existe um espaço, uma espessa muralha de vaidade, avidez, ambição, mêdo, etc. E, assim, dizeis: "Preciso de tempo para demolir a muralha, para desbastá-la ou torná-la transparente àquela beleza, àquela bondade". Afirmo, porém, o tempo nunca fará isso. Quer tenhais uma só vida ou cem vidas, enquanto estiverdes pensando em têrmos de tempo, jamais realizareis tal coisa. Todos os vossos livros sagrados, todos os vossos *gurus* vos dizem que precisais do tempo; mas quem é a entidade que precisa de tempo para desbastar ou demolir a muralha, dia a dia? Quem é que diz: "Há uma dis-

tância entre mim e aquela realidade?" Essa entidade mesma é a criadora do tempo, visto que deseja alcançar um certo resultado e pensa, portanto, em têrmos de "chegar lá". Criou ela, assim, esta ilusão de que há um espaço entre *mim* e aquela realidade, e depois de criar êsse espaço, êsse intervalo que é o tempo, ela pergunta: "Como lançar uma ponte sôbre êle?".

Vêde bem: Todo movimento por parte da mente, para alcançar aquilo que ela chama "realidade", cria o tempo, e êsse movimento, portanto, nunca poderá transpor o intervalo. Enquanto existir a entidade que diz: "Vou disciplinar-me, controlar-me, exercitar-me na virtude todos os dias, a fim de demolir a muralha que me separa da realidade" — essa própria entidade está criando a muralha, a distância entre ela e a realidade. A virtude é essencial, porque traz a liberdade, a ordem, mas a virtude sòzinha não conduz à realidade. A virtude tem a aprovação da sociedade e para se viver em sociedade necessita-se de virtude. Provàvelmente muitos de vós sois virtuosos, bondosos, benevolentes, compassivos, despretenciosos e, apesar disso, pode ser que não tenhais aquela coisa extraordinàriamente criadora, sem a qual a virtude tem muito pouca significação e é, tão só, um lubrificante que habilita a sociedade a funcionar suavemente.

Assim, enquanto a mente pensar em têrmos de "vir a ser"; enquanto disser "Estou aqui e preciso chegar *ali*"; enquanto desejar ser alguma coisa, patrão, presidente; enquanto disser "Vou preencher-me, alcançar Deus" — ela necessita do tempo. Pois

bem. Se puderdes ver e compreender êsse fato, então, nesse momento não existireis, sereis *nada* e, para vós, não existirá o tempo. Não haverá então nenhum intervalo, não haverá "eu" e "aquela realidade", mas só um "estado de ser"; e, daí, vem uma alegria extraordinária. Não há então luta, nem dissipação de energia. Necessitais de uma abundância de energia, mas não por meio de contrôle. Se dizeis: "Vou fazer voto de castidade, vou disciplinar-me, para ter mais energia" — isso é apenas uma transação de outra espécie. Tôdas essas coisas são manobras e truques da mente, com o fim de alcançar alguma coisa, de chegar a alguma parte. A pessoa que fêz voto de castidade não conhece o amor, porque está tôda ocupada consigo mesma e seus próprios interêsses.

Importa, pois, se veja tudo isso, que se veja como a mente engana a si própria, como criou a distância entre ela própria e aquela realidade que ela pensa existir. Enquanto houver êsse movimento da mente em direção de um alvo, tem de haver "gradualidade", tem de haver o tempo. Com o simples *escutar* dêsse fato, com enfrentá-lo e compreendê-lo, dentro de nós mesmos, a mente será libertada do tempo. Mas, só se pode escutá-lo, só se pode compreendê-lo, quando não há idéia de vir a ser, quando não desejais ser alguma coisa, quando a vossa mente está despojada de tôdas as suas experiências — e ela está assim, agora, que me estais escutando. Não estais sendo magnetizados por mim, e, sim, estais quietos, porque escutais algo que é verdadeiro. E quando se pode escutar tranqüilamente durante um minuto, durante um segundo, essa própria quietude, o próprio silêncio dêsse

segundo encerra tôda a abundância, tôda a riqueza, beleza e bondade da verdade. Nesse momento há uma atenção completa, sem "motivo", e essa completa atenção não está desejando algo mais, não está desejando ser melhor. Essa atenção total é "o bom", e, portanto, não existe "melhor".

Digo que a mente pode ser livre imediatamente, e que não existe nenhum processo gradual de libertar a mente através do tempo. Só a mente que está muito quieta pode ser livre, e essa quietude não pode ser comprada pela acumulação de saber ou de virtude, não pode ser conhecida através de nenhuma disciplina ou sacrifício. Só quando estamos *escutando* tôdas as coisas, na vida, quando estamos observando, no espelho das relações, o reflexo dos nossos próprios pensamentos, desejos, ambições, invejas, desígnios — observando-os, simplesmente, sem aceitação nem condenação — só então a mente se torna, de fato, tranqüila. Para que a mente fique tranqüila, necessita-se de abundante energia e, portanto, da cessação do conflito. E só ao cessar o conflito, em todos os níveis, a mente fica tranqüila. Quando não há dissipação de energia, pelo conflito, pelo esfôrço, pela disciplina, a mente se torna totalmente quieta e essa quietude mesma é abundância de energia. Só então aquela realidade que não pode ser expressa em palavras, que não tem símbolo nenhum, aquela coisa que não pode ser descrita ou sôbre a qual não se pode especular, desponta na existência.

9 de março de 1955.

OITAVA CONFERÊNCIA DE BOMBAIM

SEM dúvida, a coisa mais importante que todos temos que fazer é compreender a nossa vida e a nossa fuga da vida; mas todo o nosso padrão de pensar, assim me parece, é um "processo" de fuga aos nossos conflitos diários, nossas misérias e nossas responsabiildades de cada dia, do caos extremo em que nos achamos. Temos de compreender esta confusão, e não andarmos à procura de alguém para nos ajudar a fugir dela. Os fatos da nossa vida são importantes, e não as fugas ideológicas que tôdas as religiões e a maioria das filosofias oferecem. Parecemos achar dificílimo vivermos com profunda plenitude de pensamento, com intenso e abundante amor, e os mais de nós não temos interêsse nisso; nosso interêsse é só de tentarmos "vir a ser alguma coisa".

Se observardes, vereis que tôdas as nossas religiões, todos os nossos líderes políticos e os chamados guias espirituais, tôdas as nossas organizações, tanto mundanas como religiosas, oferecem métodos de "vir a ser alguma coisa", aqui neste mundo ou no chamado mundo do espírito. No esfôrço e na luta para "vir a ser alguma coisa", perdemos a beleza do viver e, se pudermos compreender o problema do esfôrço,

então, é bem possível que sejamos capazes de compreender as nossas vidas, e vivermos ricamente, consagrando-nos a cada dia de per si, com abundância, com profunda paixão, e nunca antecipando o amanhã. E' por não compreendermos o eterno presente, que queremos encontrar algo além do presente, amanhã. E que é que nos está impedindo de compreender a nossa vida, tão inçada de sofrimentos, conflitos, ambições e discórdias entre os homens? Porque não compreendemos todo êsse "processo" do viver, e estamos sempre a procurar, noutra parte, a verdade, a vida, algo de imensurável, fora dos limites do pensamento? Que é que nos está bloqueando a compreensão? Será por querermos achar uma resposta distanciada dos fatos do viver de cada dia, algo mais satisfatório e permanente, algo que nos proporcione um sentimento de bem-estar? Que é que cada um de nós deseja na vida?

Podé a vida oferecer outra coisa senão conflitos e sofrimentos, enquanto estivermos utilizando a vida como meio de obtermos "outra coisa"? No entanto, é isso o que todos estamos fazendo, não é verdade? Estamos utilizando a vida, o nosso viver diário, que é, em si, uma coisa extraordinária, para chegarmos a uma outra parte, para alcançarmos o céu, para acharmos a verdade, Deus; e as várias filosofias, os sistemas e instrutores religiosos nos oferecem os meios de fuga ao nosso viver e à compreensão dêsse viver.

Ora, parece-me, a compreensão da vida não é um problema difícil, mas o que o torna difícil é a interpretação, as opiniões, os valores, os juízos que temos. E' êste condicionamento da mente que cria

as guerras, gera a escuridão e os mitos, e, se pudermos apagá-lo, não no curso do tempo, mas dia por dia, veremos, então, não ser a vida um degrau para um estado superior. Não há nada superior. Se sei viver, então o próprio viver é a verdade. Mas não se trata de "como se deve viver a vida". Há uma vasta diferença entre o viver real e o que deveria ser. Foi a praga do ideal, do que "deveria ser", que corrompeu o nosso pensar. E é possível apagarmos todo o nosso condicionamento? Acho que esta é a questão real, e não o "como melhorar o nosso condicionamento" ou "qual é a melhor maneira de pensar". Todo pensar, seja comunista, socialista, capitalista, seja católico, hinduísta, etc., é uma forma de condicionamento. E se fôr possível apagar todo êsse "processo" de avaliação, conservar a memória sem os valores condenatórios ou justificativos, veremos então que a vida tem uma significação extraordinária.

Nessas condições, é possível apagarmos todos os valores, tôdas as ambições que estabelecemos para nós mesmos, e viver uma vida livre de esfôrço? O esfôrço baseado nas avaliações da memória é um processo de degeneração e destrói a claridade do pensar e do viver. Se puderdes escutar, sem apreciação, o que se está dizendo aqui, o vosso problema será então resolvido imediatamente, porquanto vós mesmos estareis percebendo a verdade, e não a interpretação da verdade, dada por outro. Não deveis, porém, de modo nenhum agir no sentido de libertar a mente da avaliação, da condenação, da justificação, da comparação, de todo o saber acumulado que vos faz pensar desta ou daquela maneira, porque tôda pressão

sôbre o pensamento é uma nova divagação. Todos nós pensamos sob pressão, não é verdade? Todo pensar é um "processo" de pressão, porque queremos tornar-nos alguma coisa, positiva ou negativamente — com o que provocamos a frustração. A pressão sôbre o pensamento leva à frustração, à aflição, ao sofrimento; e é possível viver-se sem pressão?

Sem dúvida, êsse é o nosso problema, não é verdade? Nosso problema é o de vivermos com riqueza, felicidade, doçura, livre de tôdas as aflições. Nossa vida está cheia de aflições e o que preocupa à maioria de nós é como escapar-nos da aflição; e se lhe não podemos escapar, servimo-nos do sofrimento como o meio de chegarmos à verdade, dizendo que temos de sofrer para compreendermos a alegria, para compreendermos o êxtase. Mas o sofrimento não leva ao êxtase, o sofrimento não leva à vida, à beleza, à luz.

Vivemos na aflição por estarmos sempre tentando tornar-nos algo. Se observardes a vossa própria mente, vereis que todo movimento do pensamento é ou em direção a alguma coisa ou fugindo de alguma coisa, e vossa vida é, por isso, uma série de batalhas, conflitos e dores. Não concordeis comigo: observai a vossa própria vida e vêde como é ela infeliz, como é vulgar, medíocre, estéril. A mente é limitada, está eternamente ocupada e, com essa mente, queremos achar algo que reside além do processo do pensamento. Compreendendo isso, dizemos que temos de silenciar a mente, e começamos a disciplinar, a controlar, a moldar a mente, dissipando dessa maneira a energia tão necessária para que a mente possa es-

tar tranqüila. Assim, pois, tornamos a nossa vida uma coisa complicada; e podemos varrer as coisas que nos estão convertendo em máquinas imitativas, não criadoras, não pensantes, varrer tôdas as frases muito batidas e que quase nada significam? Podemos afastar tudo isso para o lado, e ser simples, e começar de novo?

Isso só se pode fazer quando não pensamos em têrmos de tempo. Estamos habituados a pensar em têrmos de tempo, em têrmos de "vir a ser alguma coisa" — não é verdade? Vendo-nos confusos, na aflição, privados do amor, cheios do amargor da frustração, na luta perene pelo "vir a ser alguma coisa", dizemos: "necessito de tempo para ficar livre de tudo isso", — e nunca fazemos a nós mesmos esta pergunta: "Posso ser livre, não no tempo, mas imediatamente?". E' necessário fazermos sempre perguntas fundamentais e nunca procurarmos respostas para elas, porque as perguntas fundamentais não têm resposta. A própria pergunta, com sua profundeza e claridade, é sua própria resposta. Entretanto, jamais fazemos perguntas fundamentais; e uma dessas perguntas fundamentais é a de se é possível não pensarmos em têrmos de tempo.

A mente resulta do tempo, de séculos de memória, é o produto de inumeráveis experiências e avaliações; e pode essa mente pensar, pode essa mente *achar*, sem "vir a ser alguma coisa?" Se sois bom agora, não há problema algum; mas se pensais em têrmos de "vos tornardes bom", surge então o problema. Se não há amor em vós, a pergunta não é: "Como chegar a amar com o tempo", mas, sim,

"Que é o amor?". Se perguntais o que é o amor, isto é uma pergunta fundamental, e a resposta não tem de ser procurada, dependendo do interêsse e da capacidade de penetração do próprio interrogante.

Assim, pois, o importante, em nosso viver de cada dia, não é o que buscar e o que achar, mas o pôr-se têrmo a tôda busca, porque no buscar há pressão sôbre o pensamento. Tôda busca, como o sabemos, tem um "motivo", e havendo um "motivo", um incentivo na vossa busca, o que estais a buscar é o preenchimento dêsse "motivo"; por conseguinte, isso já não é busca.

Pois bem. Pode a mente deixar de buscar? Certo, todo movimento da mente, em qualquer direção que seja, tem um incentivo, e o incentivo cria o seu resultado próprio; e, por conseqüência, êsse resultado não é a verdade. A verdade se manifesta quando a mente não tem movimento algum, quando está completamente tranqüila.

Mas, vêde, a dificuldade é que todos nós fomos educados errôneamente e perdemos a iniciativa no pensar; por isso, queremos ser ajudados, e talvez seja por esta razão que estais aqui os mais de vós. Senhores, não há possibilidade de ajuda; compreendei isso, por favor. Não há possibilidade de ajuda — o que não significa devais ficar no desespêro. Pelo contrário. Mas acontece que, no momento em que começais a buscar ajuda, perdestes a iniciativa, e a iniciativa é o comêço daquela coisa extraordinária que se chama criação e que é a verdade. Permanecendo dentro das muralhas de vossa opinião, as muralhas de vosso próprio pensar, de vosso condicionamento,

de vossa ambição e confusão, quereis ser ajudado por um agente exterior, e, portanto, perdeis a iniciativa para saltar por sôbre a muralha. Àquele que, pensais, vos dará a mão para saltardes por sôbre a muralha, chamais vosso *guru* ou "aquêle que vos ama", ou a verdade; mas, se sois ajudado, perdestes a possibilidade de criar. A vida é um processo de descobrimento, e no viver de dia para dia, tendes de descobrir, por vós mesmo, a sua beleza, a sua extraordinária profundeza; e, por não amardes, por desejardes ser ajudado, perdeis a confiança, a iniciativa, tão essencial no "processo" do descobrimento. Tendo sido destruído, tendo-vos sido retirado o senso do descobrimento individual, ledes o *Gita*, vos voltais para Sankara, Buda ou Cristo e, tendo estabelecido autoridades, estais perdido. Êste é um fato simples. Estais perdido porque tendes guias, filosofias, disciplinas. Se estas coisas não existissem, não estaríeis perdido, porque então vós mesmo teríeis de investigar, dia por dia, momento por momento, teríeis de descobrir por vós mesmo.

Há diferença entre a confiança e o estado da mente que investiga constantemente, sem ter um "motivo". A confiança em si gera a agressividade, a arrogância, e sua ação é um "processo" egocêntrico; mas, para a mente que se acha num estado de constante investigação, não há acumulação de descobrimento, e só essa mente pode encontrar a verdade. A mente guiada nunca descobrirá o que é a verdade, pois só pode fazê-lo a mente que está livre da sociedade, livre de todo condicionamento e se acha, por conseguinte, num estado de revolução. Eis porque só

o homem verdadeiramente religioso é revolucionário, e o reformador não o é.

Creio, portanto, que o nosso problema não é de buscarmos aquilo que chamamos a verdade ou Deus, mas de libertarmos a mente de todo condicionamento hinduísta, maometano, cristão, etc., bem como de todo condicionamento que se cria quando sois ambicioso, invejoso, segundo o padrão da sociedade. A sociedade está baseada na atividade de reforma, e tôda reforma é continuação do passado; e só quando a mente percebe tudo isso e o compreende, há a possibilidade de vir à existência aquilo a que todos aspiramos tão ardentemente e sem o que a vida não tem muita significação: o real. Mas, para o experimentar do real não deve existir o "experimentador". O experimentador é o resultado do passado, êle é constituído de muitas acumulações, muitas lembranças; e enquanto houver experimentador, pensador, não pode existir aquilo que é a verdade. Quando a mente está livre do pensador, do experimentador, do "eu", como lembranças acumuladas, com seus padrões de avaliação — só então a mente pode estar tranqüila.

A tranqüilidade mental não pode ser concebida em têrmos de tempo. Essa tranqüilidade não tem continuidade, não é um estado que se alcança e que se faz continuar ou se perpetua. Quando a mente deseja fazer continuar uma experiência, está então presente o experimentador, e êsse experimentador é a avidez de *mais*. *O mais* cria o tempo, e enquanto a mente estiver pensando em têrmos de *mais*, o real não existirá.

Talvez tenhais escutado tudo isso, quietamente, e sem esfôrço. O mero escutar das palavras não é compreensão das palavras. Se, porém, escutais as palavras sem fazerdes nenhum esfôrço para prender ou experimentar alguma coisa, se escutardes, apenas, sem estenderdes a mão para apanhar, vereis, o próprio escutar produz em vós uma revolução inconsciente. Esta é a única revolução, porque uma revolução consciente, motivada pelo desejo, pelo esfôrço, é mera atividade de reforma. Se souberdes *escutar* tranqüilamente, sem esfôrço, sem interpretação, o que se está dizendo e, bem assim, tudo o que vos circunda, verificareis que estais *escutando* não só o que está muito perto de vós, mas também coisas que estão muito, muito longe — aquilo que não tem medida, nem espaço, que não está aprisionado em palavras nem no tempo. Mas para *escutar* aquilo que escapa a tôda medida, aquilo que é a verdade, a mente tem de estar muito tranqüila, e a mente não pode estar tranqüila enquanto busca, porque o buscar é uma forma de agitação. Quando a mente se acha de fato tranqüila, por estar tôda enlevada pela canção do seu próprio *escutar*, só então desponta na existência o imensurável, o eterno.

PERGUNTA: *Todos os nossos problemas parecem estar enraizados no pó do passado. E' possível nos tornarmos cônscios de todo o conteúdo do inconsciente e morrermos para êle, de modo que a mente fique fresca, nova?*

KRISHNAMURTI: Senhores, é muito interessante, quando fazemos uma pergunta, investigarmos

porque a fazemos. Qual é o impulso que nos leva a fazer uma pergunta? Ora, por certo, não é a resposta à pergunta que tem muita importância, mas, sim, o descobrirmos porque buscamos uma resposta, qual o "motivo", o incentivo dessa busca, e quem é a entidade que está a buscar uma resposta — pois, se não conhecemos o "motivo", qualquer resposta é sem valor. E, no momento em que se começa a descobrir o "motivo" com tôdas as suas extraordinárias variações, já nos achamos na esfera do autoconhecimento, já estamos compreendendo a nós mesmos no espelho de nossos próprios pensamentos, no espelho das relações; por conseguinte, não há mais questões de espécie alguma; cada problema é um acidente que nos dá a possibilidade de descobrir a verdade. Se, porém, meramente esperais por uma resposta, se esperais ajuda, nesse caso perdestes a iniciativa na ação do descobrimento.

Tende a bondade de *escutar*, porque isto é realmente importante. Estou convencido de que nossa felicidade está em nossas mãos e que a chave da felicidade é o autoconhecimento — não o autoconhecimento de Freud, de Jung, de Sankara, etc. mas o autoconhecimento descoberto por vós mesmos, nas vossas relações de cada dia. No espelho das relações tudo podereis descobrir sem lerdes um livro, e não necessitareis então de guias, os guias se tornam fatôres destrutivos. Pela observação, pelo percebimento sem esfôrço do movimento de vosso próprio pensamento, dia por dia — quando estais sentado num ônibus, quando viajais de carro, quando falais com vossa criada, com vossa espôsa, com vossos filhos — pela observação

de tudo isso, como num espelho, começais a notar como falais, como pensais, como reagis e descobrireis que na compreensão de vós mesmo ganhais algo impossível de ser achado nos livros, nas filosofias, no ensino de nenhum *guru*. Sois então vosso próprio *guru* e vosso próprio discípulo. Mas essa observação exige atenção, e só pode haver atenção quando não existe incentivo a alterar o que se descobre. Enquanto houver qualquer intenção de alterar o que se descobre, não vos mantendes completamente lúcidos. A atenção total é "o bom", e não pode haver atenção total se há qualquer intenção de condenar, de comparar ou de justificar o que se descobre. Ninguém pode dar-vos a solução que porá fim ao sofrimento, porque esta solução está nas vossas próprias mãos, bastando que saibais olhar-vos no espelho das relações, sem julgardes o que alí vêdes. Então, nem as religiões, nem os livros, nem os templos são necessários, porque, das profundezas do autoconhecimento, vereis surgir uma coisa que é atemporal, e as descrições da mente se tornam então de muito pouca importância. Então, conhecereis o amor.

Agora, diz o interrogante, todos os nossos problemas parecem estar enraizados no passado, e pergunta se é possível vermos com tôda a clareza todo o conteúdo do inconsciente e morrermos para êle, para que a mente fique fresca, nova.

Para a revelação dos vários níveis do inconsciente há o processo de análise e o de introspecção. Podeis observar e avaliar tôdas as coisas que pensais e vêdes, ou podeis analisar a mente, tanto a consciente como

a inconsciente, penetrando-lhe, passo a passo, todos os meandros e interpretando cada sonho.

Ora, tudo isso me parece muito entediante e não parece ser a maneira correta de proceder; porque, afinal de contas, no processo de introspecção e no "processo" de análise há sempre o analista, o "introspector", o avaliador, e, portanto, há sempre uma divisão na mente. Há sempre a dualidade do "observador" e da "coisa observada", a parte da mente que está "introspeccionando", analisando, e a outra parte que está sendo examinada, analisada; daí resulta haver sempre interpretação, avaliação, conflito. E uma vez que esta separação do analista e da mente analisada só leva a um conflito interminável, qual é, então, o outro caminho a seguir?

Talvez não seja um caminho, pois não há caminho que leve à verdade, não há sistema de meditação ou de disciplina que traga para a nossa vida de cada dia aquela coisa extraordinàriamente criadora. Mas existe a possibilidade, — quando prestamos verdadeiramente atenção a alguma coisa — de nos vermos num estado em que não há pensador, mas só pensar. Isto não é uma simples teoria: é um fato. O pensamento é fugitivo, transitório, um constante fluir, e quando há atenção total, o pensamento não pode criar nunca o permanente como pensador, como experimentador, como entidade que acumula experiência ou posses; só há, então, pensar e não mais pensador.

Escutai, e vereis como se pode dispensar todo êsse processo de análise e transcender o inconsciente, trazendo-se, assim, à mente o frescor da juventude, da

inocência; porque só a mente inocente, a mente nova, pode receber "o novo', e não a mente que se tortura com a análise, a mente moldada, controlada pela disciplina.

Assim, pois, só existe pensar, e o pensar é transitório; por conseguinte, tôdas as coisas que são acumuladas pelo pensar, todos os valores do esfôrço, da ambição, do desejo, são também transitórios. Enquanto há acumulação de experiência, de conhecimento, de tradição, de valores, tem de haver o inconsciente, com tôdas as suas sugestões de mêdo, de "motivos" ocultos; e, no momento em que estiverdes cônscio dêsse fato, claramente, simplesmente, no momento em que perceberdes de maneira real que o pensar é transitório, fluido, cessa tôda atividade de acumulação.

Afinal de contas, o inconsciente é o que foi acumulado ontem e em muitos milhares de dias passados; êle é não só a acumulação de séculos de tradição, mas também a acumulação que prossegue no movimento do presente, no contacto da mente com o presente. Tudo isso constitui o inconsciente. A mente apega-se ao que ela acumulou, porque pensa que nisso há clareza, há esperança, cessação do mêdo; mas essa própria acumulação é a causa do mêdo. Naquilo que acumulou, a mente encontra um sentimento de permanência; o fato, porém, é que o pensamento é transitório e que tudo o que êle acumula, também transsitório. Pode a mente pensar que existe um *atman* permanente, uma alma permanente, uma realidade permanente, mas êsse próprio pensar sôbre o permanente, é impermanente. O pensamento, sendo transitório,

só pode criar o impermanente, embora engane a si próprio com a crença de que criou o permanente. Se perceberdes esta verdade com simpleza, imediatamente, libertareis todo o conteúdo do inconsciente e a mente nunca mais tornará a acumular; e, no momento em que cessa de acumular, em que deixa de existir como entidade acumuladora, a mente está fresca, está jovem, inocente, totalmente nova.

Como sabeis, a dificuldade está em que não desejamos, realmente, ser simples; somos indolentes, e, por conseguinte, inventamos o processo do tempo. Mas se não sois indolente, se vossa mente está desperta, se vêdes com tôda a simplicidade que todo o pensar é transitório, que o pensamento não tem morada permanente, que não há nenhum ponto em tôrno do qual podeis pensar, e que o ponto fixo é criado pelo pensamento e, por conseguinte, é tão transitório como o pensamento que o criou — se virdes isso, realmente, com simplicidade, diretamente, vereis, então, cessar tôda avaliação. Há, nesse caso, uma memória não contaminada pelos valores, e a mente, portanto, embora tenha a possibilidade de lembrar-se, é nova.

PERGUNTA: *A verdade ou a realidade parecem estar tão perto, quando estamos a escutar-vos, mas, após, ela se acha mais distante e mais inacessível do que nunca, e nos sentimos completamente frustrados. Que fazer?*

KRISHNAMURTI: Porque é que, quando estais a escutar, como diz o interrogante, pareceis compreender? Porque é que vossa mente está agora muito

clara e simples? E' porque a minha voz vos está magnetizando? Ou será porque nós dois estamos nesta hora sèriamente interessados, sem "motivo", sem buscar, sem desejar alcançar algo, mas escutando, simplesmente, sem nenhuma idéia de nos acharmos distantes ou próximos? Achamo-nos, os dois, num estado de atenção, não é verdade? É evidente, quem aqui está falando não está procurando converter-vos a coisa alguma, a nenhum sistema, nenhuma filosofia, não vos está convidando a entrardes para nenhuma organização, a adotardes qualquer disciplina, e não vos está oferecendo coisa alguma. Está, simplesmente, a descrever o fato, e o fato é muito mais significativo do que vossa opinião, do que vossa interpretação ou julgamento do fato. Êle vos diz: "Abstende-vos de julgamento, ponde de parte a comparação, a avaliação, e escutai simplesmente o fato". Está-vos apresentando o fato, sem convidar-vos a fazer qualquer coisa com relação a êle. Estai cônscio, simplesmente, de que sois ambicioso, e de que, enquanto há ambição, tem de haver mêdo, frustração, e agonia do não preenchimento. Isso é um fato. Enquanto fordes ambicioso, em qualquer sentido, neste mundo ou no chamado mundo espiritual, enquanto estiverdes "juntando" virtude como meio de alcançar o céu, é inevitável o mêdo. A virtude como meio de alcançar o céu leva apenas à respeitabilidade, que é uma coisa feia, uma coisa desprezível. . .

Assim, pois, o importante é que se esteja cônscio, que se perceba o fato de que a ambição sob qualquer forma gera a inveja, o antagonismo, e que, com seu preenchimento, vem o mêdo. E estais vendo êsse fato

agora, quando escutais. Que acontece, porém? Vêdes a verdade do fato e, neste momento, o fato é real e deixais de ser ambicioso e não existe mêdo; mas quando vos ides daqui, de novo vos vêdes prêso entre as engrenagens da sociedade respeitável, e criastes assim uma divisão. Enquanto estais escutando o fato, sois livre, mas depois de vos irdes daqui há conflito e dizeis, então: "Como posso voltar ao fato? Vi-o muito claramente, mas agora não o vejo". Êsse próprio desejar ver o fato está criando a perturbação, a separação. Entretanto, se ficardes profundamente cônscio de que estais desejando ver de novo o fato, o que é uma outra forma de ambição, vereis, então, que já não tereis necessidade de assistir a uma só destas reuniões. Porque sois, aí, vosso próprio instrutor e vosso próprio discípulo; a vida estará aberta para vós e ireis ao seu encontro todos os dias, com plenitude, riqueza, felicidade. Mas isso não é possível, se há qualquer forma de acumulação. O ver o fato simplesmente, sem avaliação, traz a liberdade. Não podeis traduzir o fato; êle é um fato, quer gosteis dêle, quer não, e quando vos pondes frente a frente com o fato, não há mais problema algum.

PERGUNTA: *O amor, a morte e Deus é uma tríade incognoscível, mas a vida nada significa enquanto não fôr compreendida a significação dessas três coisas. Como pode a mente compreender aquilo que ela não conhece?*

KRISHNAMURTI: A mente só pode compreender o que conhece, e não pode compreender o que não conhece. Isto é muito simples. A mente só pode com-

preender aquilo que ela sabe; pois a mente é, ela própria, resultado do conhecido, não é verdade? Vossa mente é, agora, o resultado do conhecido, de muitos dias passados, de muitas experiências, de tôdas as memórias, valores, juízos, opiniões, temores, legados pela tradição. Sendo o resultado do conhecido, como pode a mente conhecer o desconhecido? Ela pode inventar, pode especular, mas sua especulação não passa de mera reação do conhecido; como qualquer teoria, qualquer Utopia, qualquer filosofia, ela é a reação, o reflexo daquilo que é conhecido.

Assim, pois, a mente jamais pode conhecer o desconhecido; é isso, porém, o que cada um de nós está tentando fazer. A mente está a buscar o desconhecido através do conhecido, e tal é a razão por que as vossas disciplinas, as vossas meditações dão em frustração; elas nada significam, porque estais a mover-vos do conhecido para o conhecido. Nunca fazeis a pergunta fundamental: Pode a mente ficar livre do conhecido e não desejar alcançar o desconhecido? Tende a bondade de *escutar*. Pode a mente, resultado do conhecido, libertar-se de seu próprio movimento? Pode a mente apagar todos os dias passados, sendo êsses dias passados, o conhecido? O conhecido, em contacto com o presente, cria o futuro, que é também resultado do conhecido.

É possível, pois, serdes libertados do conhecido? Êste é que é o nosso problema, e não se a mente poderá, em algum tempo, compreender o desconhecido. Pode a mente compreender o amor? Ela poderá com-

preender a sensação, o desejo, saber moderar uma sensação, manipular, entortar, reprimir, sublimar o desejo; mas pode a mente conhecer o amor? Pode a mente conhecer o que é incognoscível? Pode a mente, que mede o tempo, a distância, o espaço, descobrir o que é imensurável?

Quereis conhecer o incognoscível e, por isso, a vossa mente está sempre no seu encalço; ledes, meditais, sufocais-vos com idéias, com livros, com líderes e guias; jamais, porém, fazeis esta pergunta: "Pode a mente ficar livre do conhecido?". Compreendeis?

O conhecido é constituído das coisas que aprendestes, das coisas que vos ensinaram: Que sois brâmane ou não brâmane, hinduísta, cristão ou muçulmano; êle é constituído do vosso desejo de ser Primeiro Ministro, de ser rico, etc. E pode a mente, resultado do conhecido, fazer outra coisa senão mover-se perpètuamente dentro da esfera do conhecido? Pode êsse movimento dentro da esfera do conhecido terminar, sem haver nenhum incentivo? Porque, se há incentivo, êste é também o conhecido.

Enquanto houver êsse movimento do conhecido na esfera do conhecido, é impossível, à mente, conhecer o desconhecido. Assim sendo, pode cessar êsse movimento do conhecido? Êste é o problema. Se fizerdes esta pergunta simples, sem tentardes achar uma resposta, sem desejardes chegar a alguma parte, e se vos sentirdes interessado, porque se trata para vós de uma questão fundamental, vereis, então, que

finda o movimento do conhecido. E isso é tudo. Com a cessação da mente como "o conhecido", com sua libertação do movimento do conhecido, surge na existência o incognoscível, o imensurável, e aí se encontra o êxtase, a felicidade suprema.

13 de março de 1955.

ÍNDICE DAS CONFERÊNCIAS

ÍNDICE DAS PERGUNTAS

Pág.

Pág.

Opiniões sôbre os ensinos de

JIDDU KRISHNAMURTI

ÊSTES conceitos serenos e penetrantes de um pensador oriental aprofundam até às raízes dos nossos problemas ocidentais de ajustamentos a padrões e perda dos valores pessoais. Penso que muitos encontrarão neste livro uma nova e profunda perspectiva do problema da compreensão de si mesmos e uma penetração mais profunda do significado da liberdade pessoal e do amor em plena maturação.

ROLLO MAY

LI-O com grande interêsse e atenção... A cristalina simplicidade de muitos dos seus conceitos faz-nos suspender a respiração. Num só parágrafo, muitas vêzes numa única sentença, oferece-se ao leitor o suficiente para ficar investigando, indagando, pensando, dias seguidos. A êste respeito, êle (o livro) é a um tempo criador e provocante... Pessoalmente, acho que o maior mérito dêste livro de Krishnamurti está na sua profunda penetração, tanto psicológica como mística, do homem e das suas relações".

ANNE M. LINDBERGH

ESTA é a obra de um espírito livre, aplicado à investigação da verdade sem interêsses egoístas. Krishnamurti faz com respeito à educação o que a fotografia tridimensional faz com respeito aos filmes naturais — põe a realidade em perspectiva... Quando Krishnamurti nos convida a indagar, êle próprio contribui para que o façamos com gôsto". Sou-lhe profundamente grata pelas duas coisas".

MARGUERITE HARMON BRO.

TUDO se encontra em Krishnamurti, tôdas as centelhas valiosas que já iluminaram o espírito dos pensadores e, entretanto, o que êle próprio diz não poderá ser encontrado integralmente nas obras de nenhum dos pensadores hodiernos.

René Fouéré

KRISHNAMURTI, para mim, é o mais profundo dos psicólogos atuais; um psicólogo que leva a sua análise, sua investigação, até às últimas conseqüências; que convida cada um de nós a ser um psicólogo imparcial, sincero, honrado em si mesmo, sem vacilação alguma, nem temor dos resultados.

Arturo Montesano Delchi

Krishnamurti

VISÃO DA REALIDADE

Instituição
Cultural
Krishnamurti